



IHU

ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 523 | Ano XVIII | 4/6/2018

A esquerda e a reinvenção da política

Eduardo Gudynas

Raúl Zibechi

Pablo Míguez

Flávia Cêra

Gisele Cittadino

Alexandre Costa

Leia também

- Alessandra Smerilli
- Eduardo Vicentini
- Luiz Gonzaga Belluzzo
- Gabriel Adam
- Fernando Del Corona

A esquerda e a reinvenção da política. Um debate

Nos tempos atuais, algumas das observações mais recorrentes acerca da política brasileira referem-se ao esgotamento da esquerda. De outro lado, a direita é associada como responsável por profundos retrocessos em curso, por exemplo, no atual governo. O debate se acirrou de tal maneira que, não raro, esgota-se qualquer possibilidade de avanço ou até mesmo de compreensão da realidade. Para além de projetos de poderes e para além de experiências governamentais, impõem-se a necessidade de analisar as perspectivas políticas do Brasil contemporâneo.

Esta edição da revista **IHU On-Line** se insere neste debate, enfocando o pensamento de esquerda no país e, por extensão, da América do Sul. Com este intuito, a publicação se soma ao **3º Ciclo de Estudos – A esquerda e a reinvenção da política no Brasil contemporâneo. Limites e perspectivas**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. A atividade iniciou-se no dia 22 de março e encerrou-se em 28 de maio. O 4º Ciclo já está sendo preparado. Com o título **A reinvenção da política no Brasil contemporâneo. Limites e perspectivas**, as atividades serão realizadas em dois dias no próximo semestre, nos meses de setembro e novembro. Mais detalhes em ihu.unisinos.br/eventos.

Nesta edição da **IHU On-Line**, o pesquisador uruguaio **Eduardo Gudynas** afirma que uma nova esquerda é imprescindível para a América do Sul e reconhece que a situação é muito complicada, porque o esgotamento dos progressismos tem efeitos negativos multiplicados. Ele entende que “o compromisso de esquerda com a justiça social mantém toda a sua vigência e, com isto, a necessidade de democratizar a política”. No entanto, precisa ser “nova” porque a temática ambiental deve ser somada à sua postura tradicional.

O escritor e ativista uruguaio **Raúl Zibechi** observa que o ciclo progressista chegou ao fim e está em crescimento uma nova direita. A esquerda, por sua vez, necessita de um projeto de transformação da sociedade que não passe necessariamente pela ocupação do Estado. E para o professor **Pablo Míguez**, da Universidade Nacional de San Martín – UNSAM e docente da Universidade Nacional de General Sarmiento – UNGS e da Universidade de Buenos Aires – UBA, a esquerda seguirá questionando as pessoas porque as desigualdades do capitalismo não param de crescer.

A psicanalista **Flávia Cêra** chama atenção para uma realidade trágica dos dias de hoje: a lógica

de extermínio perde o véu e está em praça pública. Nesse cenário de brutalidade, há uma crise da política representativa que pegou a esquerda de jeito, enquanto a direita suprime a compreensão e o diálogo.

A professora **Gisele Cittadino** lembra que o discurso anticorrupção volta-se contra governos populares no Brasil e que quando as elites brasileiras têm seus interesses contrariados, o tema reaparece. “Nem os governos militares, durante os quais consagram-se políticos como Paulo Maluf, José Sarney ou Antônio Carlos Magalhães, nem a era FHC, com suas privatizações enviesadas ou com a compra da reeleição, passaram para a história como governos corruptos.”

O professor **Alexandre Costa** defende que uma análise sobre o futuro e a relevância das esquerdas na política brasileira precisa reconhecer a “existência de algumas conquistas sociais em 13 anos de governo encabeçado pelo maior partido de esquerda brasileiro”, mas também necessita “colocar o dedo na ferida” para verificar as consequências da política do “ganha-ganha” e das apostas econômicas e ambientais feitas nos últimos anos.

A edição traz ainda um artigo de **Eduardo Vicentini de Medeiros**, professor de Filosofia da Unisc, sobre os 90 anos do *Manifesto Antropófico*, de Oswald de Andrade, completados em maio; a crítica de **Fernando Del Corona** sobre o filme *A cidade do futuro*, dirigido por Cláudio Marques e Marília Hughes; o artigo de **Gabriel Adam** que discute a reaproximação das duas Coreias; o texto de **Faustino Teixeira**, intitulado *O Mistério na tessitura da Vida: A espiritualidade de Gilberto Gil*; e as entrevistas com o economista **Luiz Gonzaga Belluzzo**, sobre o documento do Vaticano *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones*; e com a economista italiana **Alessandra Smerilli**, que propõe uma nova perspectiva de economia.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Foto: Gustavo Diehl.
Esta imagem faz parte da série “(re)tratos”, projeto iniciado em 2008 e que segue sendo realizado.

Sumário

- 4 ■ **Temas em destaque**
- 6 ■ **Agenda**
- 8 ■ **Luiz Gonzaga Belluzzo:** A economia se descolou da vida das pessoas. Uma análise do documento 'Oeconomicae et pecuniariae quaestiones'
- 13 ■ **Alessandra Smerilli:** Economia de comunhão é alternativa à voracidade de um mercado predador
- 26 ■ **Tema de capa | Eduardo Gudynas:** A nova esquerda é imprescindível para a América do Sul
- 30 ■ **Tema de capa | Raúl Zibechi:** Ciclo progressista chegou ao fim e está em crescimento uma nova direita
- 36 ■ **Tema de capa | Pablo Míguez:** Depois de governos progressistas, é inadmissível o enfraquecimento do campo popular
- 40 ■ **Tema de capa | Flávia Cêra:** A lógica de extermínio perde o véu, está em praça pública
- 44 ■ **Tema de capa | Gisele Cittadino:** Discurso anticorrupção volta-se contra governos populares no Brasil
- 48 ■ **Tema de capa | Alexandre Costa:** As necessidades do Antropoceno e a época das tecnologias digitais urgem um outro modo de fazer política
- 54 ■ **Faustino Teixeira:** O Mistério na tessitura da Vida: A espiritualidade de Gilberto Gil
- 64 ■ **Cinema | Fernando Del Corona:** A cidade – e o país – do futuro
- 66 ■ **Crítica internacional | Gabriel Adam:** Reaproximação das duas Coreias: os primeiros passos de uma longa caminhada
- 68 ■ **Publicações | Flavio Williges:** O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza
- 69 ■ **Publicações | Massimo Borghesi:** O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo
- 71 ■ **Outras edições**



ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi – MTB 7.466/RS
(vnechi@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do site

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia

Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen, William Gonçalves, Stefany de Jesus Rocha, Wagner Fernandes de Azevedo e Eric Machado.

**Instituto Humanitas Unisinos - IHU**

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS

CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128

e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider
(jacintos@unisinos.br)

Entrevistas completas em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

Controle biológico como alternativa ao consumo excessivo de agrotóxicos



“O controle biológico não irá substituir os produtos químicos na totalidade. Então, preconizamos, de modo geral, que ele seja parte do manejo integrado de pragas. Entretanto, existem situações em que ele pode ser utilizado, como no caso da cana-de-açúcar.”

José Roberto Postali Parra, engenheiro agrônomo, professor sênior do Departamento de Entomologia e Acarologia da ESALQ/USP. Acesse a entrevista em <http://bit.ly/2kNrn10>.

Somente terra é insuficiente para sobrevivência e etnodesenvolvimento dos Kaingang



“O exemplo mais claro de que somente a terra não resolve a questão do desenvolvimento indígena são os conflitos, a violência e as disputas que ocorrem nas atuais TIs. Ampliar a quantidade de terras não levará os Kaingang a viver de caça e pesca.”

Henrique Kujawa, graduado e mestre em História, doutor em Ciências Sociais, professor do Mestrado em Arquitetura na Faculdade Meridional. Acesse a entrevista em <http://bit.ly/2svPI56>.

Redes de agroecologia como uma alternativa à agricultura industrial



“Um dos principais objetivos da agroecologia é construir sistemas agroalimentares localizados, aproximando a produção do consumo.”

Paulo Petersen, coordenador executivo da AS-PTA e membro do Núcleo Executivo da Articulação Nacional de Agroecologia - ANA. Acesse a entrevista em <http://bit.ly/2J9L1mD>.

Transposição do Rio São Francisco é um “elefante branco”



“Embora importantes e necessárias, estas medidas não são suficientes para reverter a situação atual de disponibilidade hídrica do rio e de seus afluentes e reservatórios superficiais. A razão é a mudança drástica do regime hidrológico de seus cursos d’água e da vazão de suas fontes.”

José do Patrocínio Tomaz Albuquerque, geólogo, mestre em Engenharia Civil, professor aposentado da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Acesse a entrevista em <http://bit.ly/2LW4bdr>.

Reforma tributária e a redução da regressividade do imposto



“Os salários são corrigidos anualmente, no mínimo pela inflação do ano anterior. Pessoas que eram isentas passam a pagar imposto em determinado momento. Pessoas que estavam em faixas mais baixas passam a pagar em faixas mais altas com a simples correção do salário pela inflação.”

Rodrigo de Losso, doutor em Economia, professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo - FEA/USP. Acesse a entrevista em <http://bit.ly/2sv2V94>.

Textos na íntegra em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Temendo o povo

“A greve de caminhoneiros explicitou a inanidade política dos principais atores nacionais. Não apenas porque ele deixou a nu o simples fato de que não existe governo no Brasil. A derrubada do governo por pressão grevista seria um processo civilizatório.”

Artigo Vladimir Safatle, filósofo, professor livre-docente do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo - USP. O texto completo está disponível em <http://bit.ly/2Jbp5TS>.

Cresce chance de Temer não terminar mandato, dizem membros do Congresso e STF

Aliados de Michel Temer no Congresso Nacional e ministros do Supremo Tribunal Federal afirmam que o governo atingiu um nível extremo de enfraquecimento político, não descartando, em caso de piora na situação, o risco de a gestão não conseguir se sustentar nos sete meses que lhe restam.

Reportagem de Ranier Bragon, Letícia Casado e Daniel Carvalho, publicada por Folha de S. Paulo. A reportagem completa está disponível em <http://bit.ly/2J29x9k>.

Caminhoneiros dobram a aposta, ganham adeptos e amplificam pedidos por “intervenção militar”

Não é só por 46 centavos. O presidente Michel Temer (MDB) bem que tentou aplacar a ira dos caminhoneiros em greve ao fazer importantes concessões à categoria, mas pelo menos um grupo expressivo deles não se mostra satisfeitos: agora eles querem mais. Mais de 500 pontos de mobilização permanecem ativos na segunda, desafiando o Planalto e a estabilização da rotina das cidades.

Reportagem de Felipe Betim, publicada por El País em 28-5-2018. O texto completo está disponível em <http://bit.ly/2Jn44cl>.

Cortes em saúde e educação ajudarão a pagar diesel mais barato para caminhoneiros

Programas voltados para a juventude e de combate à violência de gênero também sofrerão cortes. Governo Temer também arrecadará mais impostos de diversos setores. Na Educação, o corte será de R\$ 55,1 milhões, destinados inicialmente para a concessão de bolsas do Proies. Também haverá corte de R\$ 135 milhões de um programa destinado para o fortalecimento do SUS.

Reportagem é de Felipe Betim, publicada por El País, 31-5-2018. O texto completo está disponível em <http://bit.ly/2swUYPP>.

A questão nacional: o desafio maior dos progressistas

A esquerda tem de produzir uma identificação coletiva que não dependa, como na alternativa da extrema-direita, da exclusão do estrangeiro. O grande desafio é produzir uma identificação coletiva que não dependa da exclusão do estrangeiro, mas que seja capaz de produzir um sentimento coletivo forte o bastante para legitimar políticas públicas capazes de incluir indivíduos de diferentes classes, gêneros e identidades étnicas.

Artigo do professor Roberto Dutra, publicado por El País, 20-5-2018. O texto completo está disponível em <http://bit.ly/2J3qqAq>.

O Papa: a dicotomia entre a ética das religiões e os interesses das finanças é trágica e falsa

O egoísmo e a exclusão, a crise econômica e a falta de emprego, as ameaças às famílias e a indiferença em relação aos jovens, aos pobres e aos migrantes. A “cultura do descarte”. O Papa Francisco reflete sobre os desafios que tornam este mundo de hoje incerto e, durante a audiência na Fundação Centesimus Annus pro Pontífice, invocou “uma cultura global de justiça econômica, de igualdade e de inclusão”.

Reportagem é de Salvatore Cernuzio, publicada por Vatican Insider, 26-5-2018. Acesse o texto completo em <http://bit.ly/2J8sYZW>.

Programação completa em ihu.unisinos.br/eventos

Dos. La máquina de la teología política y el lugar del pensamiento.
Obra de Roberto Esposito

5/jun

Horário
19h30min

Conferencista
Prof. Dr. José Roque Junges – Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

Revolução 4.0 e o trabalho. Dados esclarecedores e a necessária renda universal

6/jun

Horário
19h30min

Conferencistas
Prof. MS Gilberto Faggion – Unisinos e Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz – Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

Desigualdade. O que pode ser feito? Obra de Anthony B. Atkinson

7/jun

Horário
19h30min

Conferencista
Prof. MS Márcio Eloir Schweig – Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

Violências e a violação de direitos

14/jun

Horário
17h30min

Conferencista
Profa. Dra. Maria Palma Wolff – PUCRS

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

Determinantes da desigualdade social e da riqueza no Brasil

27/ago

Horário
19h30min

Conferencista
Prof. Dr. Pedro Herculano de Souza – IPEA – Brasília – DF

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

Desigualdades no Vale do Rio dos Sinos. Desafios e alternativas

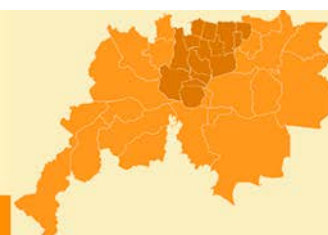
11/set

Horário
19h30min

Conferencista
Prof. Dr. Carlos Paiva – FEE – RS e FACCAT – RS

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

ObservaSinos
OBSERVATÓRIO DA REALIDADE E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS
DO VALE DO RIO DOS SINOS





Ecofeira

Todas as
quartas-feiras,
em frente ao IHU.

Das 10h às 18h

A economia se descolou da vida das pessoas. Uma análise do documento ‘*Oeconomicae et pecuniariae quaestiones*’

Patrícia Fachin

O que está exposto no documento *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones* — Considerações para um discernimento ético sobre alguns aspectos do atual sistema econômico-financeiro, publicado na semana passada pelo Vaticano, “é o descolamento do funcionamento da economia capitalista, comandada pela finança, da vida concreta das pessoas”, diz o economista Luiz Gonzaga Belluzzo à **IHU On-Line**, ao comentar o texto, na entrevista a seguir, concedida por telefone. “Há no texto um tratamento muito interessante dessas relações entre o que podemos chamar de a ‘ética cristã’, particularmente católica, e o movimento da economia hoje, e as dificuldades que há na vida das pessoas por causa do funcionamento da economia. É uma combinação muito rica do ethos moral católico da igualdade e da fraternidade, que se retomou pelo Iluminismo”, frisa.

De acordo com o economista, o documento chama atenção, de um lado, para o fato de que “a despeito da ação dos bancos centrais para impedir que houvesse um colapso, a vida das pessoas, sobretudo das camadas mais baixas — aproximadamente 90% —, piorou muito, ou seja, se agravou a situação de penúria, de carência e insatisfação com as necessidades mais básicas”. E sugere, de outro lado, que sejam feitas taxações à economia financeira, de modo que se desenvolva uma economia que permita às pessoas viverem com mais liberdade e segurança, como foi possível com o modelo do estado de bem-estar social. “Depois de um período turbulento da Grande Depressão e da Guerra, os conservadores europeus e Roosevelt nos Estados Unidos pensaram em colocar a economia a serviço da vida, e isso é

o estado de bem-estar: a criação de um sistema de coordenação da economia com aumento da carga tributária, com uma tributação progressiva, o controle do movimento de capitais, as políticas de previdência social, que estão sendo destruídas agora e não estão sendo reconstruídas, a segurança e o conforto do cidadão, os salários crescendo de acordo com a produtividade, o investimento público criando infraestrutura. Foi uma experiência tão bem-sucedida que é chamada de os ‘30 anos gloriosos’. O documento rememora um pouco dessa experiência”, explica.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do dia de 25-5-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2xHa1fM>

Luiz Gonzaga Belluzzo é graduado em Direito pela Universidade de São Paulo – USP, mestre em Economia Industrial pelo Instituto Latino-Americano de Planificação-Cepal e doutor em Economia pela Universidade de Campinas – Unicamp. Foi secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda e, atualmente, é professor titular do Instituto de Economia da Unicamp. É um dos fundadores da Faculdade de Campinas - Facamp, onde é professor. É autor de *Manda quem pode, obedece quem tem prejuízo* (São Paulo: Facamp / Editora Contracorrente, 2017), *Capital e suas metamorfoses* (São Paulo: Unesp, 2013), *Os antecedentes da tormenta: origens da crise global* (Campinas: Facamp, 2009), *Temporalidade da Riqueza - Teoria da Dinâmica e Financeirização do Capitalismo* (Campinas: Oficinas Gráficas da UNICAMP, 2000), entre outras obras.

Confira a entrevista.



“Se lembrarmos do primeiro texto publicado pelo papa Francisco – Evangelii Gaudium –, diria que as sementes desse texto mais crítico estão lá”

IHU On-Line — Qual sua avaliação do documento *Oeconomia et pecuniariae questione* — Considerações para um discernimento ético sobre alguns aspectos do atual sistema econômico-financeiro, publicado recentemente pelo Vaticano? Por que, na sua avaliação, o Vaticano volta a se pronunciar sobre esse tema neste momento?

Luiz Gonzaga Belluzzo — Se lembrarmos do primeiro texto publicado pelo papa Francisco — *Evangelii Gaudium* —, diria que as sementes desse texto mais crítico estão lá. O que está exposto ali é o descolamento do funcionamento da economia capitalista, comandada pela finança da vida concreta das pessoas; o documento trata da crise e da pós-crise recente. Nos últimos anos, a despeito da ação dos bancos centrais para impedir que houvesse um colapso, a vida das pessoas, sobretudo das camadas mais baixas — aproximadamente 90% —, piorou muito, ou seja, se agravou a situação de penúria, de carência e insatisfação com as necessidades mais básicas.

Acaba de ser publicado um estudo nos Estados Unidos mostrando que cerca de 43% das famílias americanas não têm o suficiente para pagar os alugueis e para comer. Por outro lado, vejamos o que está acontecendo na Itália: vive-se um momento de crise econômica grave, de penúria e insatisfação, que se reflete em duas coisas e, sobretudo, está expresso na contradição de ter o *MoVimento 5 Stelle* (M5S - *MoVimento 5 Stelle*), que se considera um partido

mais à esquerda, junto com a *Liga Norte* (*Lega Nord*) (extrema-direita) para enfrentar uma situação econômica difícil e também de oposição às regras da União Europeia.

Em suma, há no texto um tratamento muito interessante dessas relações entre o que podemos chamar de a “ética cristã”, particularmente católica, e o movimento da economia hoje, e as dificuldades que há na vida das pessoas por causa do funcionamento da economia. É uma combinação muito rica do ethos moral católico da igualdade e da fraternidade, que se retomou pelo Iluminismo. As pessoas não sabem que o Iluminismo tem uma base cristã do cristianismo primitivo, daquele que nasce da deterioração do mundo antigo, e que está muito ligado ao Mistério da Encarnação. O Mistério da Encarnação tem uma marca que é a do Deus que se fez homem e sofreu como os homens. Essa é uma mensagem muito importante, porque a religião do mundo ideal é transposta para o mundo da vida. Aliás, essa é a marca das várias manifestações do papa Francisco, as quais dizem “tudo bem a vida eterna, o paraíso” e até sobre o inferno ele diz que “é melhor não pensar muito nisso”, mas o que ele está dizendo é que precisamos realizar esse ideal da felicidade, da bondade, da esperança, na Terra, nas comunidades, ou seja, precisamos fazer com que os homens vivam comunitariamente.

O interessante do documento é que ele não sugere algo regressivo, no sentido de propor uma volta ao comunitarismo primitivo. Diz, ao

contrário, que é até possível que nós tenhamos uma relação entre a economia e o mundo da vida de forma mais profícua, porque no fundo o documento reconhece que o capitalismo cria esse potencial, porém não o entrega; ele se entrega a um automatismo e a um movimento autorreferencial — aliás, essa palavra está no texto — que, na verdade, acaba desconhecendo ou ignorando ou passando por cima das necessidades concretas. Nesse sentido o capitalismo tem a capacidade de criar bens da vida pela evolução da indústria e da tecnologia, mas tudo isso é capturado pela apropriação desses benefícios pela finança; é isso que o documento diz. O texto é muito bonito e vale a pena lê-lo.

IHU On-Line — O senhor mencionou semelhanças deste documento com a *Evangelii Gaudium*. Que aproximações percebe entre o texto e outros discursos do Papa, como aquele feito em Santa Cruz de La Sierra, sobre a economia que mata?

Luiz Gonzaga Belluzzo — O papa Francisco sempre fala que, quando o capital se transforma em um ídolo, ele começa a massacrar as pessoas — acredito que Francisco falou nisso em uma das reuniões com movimentos populares e foi nesta que ele disse que o dinheiro deve servir e não dominar. Em quase todo esse documento, que é da Congregação da Doutrina para a Fé, se segue e confirma a visão de Francisco a respeito das dificuldades do mundo

moderno. Ele falou isso em Santa Cruz de La Sierra, e repetiu em outros momentos. Ele tem insistido sob vários ângulos nesta questão como uma questão central para o mundo moderno. Eu não tenho nenhuma dúvida de que ele é o estadista — porque afinal de contas ele é o soberano do Vaticano — mais importante do mundo, e faz isso com uma gentileza e uma delicadeza que são típicas de uma verdadeira moral cristã, que ele representa como poucos.

IHU On-Line — Além do ponto central do documento, que é essa crítica das finanças sobre a economia real, quais são os três pontos mais relevantes do documento?

Luiz Gonzaga Belluzzo — O documento faz uma avaliação competente sobre a dinâmica da economia. Portanto, existe uma dinâmica autorreferencial que se afasta, desconhece e acaba abalando as necessidades concretas. O documento diz que, a despeito de todos os esforços para conter os efeitos da crise, a vida das pessoas piorou. E menciona várias dimensões dessa piora, entre elas, a dependência crescente de situações muito negativas.

O interessante do documento é que faz uma análise técnica muito competente das questões financeiras: mostra como é o processo de securitização, como funcionam os derivativos. É uma combinação — e é muito raro ver isso — entre uma visão cristã e ética e uma dimensão propriamente técnica, ou seja, o documento sabe o que está dizendo, e não desconhece que esses fenômenos são constitutivos e orgânicos desse capitalismo. O documento pede e sugere uma transformação muito mais profunda.

Quando o documento fala em “economia real”, não está falando no sentido que os economistas falam, que é a economia da produção, mas sim da “economia real” como a economia que deve reger a vida das pessoas, a vida real — nesse sentido a tradução para o português não ficou bem exata. De todo modo, não estão falando

da economia real no sentido que os economistas falam. Temos no capitalismo uma contradição entre o real e o financeiro, e esse é um movimento interno da dinâmica capitalista atual, que tem contradição com a finança como forma de apropriação, e com o incrível avanço tecnológico e a situação das pessoas. Essa é, na minha avaliação, a questão central.

“O papa Francisco sempre fala que quando o capital se transforma em um ídolo, ele começa a massacrar as pessoas”

IHU On-Line — O documento também critica as operações offshore, porque, segundo o texto, esse tipo de operação favoreceu uma enorme saída de capitais de muitos países de baixa renda e agravou o déficit público dos países pobres. Como vê esse tipo de crítica em relação às operações offshore? Que tipo de mudanças poderiam ser feitas nessas operações para agregar as críticas apontadas pelo documento?

Luiz Gonzaga Belluzzo — Isso é algo que decorre da globalização financeira tal como ela está ocorrendo. Essas operações offshore significam a perda de recursos pelos sistemas fiscais. Esses recursos que escapam aos sistemas fiscais de todos os países poderiam ser utilizados para melhorar a vida das pessoas. Mais uma vez a questão das operações offshore aparece porque ela está ligada exa-

tamente à globalização financeira: com a permissão absoluta do movimento de capitais, se facilitou muito essas operações de evasão fiscal, de fuga das responsabilidades fiscais, que esconde o dinheiro nos paraísos fiscais. Essa é uma dimensão importante do documento, porque isso está ligado à globalização financeira, que nada mais é do que um sistema de controle daqueles que operam esse sistema ou se beneficiam dele, sob a situação de vida concreta das pessoas. Um autor que tratou disso foi Marx, ao tratar da aceleração do tempo e da destruição do espaço. É disso que o documento trata. É isso que está acontecendo.

IHU On-Line — Que tipo de política os Estados poderiam adotar para evitar essa situação?

Luiz Gonzaga Belluzzo — O documento recomenda fazer um tipo de taxação ao movimento de capitais, coisa que é proposta por Piketty e vários autores que sabem que se não fizermos um controle estrito, continuaremos assistindo a uma série de dados causados pelo movimento de capitais, que não são tratados de maneira adequada, porque as camadas dominantes, que são as que acabam decidindo as políticas, não chegam ao ponto central.

Veja o caso do Brasil recentemente: tivemos uma pressão sobre o câmbio e a política de metas acabou se mostrando irrelevante ou impotente para resolver o problema, e não se chega à questão central, que é a seguinte: temos um sistema financeiro e monetário — o documento trata lateralmente disso — que é assimétrico, porque a moeda reserva acaba determinando o destino de todas as outras e nunca se toca na questão da reestruturação e na imposição de limites da circulação de capitais.

Neste documento se vê implicitamente que o Vaticano admite que esse tipo de controle já aconteceu no imediato pós-guerra. Estava implícito nas regras de Bretton Woods que deveria haver um controle de capitais. No fundo, o documento

mostra que já vivemos uma situação diferente, em que a economia estava mais colada na vida das pessoas e que a partir de um determinado momento isso passou a se deteriorar e se passou a essa hostilidade do capitalismo financeiro.

IHU On-Line - O documento também chama atenção para a responsabilização dos Estados, em particular para as situações de crise pelas quais passam seus países, os quais devem ser chamados a fazer gestões adequadas do sistema público e sábias reformas estruturais. É possível identificar que tipo de políticas esses países costumam desenvolver, as quais têm como implicações as suas crises e o déficit público?

Luiz Gonzaga Belluzzo — O documento está tratando da submissão das políticas econômicas e estratégias nacionais a esse sistema de abstração real, como dizia Marx. Ou seja, você vai abstraindo o espaço em que as pessoas moram e há um enfraquecimento das políticas nacionais e do Estado nacional sem que se tenha uma capacidade de coordenação global que permita que os espaços nacionais sejam protegidos dessa turbulência. Nesse sentido, o que o documento sugere é que as políticas nacionais são capazes de responder a isso sem uma coordenação, sem uma mudança no regime internacional. Essa mudança depende muito do poder do país hegemônico ou que é mais poderoso. Então, o documento se refere ao fato de que há um enfraquecimento dos Estados nacionais, que estão sendo reduzidos à impotência.

Com esse sistema internacional, os países nacionais podem fazer políticas diferentes? É um pouco arriscado. O que acontece é que a globalização é exatamente isto: assimétrica, desigual e combinada. Então, alguns países têm mais poder do que outros. Vamos tomar o caso da China como exemplo. Você pode considerar que na verdade não é um sistema democrático à ocidental, porque tem

um controle do Partido Comunista, que estabelece as estratégias do país, mas a China se ajustou a isso a partir da sua estratégia nacional. Mas estamos falando de um caso muito particular dado o tamanho, o peso e a organização política e social que tem lá, além de uma articulação entre o Estado e o setor privado; o caso da China é uma exceção.

Se olharmos para o resto dos países emergentes, veremos que estão — inclusive os países do leste europeu e os países periféricos como a Itália e a Espanha — sofrendo com isso, mas não conseguem desenvolver uma saída. Esse fenômeno da Itália que mencionei exprime essa tentativa de escapar dessas determinações, dessas imposições. As pessoas chamam isso de populismo, mas não é populismo; é a reação do povo que está sofrendo com este modo de funcionamento desta economia.

IHU On-Line — O documento reitera, como já apareceu na Laudato si', que “hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente a serviço da vida, especialmente da vida humana”. Como o senhor compreende essa noção de economia em serviço da vida?

Luiz Gonzaga Belluzzo — É uma economia que permita às pessoas viver em liberdade e segurança; o estado de bem-estar social foi isso. Depois de um período turbulento da Grande Depressão e da Guerra, os conservadores europeus e Roosevelt nos Estados Unidos pensaram em colocar a economia a serviço da vida e isso é o estado de bem-estar: a criação de um sistema de coordenação da economia com aumento da carga tributária, com uma tributação progressiva, o controle do movimento de capitais, as políticas de previdência social, que estão sendo destruídas agora e não estão sendo reconstruídas, a segurança e o conforto do cidadão, os salários crescendo de acordo com a produtividade, o investimento público criando infraestrutura. Foi uma experiência tão

bem-sucedida que é chamada de os “30 anos gloriosos”.

O documento rememora um pouco dessa experiência. Foi essa experiência que também suscitou a industrialização dos países da periferia, sobretudo do Brasil, que não cuidou com muito empenho das questões sociais a despeito da lei trabalhista. Mas se olharmos isso na Alemanha, com a economia social de mercado, na Itália e na França, veremos desempenho, emprego das pessoas, o emprego público segurando o emprego agregado. Portanto, esse é um modelo que funcionou maravilhosamente bem. Agora, a partir dos anos 1980 isso foi sendo dissolvido e mudado pela ideia de que há uma crise desse modelo, mas a resolução disso poderia ter tido outro encaminhamento. No entanto, partiram para estratégias neoliberais que estão aí.

“Esses recursos que escapam aos sistemas fiscais de todos os países poderiam ser utilizados para melhorar a vida das pessoas”

IHU On-Line — O documento também fala da necessidade de se construir uma economia atenta aos princípios éticos. O que seria uma economia desse tipo?

Luiz Gonzaga Belluzzo — O que é a ética cristã? É a ética do afeto com o outro — ame ao próximo como a ti mesmo. O documento também faz uma crítica, que é várias vezes mencionada, acerca do egoísmo exacerbado. Isso é a ética cristã. A ética cristã é da inclinação em relação ao outro, o amor ao próximo.

IHU On-Line — Como a visão católica sobre a economia é vista entre os economistas, de modo geral?

Luiz Gonzaga Belluzzo — Essa visão vem desde Leão XIII, e tem vários momentos da história da Igreja em que isso é reiterado, mas a economia que os economistas aprendem é impermeável a isso, porque ela parte de pressupostos éticos ou de noções como “uma economia nacional que maximiza a sua utilidade”, “um verdadeiro desequilíbrio geral que costumam dizer que resulta no bem comum”. Essas noções são impermeáveis a isso porque são exatamente o contrário. Os economistas raciocinam, estão informados e pensam as questões sociais desse ponto de vista. Então, é antitético, são duas coisas que não se combinam, são visões completamente distintas.

IHU On-Line — O documento também sugere que as universidades compreendam a economia e as finanças à luz de uma visão completa e integral do homem. Para atender a essa demanda, que tipo de discussões deveriam ser acrescentadas aos estudos de economia nas universidades?

Luiz Gonzaga Belluzzo — Essa que estamos fazendo agora. Esse texto, que é riquíssimo na minha opinião, poderia ser levado às uni-

versidades para ser discutido, como muitos fazem ou devem fazer. Agora, eu fiquei impressionado com as pouquíssimas matérias que saíram na imprensa. Alguém viu a Juliana Rosa da Globo News falando sobre isso? Não.

“O documento se refere ao fato de que há um enfraquecimento dos Estados nacionais, que estão sendo reduzidos à impotência”

IHU On-Line — Algum tipo de teoria econômica se aproxima das propostas do documento? Que teóricos econômicos sugerem visões aproximadas a essa sugerida pelo documento do Vaticano?

Luiz Gonzaga Belluzzo — Podemos escolher, mas vou citar o que acredito que se aproxime mais, por incrível que pareça, apesar de as pes-

soas não concordarem, que é Marx. Keynes também se aproxima muito, porque tinha uma visão ética da economia, ele não era um economista convencional. Keynes se aproxima muito, a despeito de não parecer, mas ele tinha uma ligação muito grande com George Edward Moore, que foi professor dele, então, tinham uma visão muito parecida.

Além disso, ele tinha uma visão muito parecida quando discute — o que texto também discute — a questão das condições econômicas da liberdade e da igualdade. É engraçado porque o Keynes era um pouco desconfiado da sabedoria das massas, mas era a favor do bem-estar de todos. Keynes tem um texto chamado “As perspectivas econômicas dos nossos netos”, em que fala para sairmos dessa economia aquisitiva, para parar com a acumulação, e sugere vivermos a vida.

Marx também tinha uma preocupação com o homem, o homem concreto e com seu projeto de liberdade. Mesmo em relação à crítica à religião de Ludwig Feuerbach, ele dizia que “era preciso levar as questões para a vida concreta dos homens”, e dizia que Feuerbach estava circulando em um mundo ideal. É interessante que Francisco e esse documento procuram trazer para dentro da vida das pessoas essa ética, tirá-la um pouco das nuvens e trazê-la para a vida cotidiana.■

Leia mais

- ‘Neoliberalismo está moribundo, mas não sabemos para onde vamos’. Entrevista com Luiz Gonzaga Belluzzo, publicada nas Notícias do Dia de 21-5-2018, disponível em <http://bit.ly/2Jo7IIB>.

- **Pobre democracia.** Artigo de Luiz Gonzaga Belluzzo, publicado nas Notícias do Dia de 10-5-2018, disponível em <http://bit.ly/2JqfgVQ>.

- “O ajuste, da maneira que foi feito no Brasil, é totalmente equivocado, pois produziu um desajuste”. Entrevista especial com Luiz Gonzaga Belluzzo, publicada nas Notícias do Dia de 31-10-2017, disponível em <http://bit.ly/2sAskGA>.

- **A oligarquia financeira e midiática e o furto da democracia.** Entrevista especial com Luiz Gonzaga Belluzzo, publicada nas Notícias do Dia de 22-5-2015, disponível em <http://bit.ly/2J9A58C>.

- **A reforma trabalhista nos leva ao fundo do poço.** Artigo de Luiz Gonzaga Belluzzo, publicado nas Notícias do Dia de 24-5-2017, disponível em <http://bit.ly/2JcfP60>.



Economia de comunhão é alternativa à voracidade de um mercado predador

Para Alessandra Smerilli, mais do que pregar implosão do sistema financeiro, destruição de robôs e rejeição ao lucro, é preciso investir em perspectivas que reduzam as desigualdades

João Vitor Santos | Tradução: Mariana Szajbely

Quando o papa Francisco disse que a economia mata, muita gente torceu o nariz. E não foram só operadores de Wall Street. A economista Alessandra Smerilli, que integra uma congregação de religiosas salesianas, foi uma delas. “Também criticava o Papa pelas coisas que ele dizia sobre economia, porque pensava que não tinham validade científica”, recorda. Afinal, como seria possível pensar em saídas na própria economia, já que ela mata? “Depois, fui me dando conta de que, pelas transformações que vão ocorrendo no mundo, as categorias econômicas atuais já não estavam dando conta e há necessidade de categorias novas”, completa. Assim, ela percebe que a economia nem sempre pode levar à morte, como é o caso da economia de comunhão. “A empresa de economia de comunhão divide os lucros em três partes: uma parte é investida na própria empresa para desenvolver-se, outra parte é empregada na formação de uma nova economia e a terceira parte, na ajuda aos pobres. Quanto mais a empresa cresce, mais se coloca em comum de forma útil”, explica.

Na entrevista que concedeu presencialmente à equipe da **IHU On-Line**, Alessandra diz que é preciso ver o mercado não apenas como espaço de exploração entre fortes e fracos. Ele pode ter outras faces. “O problema é que tipo de empresa está no nosso mercado. A economia positiva é aquela que vê a empresa que não trabalha somente para maximizar o próprio lucro, mas por um bem comum”, avalia. Para tanto, sugere a transformação da racionalidade econômica, abrindo-se para outras perspectivas, como a *we-rationality*. “Segundo acredita Adam Smith, se cada um pensa no próprio interesse, tudo funciona bem. A *we-rationality*

lity diz que pode ser racional pensar no meu e no seu interesse juntos”, sugere.

Assim, nesse particular, compreende que as palavras e ações de Francisco podem ser inspiradoras para se conceber categorias econômicas que revertam o quadro de desigualdades que vivemos. Para a economista, o Papa tem trazido o Ensino Social da Igreja como central nesse debate. “Não é primeiro a Liturgia e depois o Ensino Social, ambos têm a mesma importância. Se não me ocupo do social, não sei também rezar”.

Alessandra Smerilli é italiana, religiosa da Congregação Filhas de Maria Auxiliadora (salesianas). É professora de economia política e elementos de estatísticas na Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação “Auxilium” de Roma. Doutora em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade de East Anglia (Norwich, Reino Unido), também é PhD em Economia pela Faculdade de Economia na “Sapienza” de Roma. Ainda é membro fundador e professora da Escola de Economia Civil e membro da Comissão de Ética. Está publicando o volume *Carismi, economia, profezia: la gestione delle opere e delle risorse* (Carismas economia, profecia: a gestão das obras e dos recursos, em tradução livre), pela editora Rogate.

A professora participou do **XVIII Simpósio Internacional IHU. A virada profética de Francisco. Possibilidades e limites para o futuro da Igreja no mundo contemporâneo**, promovido pelo IHU, apresentando a conferência *As grandes tendências econômicas sociais que caracterizam o mundo contemporâneo*. Assista à conferência em <http://bit.ly/2IWYoXg>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a senhora define esses cinco anos de pontificado de Francisco?

Alessandra Smerilli – Os cinco anos desse pontificado, para mim particularmente, parecem uma lufada de ar fresco, como se a Igreja tivesse aberto as portas e por ela tivesse entrado um vento. De outra parte, me parece um pontificado que desestabiliza, que tira a segurança e que abre caminhos novos.

IHU On-Line – E por que tira a segurança? O que desestabiliza?

Alessandra Smerilli – Penso que é aquilo que está acontecendo na Itália, por exemplo, que tem estruturas na Igreja que vêm permanecendo por tanto tempo. Estruturas presas a algumas tradições, mas não aquela sadia, aquela que deriva dos apóstolos. São tradições do modo de fazer, que, às vezes, significa estar muito pouco perto das pessoas, constituindo, assim, uma Igreja muito fechada em si mesma. Por exemplo, pela primeira vez, depois de tantos anos, a procissão de Corpus Christi, que era uma grande tradição realizada desde a Igreja de San Giovanni até a Basílica de Santa Maria Maggiore, este ano ocorrerá em Ostia, na periferia de Roma.

IHU On-Line – E como são as reações a mudanças como essa, na Itália?

Alessandra Smerilli – (risos) Desestabiliza. Mas quem participava desta procissão? Muitos religiosos, religiosas, sacerdotes e as pessoas engajadas nas dioceses. Em Ostia, vai ser o povo de Deus¹. As pessoas simples, que estão longe da estrutura da Igreja, estão muito contentes. Já as pessoas que estão presas às estruturas, estão desestabilizadas, perdidas.

1 A procissão, tradicionalmente realizada em Roma, seguia uma estrutura. O Papa carregava o ostensório com a hóstia consagrada e, no cortejo, nessa ordem, seguiam os padres, as religiosas vestindo hábito e depois as pessoas com alguma relação com paróquias e dioceses. Nessa nova proposta, a ideia é seguir o cortejo sem nenhuma divisão. (Nota da **IHU On-Line**)

“Aquilo que muda com o papa Francisco talvez seja a importância dada para o Ensino Social”

IHU On-Line – Por ações e lógicas como essas, podemos dizer que esse pontificado está transformando o Ensino Social da Igreja?

Alessandra Smerilli – Não acredito que esteja transformando, porque há muito de continuidade nos princípios. Os documentos apostólicos *Caritas in Veritate*³ [de Bento XVI], *Evangelii Gaudium*⁴ e *Laudato Si*⁵ [ambos de Francisco] não têm

2 **Doutrina Social da Igreja** (DSI): também chamado Ensino Social da Igreja, é o conjunto dos ensinamentos contidos na doutrina da Igreja Católica e no Magistério da Igreja Católica, constante de numerosas encíclicas e pronunciamentos dos papas inseridos na tradição multisecular, e que tem suas origens nos primórdios do cristianismo. Tem por finalidade fixar princípios, critérios e diretrizes gerais a respeito da organização social e política dos povos e das nações. É um convite à ação. A finalidade da doutrina social da Igreja é “levar os homens a corresponderem, com o auxílio também da reflexão racional e das ciências humanas, à sua vocação de construtores responsáveis da sociedade terrena”. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Caritas in Veritate**: Terceira encíclica do Papa Bento XVI, publicada no dia 7 de julho de 2009, “sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade”. Foi a primeira encíclica de Bento XVI que versa sobre vários temas socioeconômicos, após a profunda crise econômica e financeira das últimas décadas, disponível em <http://migre.me/4mY6b>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Evangelii Gaudium**: Alegria do Evangelho (em português), é a primeira Exortação Apostólica pós-Sinodal escrita pelo Papa Francisco. Foi publicada no encerramento do Ano da Fé, no dia 24 de novembro do ano de 2013. Como a maioria das exortações apostólicas, foi escrita após uma reunião do Sínodo dos Bispos, neste caso, a XIII Assembleia Geral Ordinária sobre A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã, mas fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Ainda critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Laudato Si** (português: Louvado sejas; subtítulo: “Sobre o Cuidado da Casa Comum”): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen*

diferenças de princípios fundamentais. O que muda é o modo, o jeito e, talvez, os destinatários, porque os ensinamentos do papa Francisco são muito fáceis de compreender, e isso ajuda as pessoas a se interessarem pelas questões sociais.

IHU On-Line – Então, assim, ele populariza e dissemina os princípios do Ensino Social da Igreja, fazendo uma espécie de tradução da tradição?

Alessandra Smerilli – Sim, é uma tradução. Aquilo que muda com o papa Francisco talvez seja a importância dada para o Ensino Social. Não é o princípio, mas o fato de que é visto como uma questão importante para a Igreja, e não é secundária. Não é primeiro a Liturgia e depois o Ensino Social, ambos têm a mesma importância. Se não me ocupo do social, não sei também rezar.

IHU On-Line – Há, então, uma emergência maior de compreender o Ensino Social hoje do que em outros tempos?

Alessandra Smerilli – Sim, até porque o momento histórico que vivemos é que demanda isso. Estamos numa época de grande transformação econômica e social e por isso temos uma necessidade muito maior de um pensamento que coloque a pessoa e o desenvolvimento humano integral no centro. E isso muito mais do que em outros momentos que talvez eram muito mais estáveis. Hoje, estamos num tempo de rápida transformação e há necessidade de estar dentro dessa transformação como pessoas que vivem o Evangelho.

IHU On-Line – Em razão disso, podemos afirmar que Francisco sabe muito bem ler o tempo em que vivemos?

Alessandra Smerilli – Sim. O papa Francisco foi o primeiro a falar

fidei é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Si* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista **IHU On-Line** publicou uma edição em que debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqhbAJ> (Nota da **IHU On-Line**)

da cultura do descarte, de uma economia do mal, quando ainda não era claro que vivemos isso em nosso tempo.

IHU On-Line – Mas como isso repercute? As pessoas compreendem e assimilam o que ele está falando?

Alessandra Smerilli – As pessoas “normais” (risos), as pessoas comuns, compreendem muito bem, porque vivem esse problema na própria pele. Na Itália, temos muitos desempregados, tantos problemas econômicos e as pessoas vivem isso e compreendem muito bem. O papa Francisco, em geral, não é compreendido em toda a Itália, sobretudo nos temas sobre imigrantes, por exemplo. Sabem que é uma questão de futuro, de horizonte, mas não compreendem. Mas alguns bispos da Igreja na Europa – posso falar da Itália –, que vivem em região de fronteira, sobretudo no sul da Itália, compreendem muito bem, porque vivem em locais que têm muitos problemas. Na Itália, a Igreja ainda representa uma das poucas instituições que têm condições de coordenar todas as ações de outras instituições para ajudar, apoiando ações de caridade e assistência aos necessitados.

Entre os intelectuais e os economistas, o papa Francisco não é muito compreendido, porque acham que ele trata algumas coisas de uma forma muito simples. É verdade que em alguns casos os discursos econômicos são muito complexos e ele simplifica demais, mas o Papa não é um economista. A tarefa dos economistas é saber ler a realidade e são justamente esses intelectuais que têm de dar validade científica ao que o Papa fala, sem a necessidade de que ele mesmo tenha de fazer isso.

Em meu trabalho, também criticava o Papa pelas coisas que ele dizia sobre economia, porque pensava que não tinham validade científica. Mas depois estudei, tentando entender, e fui me dando conta de que, pelas transformações que vão ocorrendo no mundo, as categorias econômicas atuais já não estavam dando conta e há necessidade

de categorias novas. Por isso, o papa Francisco pode ser uma inspiração para os economistas pensarem outras formas de economia.

Pela minha experiência, o Papa é muito aberto. No começo, ele falava da economia como algo negativo, e nós, com um grupo de pessoas, enviamos uma mensagem a ele, demonstrando que a economia poderia ser muito positiva, de que não existe só uma economia que mata. Ele foi muito receptivo e organizou um convênio para estudos sobre esse tema. Inclusive, organizou um simpósio para tratar do tema. Por isso o considero muito aberto às propostas.

“Francisco foi o primeiro a falar da cultura do descarte, de uma economia do mal, quando ainda não era claro que vivemos isso em nosso tempo”

IHU On-Line – Detalhe, por favor, essa economia positiva, essa proposta que fez chegar até Francisco.

Alessandra Smerilli – O mercado, como dizia o papa Bento XVI⁶, na sua encíclica *Caritas in Veritate*, não é simplesmente um espaço de exploração dos fortes sobre os fracos, é também um instrumento e pode se

apresentar de vários modos. Se vivermos o mercado colocando no centro a virtude, pode se tornar um espaço de cooperação, de troca, de crescimento. Se não há empresas, se não se cria riqueza, também é difícil redistribuí-la.

O problema é que tipo de empresa está no nosso mercado. A economia positiva é aquela que vê a empresa que não trabalha somente para maximizar o próprio lucro, mas por um bem comum. E são tantas empresas que fazem isso e conseguem estar no mercado e ter também ganhos. Então, não se precisa renunciar a eficiência para estar no mercado de certo modo. Essas empresas que pensam o mercado de outro modo devem ser valorizadas, narradas para que possam contaminar o mercado.

IHU On-Line – Poderia nos destacar alguns exemplos?

Alessandra Smerilli – Aqui no Brasil nasceu a economia de comunidade. É o caso do Movimento dos Focolares⁷. São empresas nascidas em 1991, quando Chiara Lubich chegou em São Paulo de avião e viu os grandes edifícios e as favelas em volta. Ela pensava que não poderia ser possível uma economia que oprime, que exclui. Mas não basta apenas doar dinheiro para resolver o problema. É preciso criar empresas que gerem riqueza e valor e que esse valor seja partilhado.

A empresa de economia de comunidade divide os lucros em três partes: uma parte é investida na própria empresa para desenvolver-se, outra parte é empregada na formação de uma nova economia e a terceira parte, na ajuda aos pobres. Quanto mais a empresa cresce, mais se coloca em comum de forma útil para ajudar os pobres. E essa ajuda ao pobre se faz criando trabalho para ele, contratando pessoas desempregadas, excluindo. É um sistema que funciona.

⁶ Bento XVI, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma. Foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Movimento dos Focolares**: também chamado Obra de Maria, é um movimento leigo de inspiração cristã-católica fundado em 1943, em Trento, Itália, por Chiara Lubich. Vive o Ecumenismo, com adeptos em diversas confissões religiosas, ressaltando, entre outros princípios, a unidade. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Voltando a essa proposta que fizeram ao Papa, pode nos detalhar como essa perspectiva de economia de comunhão foi recebida?

Alessandra Smerilli – Sobretudo no encontro dos movimentos populares, fica claro que existem muitas formas, não somente a economia de comunhão, mas tantas outras. É com o papa Francisco que nasceram os encontros com os movimentos populares. E todos esses movimentos estão se unindo para promover no final do ano, na Itália, um evento que se chamará *Profetic economy*⁸ [economia profética, em tradução livre]. São ações importantes para dar visibilidade àquilo que o Ensino Social diz.

“A *we-rationality* diz que viveremos melhor se uma pessoa pensar em si e nos outros ao mesmo tempo”

IHU On-Line – Esses movimentos de acolhida da Igreja contribuem também para a constituição de um novo campo, novas perspectivas de estudos dentro das Ciências Econômicas?

Alessandra Smerilli – Sim, em torno da economia de comunhão, por exemplo, há um grupo de intelectuais. E se estabelece uma relação muito linda, porque os intelectuais podem ver, na prática, uma expressão do que eles fazem na teoria. E, ao mesmo tempo, as empresas podem se apoiar nesses estudos teóricos dos

intelectuais. Assim, não vão adiante somente pela experiência, mas também pelas referências teóricas. E isto é uma bela relação.

IHU On-Line – A senhora trabalha com o conceito de *we-rationality*? No que consiste e como pode contribuir para compreender o conceito de economia de solidariedade, ou economia de comunhão?

Alessandra Smerilli – Os estudos da *we-rationality* são muito teóricos, mas é uma teoria necessária, porque toda a ciência econômica foi construída sobre alguns pilares. Um deles, por exemplo, é o sujeito visto como um indivíduo singular, que tem preferências e um modo de escolha; é aquilo que na economia se chama individualismo metodológico, individualismo como um método. Então, para poder falar de experiências diversas e de experiências também comunitárias, é preciso colocar na base da Ciência Econômica um sujeito mais relacional. *We-rationality* quer dizer que existe um modo racional de escolher que leva em conta a comunidade e que, tantas vezes, escolhas feitas pelo bem da comunidade podem ser racionais também desde um ponto de vista econômico. Para fazer isso, é preciso transformar o conceito de racionalidade econômica.

Segundo acredita Adam Smith⁹, pai da economia, se cada um pensa no próprio interesse, tudo funciona bem. É importante que cada um pense em maximizar o seu próprio interesse. Isto é o coração da teoria econômica dele. A *we-rationality* diz que pode ser racional, não só bom ou justo, mas também racional, pensar no meu e no seu interesse juntos. E isto fica mais claro se pen-

sarmos na gestão do bem comum, a terra, a água, tudo aquilo que não é privado. Então, a teoria econômica sugere que se cada um pensa em si mesmo tudo irá bem. Mas com o bem comum isso não funciona, porque se um pensa somente em si, o bem comum acaba, é finito.

A *we-rationality* diz que viveremos melhor se uma pessoa pensar em si e nos outros ao mesmo tempo. É um ganho para todos, uma situação melhor para todos. A teoria econômica tradicional não consegue ver esta possibilidade.

IHU On-Line – Para a senhora, essa célebre perspectiva da economia de Adam Smith é um dos fatores que gera desigualdade? E a outra perspectiva de economia que a senhora apresenta seria o melhor caminho para diminuir essas desigualdades?

Alessandra Smerilli – Sim, porque, por exemplo, um dos critérios para dizer quando uma escolha desse tipo foi boa é quando não gera muita desigualdade. A desigualdade que se vive é também fruto dessa economia, mas não somente. É fruto dessa perspectiva aliada ao fato de que não há uma força única, um controle global que possa combater a desigualdade.

Nos estados europeus não havia uma grande desigualdade, porque o Estado intervinha na redistribuição através dos impostos. Hoje, num sistema de empresas multinacionais, em que não fazem referência somente a um Estado, não existe um sistema que possa redistribuir a riqueza em todos os lugares da mesma forma. Esse é um fato que, hoje, faz aumentar muito a desigualdade. Por exemplo, na Europa, existe uma política monetária única. Os bancos estão até desenvolvendo uma política de aliança, mas não há política fiscal única; temos uma moeda única, mas não uma política fiscal unida. Se eu preciso fazer um investimento, vou a Luxemburgo ou à Irlanda, onde pago menos taxa. Então, deste modo

⁸ Saiba mais sobre o evento em propheticconomy.org. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica tradicional. *A Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para o entendimento das relações econômicas da sociedade sob a perspectiva liberal, superando os paradigmas do mercantilismo. Sobre Adam Smith, veja a entrevista concedida pela professora Ana Maria Bianchi, da Universidade de São Paulo - USP, à **IHU On-Line** nº 133, de 21-3-2005, disponível em <http://bit.ly/iuon133>, e a edição 35 dos **Cadernos IHU ideias**, de 21-7-2005, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível em <http://bit.ly/iuid35>. (Nota da **IHU On-Line**)

quem pensa somente em maximizar os próprios lucros consegue, mas isto gera desigualdade, porque esta desigualdade se faz sobre as costas dos trabalhadores e esses trabalhadores não têm força para se opor. Se eles se opõem, a empresa sai dali e vai para outro lugar.

IHU On-Line – Quais os desafios para encarar as transformações advindas das novas tecnologias do mundo de hoje, especialmente no “mundo do trabalho”?

Alessandra Smerilli – Esse é um momento, como disse no início, de grande transformação. A velocidade de transformação, hoje, é uma característica de nosso tempo, a tal ponto que não podemos imaginar como será o trabalho daqui a cinco anos. Por quê? Porque a tecnologia avança rapidamente. Estimativas da OCSE¹⁰, que não são nem otimistas nem pessimistas, falam que em dez anos 9% do trabalho que hoje existe não existirá mais; 35% sofrerá uma transformação, tudo será muito automatizado. Com isso, uma parte desse trabalho seria inacessível para algumas pessoas. Outra parte só seria acessível para quem tivesse competências sempre diversas, porque os instrumentos se transformam, assim como o modo de realizar o trabalho, e a pessoa que trabalha deve desenvolver competências que hoje nem imaginamos. É, sobretudo, um tema que trata da relação entre homem e máquina que hoje se está estudando.

Há, ainda, formas de trabalho que sempre existiram, como o de cuidado com as pessoas, trabalho na educação e instrução de pessoas, que serão muito facilitados com as novas tecnologias. Mas isso também gerará desocupação, e por isso se chama 4ª Revolução Industrial. Não é um processo a que podemos nos opor. Não se trata de destruir os robôs. Alguns pensam em taxar os

trabalhos em que se faz uso de robôs. Não é esse o caminho, porque a partir dos estudos feitos até agora conclui-se que, aonde chega a inovação, a tecnologia, sem taxações ou outras formas de bloqueio, o trabalho aumenta. Entretanto, será um trabalho diverso e que nem todos poderão acessar. Afinal, é preciso uma formação contínua.

Esse processo deve ser acompanhado, porque o preço para a construção de robôs está baixando cada vez mais e, para as empresas, está cada vez mais fácil ter um robô. Com isso, na empresa, a produtividade aumenta, e o fruto desse aumento não pode ser visto apenas como lucro, como ganho, mas também como forma de aumentar o tipo de trabalho, diversificando-o. Assim, o lucro poderia ser reinvestido para treinar as pessoas e desenvolver outros tipos de trabalho. Se o aumento da produtividade se reverte apenas em lucro para os acionistas da empresa, haverá muita desigualdade.

IHU On-Line – Diante dessa mudança de cenário no mundo do trabalho de hoje, muitas pessoas têm retomado o debate acerca da renda básica universal, que me parece ser algo diferente do que a senhora coloca. Em que medida a renda básica pode ser uma forma de enfrentar esses novos desafios por si só? Ou acredita que o caminho é, de alguma forma, associar esse conceito a essa perspectiva que a senhora trata?

Alessandra Smerilli – Essa é uma proposta que hoje está sendo pensada em todo o mundo, pois não haverá trabalho para todos. Assim, essa maior produtividade pode ser empregada para dar um crédito de base para quem não pode trabalhar. Mas para quê? Para que as pessoas possam comprar, sustentar o mercado. Os empreendedores se privam de lucro para sustentar a renda básica universal porque sem renda o mercado não acontece. Então, eu acredito que o trabalho não é fazer alguma coisa, não é só um meio de ganhar a

vida. Não basta apenas ter dinheiro para fazer parte da sociedade. O trabalho tem um outro valor, define o ser humano, é uma característica da pessoa e, para os cristãos, trabalhar é participar da obra da criação de Deus. Se temos os recursos para dar uma renda por ser cidadão, por que não empregamos esse esforço para criar trabalho?

“A velocidade de transformação, hoje, é uma característica de nosso tempo, a tal ponto que não podemos imaginar como será o trabalho daqui a cinco anos”

IHU On-Line – Então, para a senhora, criar trabalho através da economia de comunhão seria uma melhor alternativa do que apenas criar renda?

Alessandra Smerilli – Sim. A proposta que tratei na conferência [realizada no Simpósio do IHU] é a de que se diminuam os postos de trabalho, poderíamos diminuir as horas de trabalho para poder empregar mais gente. Mas não apenas diminuir as horas e ficar ocioso na outra parte do tempo, também usar o tempo que sobra para empreender em ações de cuidados com outras pessoas. Porque o cuidado define o ser humano e, hoje, sobretudo, em uma sociedade que tem tanto envelhecimento, ao invés de trabalhar oito horas, se poderia trabalhar seis,

¹⁰ OCSE: Organizzazione per la Cooperazione e lo Sviluppo Economico (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE, em português). (Nota da IHU On-Line)

e duas horas do dia poderiam ser investidas em atividades de cuidados com idosos, crianças etc.

IHU On-Line – É isso que a senhora defende como trabalho *part-time* [meio-período], que pode também ir desonerando os recursos públicos e privados em atividades de cuidado?

Alessandra Smerilli – É claro. Na família, aquilo que se perde trabalhando menos, poderia ser ganho nesta atividade de cuidado compartilhado. Em contexto de novas tecnologias, as tarefas de cuidados também podem ser muito facilitadas, por exemplo, com plataformas de intercâmbio de cuidado.

IHU On-Line – Qual sua avaliação sobre o documento vaticano *Oeconomicae et pecunariae quaestiones*¹¹, que trata das economias e finanças de nosso tempo?

Alessandra Smerilli – É um documento muito significativo, importante, porque são dois Dicasterios da Cúria Romana que estão promovendo o documento. O fato de estar sendo tratado pela Congregação para Doutrina da Fé¹² significa que viver uma finança coerente é matéria de fé, é uma questão de coerência evangélica, está no coração da fé. Não é apenas um acaso ou acidente, não é secundário.

O documento, ainda, é muito importante para dar dicas de como valorizar todo o tipo de perspectiva

financeira ética, socialmente responsável. Dá um incentivo muito grande para o desenvolvimento de uma perspectiva financeira que trabalha pela sustentabilidade e obriga as pessoas da Igreja a fazer um exame de consciência sobre a forma com que estão vivendo as finanças.

IHU On-Line – E como isso é recebido pelas pessoas da Igreja?

Alessandra Smerilli – O documento ainda é muito recente. Mas era preciso um documento como esse, pois ajuda, de uma forma muito clara, a discernir as estruturas como realmente são. Esse documento também cita aquilo que falamos no início, aquela ideia de que a finança pode ser uma coisa boa, que a economia é bela.

“O lucro poderia ser reinvestido para treinar as pessoas e desenvolver outros tipos de trabalho”

IHU On-Line – Em sua conferência, a senhora disse que “o mundo feminino da economia é um mundo que ainda foge à regra”, como um desvio. Gostaria que retomasse essa perspectiva e a explicasse.

Alessandra Smerilli – A Ciência Econômica nasceu, como muitas das ciências, como masculina, entre os homens. E, com isso, muitos dos instrumentos da economia são um tanto masculinos. O que havia falado é que, se observarmos o comportamento de homens e mulheres, percebemos diferenças também no comportamento econômico. As questões de riscos, da competição,

por exemplo. Por um lado, não são muito enfatizadas essas diferenças, mas, por outra parte, quando se fala de diferenças, tende-se a dizer que as mulheres se comportam de maneira diferente dos homens, como se os comportamentos masculinos fossem a regra.

Um tema em que isso está presente são os incentivos. Experimentos falam que, com incentivos, acaba se penalizando as mulheres que não trabalham sob essa perspectiva. É uma questão cultural, porque quando vemos uma mulher na sociedade matriarcal é muito diferente. Uma economia construída sobre incentivos vai penalizar as mulheres, privilegiando os homens. Por que os incentivos devem ser considerados um instrumento normal para melhorar as performances? Pela minha experiência e meus estudos, as mulheres se dão muito melhor em ambientes não competitivos, o que é diferente com os homens. Por que não se podem usar outras regras? Um olhar diverso ajudaria a estruturar as empresas de maneira diversa.

IHU On-Line – Fala-se também que as mulheres têm uma perspectiva mais colaborativa do que os homens nesse mundo empresarial e da economia. Isso é real?

Alessandra Smerilli – Estudos de grandes empresas de consultoria, como a Mackenzie, revelam que as empresas funcionam melhor se colocar os dois, usando as características de homens e mulheres em cargos de liderança. Assim, sabendo-se que há características diferentes entre homens e mulheres, acaba sendo sempre melhor ter um casal em postos de liderança.

IHU On-Line – Falamos que o campo da Economia é muito masculino, pelas suas experiências de ser uma mulher economista. Mas a senhora é também uma religiosa. O que podemos falar sobre o mundo

¹¹ *Oeconomicae et pecunariae quaestiones*: documento do Vaticano elaborado pela Congregação para a Doutrina da Fé e pelo Dicasterio para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral e publicado em maio de 2018, durante o pontificado de Francisco. Trata de questões econômicas e financeiras de forma crítica. Acesse a íntegra do documento em português em <http://bit.ly/2kzna0V>. O IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, publicou diversas análises sobre o texto. Entre elas *Documento vaticano sobre economia é uma acusação séria e intelectualmente grave*, disponível em <http://bit.ly/2jtw2wv>. Leia mais em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da IHU On-Line)

¹² *Congregação para a Doutrina da Fé*: a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos do Vaticano. Fundada pelo papa Paulo III, em 21 de julho de 1542, com o objetivo de defender a Igreja da heresia. É historicamente relacionada com a Inquisição. Até 1908, era denominada como Sacra Congregação da Inquisição Universal quando passou a se chamar Santo Ofício. Em 1967, uma nova reforma, durante o pontificado de Paulo VI, mudou para o nome atual. (Nota da IHU On-Line)

da Igreja e o espaço da mulher nesse ambiente?

Alessandra Smerilli – (risos) Escrevi em uma entrevista sobre isto que a Igreja que não abre espaço para a mulher é menos Igreja e menos humana. O humano é menos humano e a Igreja é menos humana se não abre espaço para mulher, mas não porque as mulheres querem ter postos de poder, e sim para dar o olhar da mulher. Às mulheres não interessa o poder, mas em poder contribuir para escrever as regras.

IHU On-Line – Então, a senhora defende um outro caminho para abertura de espaço para a mulher na Igreja que não seja através da ordenação feminina, instituição de sacerdotisas?

Alessandra Smerilli – Sim, eu não gostaria de ordenação para mim. Porque isso reforça a norma, a mulher buscando esse lugar como um homem. Precisamos estar atentos àquilo que disse o papa Francisco, que ainda é somente pensamento: precisamos desclericalizar a Igreja e não dar tanta importância para o sacerdote, pois o sacerdote é uma coisa e o governo da Igreja é outra. O poder não está só no padre. É, de maneira diversa, dar espaço às mulheres.

IHU On-Line – Nesse sentido e sobre esse tema, posso concluir que a senhora está satisfeita com os movimentos do pontificado até agora?

Alessandra Smerilli – A desclericalização ainda é uma teoria, uma proposta, e não uma coisa que

está acontecendo. Por exemplo, um sinal de mudança seria compor o grupo que ajuda o papa Francisco a pensar não somente com cardeais [o chamado “Grupo dos 9”, formado por 8 cardeais e um bispo]. Isso poderia ser uma forma de mudar, porque esse grupo não é uma estrutura oficial da Igreja. E para inserir mulheres nesse grupo, não é necessário mudar nenhuma regra.

IHU On-Line – Algumas teólogas feministas dizem que o Papa fala muito, escuta muito sobre esse tema das mulheres, mas que faz muito pouco. A senhora concorda?

Alessandra Smerilli – Não sei. A estrutura da Igreja é muito grande, muito pesada para ser mudada de forma mais rápida.■

Leia mais

- **“A Igreja é menos Igreja, se as mulheres não participam na tomada de decisões”.** Entrevista com Alessandra Smerilli, publicada nas Notícias do Dia de 7-1-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível <http://bit.ly/2L7oraF>.

- **Trabalho, por dignidade e honra.** Artigo de Alessandra Smerilli, publicado nas Notícias do Dia de 29-5-2017, disponível em <http://bit.ly/2sx4bl7>.

- **O futuro da Igreja e as possibilidades de uma virada permanente.** Reportagem sobre a conferência de Alessandra Smerilli, no XVIII Simpósio Internacional IHU – A virada profética de Francisco: possibilidades e limites para o futuro da Igreja no mundo contemporâneo, publicada nas Notícias do Dia de 26-5-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sv8nc5>.

- **We-rationality. Um outro paradigma para a economia é possível?** Reportagem com Alessandra Smerilli, publicadas nas Notícias do Dia 11-5-2018, disponível em <http://bit.ly/2JiRIUE>.

- **A possibilidade de novos paradigmas para a economia.** Reportagem com Alessandra Smerilli, publicadas nas Notícias do Dia 19-5-2018, disponível em <http://bit.ly/2JrLRdz>.

O avassalador Silêncio de Scorsese

 medium.com/@ihu

Ciclos de Estudos – A reinvenção da política no Brasil contemporâneo

O Instituto Humanitas Unisinos – IHU realizou três edições desse evento, duas ao longo de 2017 e uma no primeiro semestre desse ano. Um quarto ciclo já está sendo preparado para os meses de setembro e novembro de 2018.

Confira as atividades dos ciclos já realizados:

3º Ciclo de Estudos - A esquerda e a reinvenção da política no Brasil contemporâneo. Limites e perspectivas

O momento brasileiro e a reinvenção política. Limites e possibilidades

MS Diego Viana – Doutorando no Programa Diversitas da FFLCH-USP e no Laboratoire du Changement Social et Politique (LCSP) da Universidade Paris Diderot (Paris VII) – França

Entrevista

- **O Brasil patrimonialista, o esgotamento e a desorientação das forças políticas.** Entrevista especial com Diego Viana publicada nas Notícias do Dia, de 25-5-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2swoW7j>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/45nGtvvgdaM>.

Novos desenvolvimentismos no Brasil. Tendências e desafios para a economia brasileira Prof. Dr. Ricardo de Medeiros Carneiro – Unicamp – SP

Entrevista

- **Os desafios da economia brasileira.** Entrevista especial com Ricardo Carneiro publicada nas Notícias do Dia, de 13-4-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2LRiZKp>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/IA8ZDitBLCY>;

A modernidade viscosa latino-americana e a reinvenção política

Eduardo Gudynas – Centro Latino Americano de Ecología Social – CLAES – Uruguai

Entrevistas

- **Progressismo: as contradições dos governos da América Latina.** Entrevista com Eduardo Gudynas publicada nas Notícias do Dia, de 18-6-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Jj1Gjt>;

- **América Latina. “O progressismo afastou-se das ideias iniciais da esquerda”.** Entrevista com Eduardo Gudynas publicada nas Notícias do Dia, de 2-3-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Jc5VgO>;

- **Esquerda e progressismo são hoje duas coisas diferentes na América Latina.** Entrevista especial com Eduardo Gudynas publicada nas Notícias do Dia, de 30-3-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Jsarv2>.



Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/KdWpphPA8-Y>.

**

Populismo pós-estrutural e multidão. Possibilidades à reinvenção política brasileira e latino-americana

Raúl Zibechi – Uruguai

Entrevistas

- **“Maior erro dos progressismos foi não ter tocado a riqueza; agora vemos avanço continental das direitas”**. Entrevista com Raúl Zibechi publicada nas Notícias do Dia, 9-1-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2HknTMd>;
- **Ganó Trump, ¿y ahora?** Entrevista a Raúl Zibechi publicada nas Notícias do Dia, de 11-11-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2JcXPsj>;
- **A opção que não transformou e que perdeu o fôlego**. Entrevista especial com Raúl Zibechi publicada nas Notícias do Dia, de 27-3-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2svBQSZ>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/p9GNWX17vQw>.

**

O contexto latino-americano e a reinvenção da política e da esquerda

Prof. Dr. Pablo Miguez – Universidad de Buenos Aires – UBA – Argentina

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/KD5t9oUxs2I>.

**

O cenário político e da esquerda no Brasil à luz do contexto latino-americano

Prof. Dr. Pablo Ortellado – USP

Entrevista

- **O processo de renovação da esquerda é atravancado pela ‘renovada’ hegemonia do PT**. Entrevista especial com Pablo Ortellado publicada nas Notícias do Dia, de 23-3-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Ln5sJx>;
- **O futuro da esquerda dependerá do modo como irá se relacionar com os movimentos sociais descentralizados**. Entrevista especial com Pablo Ortellado publicada nas Notícias do Dia, de 6-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Jj435R>;
- **A ocupação de escolas é o filho mais legítimo de Junho de 2013**. Entrevista especial com Pablo Ortellado publicada nas Notícias do Dia, de 18-5-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2JsdQdi>;
- **Presságios para 2016: cenário político tumultuado e ruas desmobilizadas**. Entrevista especial com Pablo Ortellado publicada nas Notícias do Dia, de 12-1-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sAQKqg>;
- **A crise e as disputas para redesenhar o sistema político brasileiro**. Entrevista especial com Pablo Ortellado publicada nas Notícias do Dia, de 15-7-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sERzyc>;

- **Segundo governo Dilma: A consolidação de uma derrota.** Entrevista especial com Pablo Ortellado publicada nas Notícias do Dia, de 23-2-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Jaky8v>;
- **Pós-junho e pós-Copa. O desafio de, sem deixar-se capturar, impactar a política institucional.** Entrevista especial com Pablo Ortellado publicada nas Notícias do Dia, de 8-8-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2JfJI1s>;
- **‘A imprensa precisa ser pautada pelos boatos’, afirma Pablo Ortellado, pesquisador que monitora notícias políticas.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 10-2-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Jsbusv2>;
- **Esquerda se uniu para denunciar repressão ao movimento social,** avalia Pablo Ortellado. Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 8-11-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2JbmmOA>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/5iwQDWXIFlg>.

2º Ciclo de Estudos - A reinvenção da política no Brasil contemporâneo. Limites e perspectivas

Possíveis caminhos para a reconstrução da esquerda no Brasil

Prof. Dr. Ruy Fausto - USP

Entrevistas

- **“O PT não defende a causa da esquerda. Nem a do país”.** Entrevista com Ruy Fausto, publicada nas Notícias do Dia de 21-7-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2stmheu>.
- **A reversão da crise requer uma exigência democrática sem perda do impulso anti-capitalista.** Entrevista especial com Ruy Fausto, publicada nas Notícias do Dia de 25-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sv35gN>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/s3sie5NVJ68>

Perspectivismo Político e Pragmatismo Radical. Possibilidades para a reinvenção da política

Prof. Dr. Moysés Pinto Neto – ULBRA

Entrevistas

- **Crise política e a desconstrução do país.** Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, publicada nas Notícias do Dia de 23-9-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sEJb29>.
- **Uma saída pragmática, sem vestir vermelho, poderá promover grandes mudanças para a crise brasileira.** Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, publicada nas Notícias do Dia 11-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2LiwDoQ>.
- **Tudo que se refere à eleição de 2018 é sintoma da gravidade da crise política.** Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, Rodrigo Nunes e Caio Almendra, publicada nas Notícias do Dia 17-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2J5WNYe>.
- **A política brasileira com as vísceras expostas.** Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, publicada nas Notícias do Dia 15-12-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU,



disponível em <http://bit.ly/1ROaQkp>.

- **A incansável denegação do genocídio e o índio inexistente.** Entrevista especial com Moysés Pinto Neto e Helena Palmquist, publicada nas Notícias do Dia 12-8-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2svlDxc>.

- **Muros do condomínio esquerdista transformados em pontes de diálogo pragmático com a maioria inconformada.** Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, publicada nas Notícias do Dia 23-4-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2LYDULJ>.

- **Perspectivismo político e pragmatismo radical como alternativas à crise política.** Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, publicada nas Notícias do Dia 30-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2JgpggM>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/EHQlgxMKNeg>.

**

Uma esquerda para além do PT

Prof. Dr. Fábio Luís Barbosa dos Santos – UNIFESP

Entrevistas

- **“Os governos ‘progressistas’ da América Latina foram funcionais à reprodução do neoliberalismo”.** Entrevista especial com Fábio Luís Barbosa dos Santos, publicada nas Notícias do Dia 11-5-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sEY9oH>.

- **“Não tem espaço para reforma dentro da ordem, porque as classes dominantes brasileiras não toleram qualquer mudança”.** Entrevista especial com Fábio Luís Barbosa, publicada nas Notícias do Dia 23-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Jj5Nfp>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/t06Je2Zzx2w>

**

Movimentos tradicionais e movimentos autonomistas. Possibilidades à reinvenção da política e da esquerda no Brasil

Profa. MS Alana Moraes – UFRJ

Entrevistas

- **Marielle e os dois pilares do poder e do capitalismo: o patriarcado e o aparato do Estado penal racista.** Entrevista especial com Alana Moraes e José Cláudio Alves, publicada nas Notícias do Dia 23-3-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2LYOP80>.

- **Movimentos tradicionais, autonomistas e um novo ciclo de lutas no Brasil.** Entrevista especial com Alana Moraes, publicada nas Notícias do Dia 28-4-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2LWJv53>.

- **Não existe ‘outro mundo para se construir’. Existem outras relações e modos de vida a se construir nesse mesmo mundo.** Entrevista especial com Alana Moraes, publicada nas Notícias do Dia 24-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Jd2S8c>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/ro5NBgZKxEM>.

**

A reinvenção da política no Brasil contemporâneo

A reinvenção da esquerda brasileira no pós-lulismo. Continuidades e rupturas

Prof. Dr. Pablo Ortellado – USP

Entrevistas

- **Qual é a natureza da Lava Jato? Compreendê-la é chave neste momento político.**

Entrevista especial com Pablo Ortellado, publicada nas Notícias do Dia 10-3-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2JmAlAv>.

- **A ocupação de escolas é o filho mais legítimo de Junho de 2013. Entrevista especial com Pablo Ortellado**, publicada nas Notícias do Dia 18-5-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2svLxB6>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/ZXz2jAZxVAk>

**

Reconstruir em campo minado. Ideias para uma esquerda pós-PT

Prof. Dr. Rodrigo Nunes – PUC-Rio

Entrevistas

- **A esquerda pós-PT: “Chega uma hora em que a realidade precisa vencer o medo”.**

Entrevista especial com Rodrigo Nunes, publicada nas Notícias do Dia 17-4-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2JgkuQw>.

- **As manifestações renovarão os mecanismos existentes ou criarão novos?** Entrevista especial com Rodrigo Nunes, publicada nas Notícias do Dia 17-2-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sFGUDz>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/EiG3AsjE58Q>.

**

A desidentificação da esquerda como possibilidades na política brasileira contemporânea

Prof. Dr. Moyses Pinto Neto – ULBRA

Entrevistas

- **A política brasileira com as vísceras expostas.** Entrevista especial com Moysés Pinto, Neto, publicada nas Notícias do Dia 15-12-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1ROaQkp>.

- **Da incompreensão das ruas à judicialização da política brasileira.** Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, publicada nas Notícias do Dia 16-3-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2q6Yz4h>

- **Muros do condomínio esquerdista transformados em pontes de diálogo pragmático com a maioria inconformada.** Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, publicada nas Notícias do



Dia 23-4-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2LkEXEk>.

- **Uma saída pragmática, sem vestir vermelho, poderá promover grandes mudanças para a crise brasileira.** Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, publicada nas Notícias do Dia 11-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2xMRhLA>.

Conferência

O vídeo está disponível em https://youtu.be/TRSYnLs_vL0.

**

Impasses e possibilidades da esquerda na América Latina

Prof. Dr. Fábio Luís Barbosa dos Santos

Entrevistas

- **“Os governos ‘progressistas’ da América Latina foram funcionais à reprodução do neoliberalismo”.** Entrevista especial com Fábio Luís Barbosa dos Santos, publicada nas Notícias do Dia 11-5-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2xMSAds>.

- **“Não tem espaço para reforma dentro da ordem, porque as classes dominantes brasileiras não toleram qualquer mudança”.** Entrevista especial com Fábio Luís Barbosa, publicada nas Notícias do Dia 23-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Jj5Nfp>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/H9xzCO7TZRE>

**

A reinvenção da política e da esquerda. Um olhar a partir das periferias

MS Henrique Bosso da Costa – USP

Entrevistas

- **A esquerda optou pela obsolescência da transformação social e se rendeu à ideia de que as coisas são feitas aqui e agora.** Entrevista especial com Henrique Costa, publicada nas Notícias do Dia 14-6-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sD4roX>.

- **Setores políticos ‘progressistas’ e a compreensão enviesada e utilitarista da periferia.** Entrevista especial com Henrique Costa, publicada nas Notícias do Dia 17-5-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2qF2C8C>.

- **A periferia paulista substitui Lula por Doria e adere ao discurso do mérito sustentado pelo lulismo.** Entrevista especial com Henrique Costa, publicada nas Notícias do Dia 7-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2kLTHAV>.

Conferência

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/ijfJ--x8ZJo>

A nova esquerda é imprescindível para a América do Sul

Para Eduardo Gudynas, a situação é muito complicada porque o esgotamento dos progressismos tem efeitos negativos multiplicados

Vitor Necchi | Tradução: Henrique Denis Lucas

26

A constituição de um pensamento de esquerda na América do Sul remonta às discussões europeias, que tinham grande influência no continente. “No século 19, por exemplo, as ideias dos socialistas europeus eram bem conhecidas e discutidas”, lembra Eduardo Gudynas. “Embora tenham surgido posicionamentos próprios dentro do continente, sempre foi preciso enfrentar a influência de posições eurocêntricas e muitas vezes o dogmatismo.”

Gudynas, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, salienta que não concorda que haja um esgotamento da esquerda. No seu entendimento, em muitos casos essa questão “surge para confundir as correntes políticas progressistas, como o PT, no Brasil, com o que seria uma postura de esquerda”. Ele observa que esquerda e progressismo são dois programas políticos diferentes. Progressismos “são aqueles que agora se encontram em uma fase de esgotamento, no sentido de que não conseguem gerar novidades e avançam em gestões governamentais cada vez mais convencionais”.

“A situação atual é muito complicada”, reconhece, porque o esgotamento dos progressismos tem efeitos negativos multiplicados. “Por um lado, afetam a esquerda independente, enquanto que, para muitos, esta faz parte desses progressismos e, portanto, atribuem-lhes responsabilidades a muitos problemas, como a corrupção.

Ao refletir sobre que modelo econômico seria adequado para combinar

preservação ambiental e combate à pobreza e à exclusão que caracterizam boa parte do continente, Gudynas destaca que “a discussão atual propõe algumas estratégias de reforma e transformação que são, por sua vez, econômicas e políticas, que começam pelo desarme da dependência extrativista”.

Em tempos de incertezas, Gudynas afirma: “A nova esquerda é imprescindível”. Ele entende que “o compromisso de esquerda com a justiça social mantém toda a sua vigência e, com isto, a necessidade de democratizar a política”. No entanto, precisa ser “nova” porque a temática ambiental deve ser somada à sua postura tradicional. “Não há justiça social se não houver uma justiça ecológica”, garante.

Eduardo Gudynas é ambientalista e pesquisador vinculado ao Centro Latino-Americano de Ecologia Social - Claes, do qual é secretário-executivo. Tem formação pela Faculdade de Medicina da Universidade da República - UDeLaR, do Uruguai, e já exerceu a função de professor visitante em diversas universidades da América Latina e dos Estados Unidos.

Gudynas ministrou a palestra *A modernidade viscosa latino-americana e a reinvenção política*, dentro do **3º Ciclo de Estudos – A esquerda e a reinvenção da política no Brasil contemporâneo**, no dia 28-5-2018. Acesse a íntegra da conferência em <https://youtu.be/KdWpPhPA8-Y>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Na América do Sul, como se constituiu o pensamento de esquerda?

Eduardo Gudynas – De uma maneira mais ampla, o pensamento de esquerda esteve presente quase

desde a formação da América do Sul, já que as discussões europeias tinham uma enorme influência no con-

“De uma maneira mais ampla, o pensamento de esquerda esteve presente quase desde a formação da América do Sul, já que as discussões europeias tinham uma enorme influência no continente”

tinente. No século 19, por exemplo, as ideias dos socialistas europeus eram bem conhecidas e discutidas. Embora tenham surgido posicionamentos próprios dentro do continente, sempre foi preciso enfrentar a influência de posições eurocêntricas e muitas vezes o dogmatismo. Tentativas de formar uma esquerda latino-americana própria, como as do peruano José Carlos Mariátegui, chocavam-se contra a ortodoxia do norte, apoiada por muitos aqui no sul. Dessa maneira, sob essas tensões, constituíram-se diversas correntes do que poderia ser chamada de uma esquerda, em sentido amplo.

IHU On-Line – Há um esgotamento da esquerda? Se sim, qual o caminho?

Eduardo Gudynas – Não compartilho da ideia de um “esgotamento” da esquerda, e acredito que, em muitos casos, essa pergunta surge para confundir as correntes políticas progressistas, como o PT, no Brasil, com o que seria uma postura de esquerda. Na minha opinião, esquerda e progressismo são dois programas políticos diferentes. Muitas correntes de esquerda – e entre elas estava o velho PT – foram muito poderosas e conseguiram conquistar o governo. No entanto, uma vez com o controle do Estado nas mãos, pouco a pouco, abandonaram vários componentes essenciais daquele programa de esquerda original e se transformaram em progressismos. Eles nem ocultaram isso: agrupamentos políticos como os de Aliança País, no Equador, de Rafael Correa, a Frente Am-

pla, no Uruguai, o Movimento para o Socialismo, na Bolívia, o chavismo venezuelano, o kirchnerismo, na Argentina, todos eles definem a si mesmos agora como “progressistas”.

Com esse ponto esclarecido, os progressismos são aqueles que agora se encontram em uma fase de esgotamento, no sentido de que não conseguem gerar novidades e avançam em gestões governamentais cada vez mais convencionais. Mas tampouco concordo com o que dizem sobre um “final” dos progressismos, já que é evidente que eles resistem como uma manifestação política em vários países, e em outros, continuam a manter os governos em suas mãos (como na Bolívia e no Uruguai).

IHU On-Line – Na atualidade, qual o panorama da esquerda no continente?

Eduardo Gudynas – A situação atual é muito complicada, porque esse esgotamento dos progressismos tem efeitos negativos multiplicados. Por um lado, afetam a esquerda independente, enquanto que, para muitos, esta faz parte desses progressismos e, portanto, atribuem-lhes responsabilidades a muitos problemas, como a corrupção. Por outro lado, o próprio progressismo desmontou mecanismos e instituições que favoreciam a participação cidadã, e que são importantes para manter esse espírito de esquerda. Eles desarmaram, por exemplo, o que antes se chamava radicalização da democracia, como as consultas cidadãs ou orçamentos participativos. Abandonaram o diálogo com orga-

nizações cidadãs essenciais, como as feministas, os ambientalistas e os indígenas. Têm enormes problemas em entender os direitos humanos em toda sua amplitude e, por isso, apelam para mecanismos que condicionam a sociedade civil, como a perseguição às ONGs e movimentos independentes na Bolívia.

Esses dois caminhos, por vias distintas, reforçaram a ideia de que não existem outras alternativas possíveis, como se o progressismo tivesse sido o limite das mudanças possíveis e desejadas, e nada mais existiria além deles. Então, se o convencimento de que não há alternativas é algo compartilhado entre as pessoas, e que o atual caminho, o progressismo, ao final de contas repete o mesmo tipo de desenvolvimento, outra vez baseado na exploração de matérias-primas, e segue sendo tão corrupto quanto os demais partidos, então torna-se muito difícil explorar uma renovação da esquerda.

IHU On-Line – O que é o progressismo e como ele se processa?

Eduardo Gudynas – O surgimento do progressismo tem sido um processo lento. E, em grande parte, dependeu das pressões recebidas por aquela esquerda original que estava no poder e que, do seu ponto de vista, não teve mais opções do que repetir o desenvolvimento convencional. Então, os governos iniciais se voltaram, por exemplo, para o extrativismo, para manter as exportações de matérias-primas. Essa mudança, no Brasil, foi impactante e passou

despercebida por boa parte dos intelectuais tanto de esquerda quanto progressistas.

Em poucos anos, os governos de Luiz Inácio Lula da Silva transformaram o Brasil no país mais extrativista do continente, em primeiro lugar como exportador mineiro, à frente de Chile ou Bolívia, e primeiro exportador agrícola. O povo desfrutava de uma moeda (o real) barata em relação ao dólar, com forte expansão consumista, especialmente nas grandes cidades. Mas, por sua vez, a base industrial do país se deteriorava. E enquanto muita gente aproveitava uma televisão de plasma ou um novo celular, não se dava conta de que seu esgoto ou água potável continuava tão mal quanto antes. É nesse tipo de dinâmica que opera a divergência entre esquerda e progressismo. O “boom” das matérias-primas e o acesso generalizado a um novo consumismo deram um forte apoio eleitoral aos progressismos.

“A América Latina está destruindo sua natureza especialmente para alimentar as exportações que sustentam o consumismo do capitalismo planetário”

IHU On-Line – Qual a relação do progressismo com a esquerda?

Eduardo Gudynas – O progressismo como programa político não é conservador. Ninguém pode dizer, por exemplo, que os governos do PT

seriam neoliberais. Mas é uma posição política distinta de alguns elementos da esquerda que lhe deram origem. Por exemplo, a esquerda das décadas de 1980 e 1990 debatia fortemente o desenvolvimento convencional, rejeitava o fato de que os países latino-americanos continuaram a ser provedores de matérias-primas, e buscavam outro tipo de inserção internacional e coordenação regional. Essa postura crítica frente ao desenvolvimento se perdeu com o progressismo. Os governos desse tipo passaram a defender um desenvolvimento convencional baseado na exportação de matérias-primas e consideravam que aqueles que questionavam os impactos da mineração ou do petróleo, por exemplo, faziam parte de partidos de direita ou representavam posturas radicais infantis. Por sua vez, esses progressismos perderam suas conexões com os movimentos camponeses ou indígenas, e consideravam que seus alertas ou protestos colocavam o desenvolvimento em risco. Nisto, também se separaram da esquerda. As visões simplistas tinham muitas defesas políticas e acadêmicas, como se pode ver quando, por exemplo, são compartilhados os escritos de Emir Sader ou Wladimir Pomar, no caso do Brasil, mas há outros exemplos semelhantes nos demais países. Ali também ocorreu uma separação com a esquerda, já que esta sempre defendeu posturas críticas.

Agora, reconhecendo a necessidade desses olhares críticos independentes, também é certo que aquela esquerda do final do século 20, na América Latina, tinha enormes dificuldades em abordar temas como o ambiente, a interculturalidade ou o feminismo. A esquerda do começo do século 21, em alguns lugares, conseguiu diálogos, aprendizagens e coordenações com essas novas problemáticas, mas não geraram frutos em grande parte por conta da predominância dos progressismos nos governos.

IHU On-Line – Temas ambientais e ecológicos costumam

ser contemplados pelos movimentos sociais e de esquerda. No âmbito dos governos de esquerda, como esta questão vem sendo tratada no continente?

Eduardo Gudynas – Por um lado, existe um maior reconhecimento da importância da problemática ambiental, que já é tão grave que poucos são capazes de negar. Está muito claro, por exemplo, o desflorestamento amazônico ou os efeitos das alterações climáticas globais. Por outro lado, muitas resistências se mantêm na tomada de medidas políticas necessárias para incorporar essa dimensão ambiental. Os governos progressistas não conseguiram nenhuma reforma ambiental substancial. Há alguns êxitos pontuais, como, por exemplo, os anos em que o nível de desflorestamento amazônico baixou no Brasil, mas, por sua vez, mantiveram-se os problemas estruturais que destroem a natureza, como o agronegócio.

Tanto os governos conservadores quanto os progressistas debilitaram os ministérios do Meio Ambiente, colocando o controle ambiental nas mãos de investimentos estrangeiros ou de exportações de matérias-primas, considerando os ambientalistas como oponentes políticos. No entanto, a pressão cidadã segue aumentando em todos os países, enfrentando especialmente os extrativismos.

IHU On-Line – Os diferentes governos sul-americanos autoproclamados de esquerda se tornaram reféns das empresas de extrativismo?

Eduardo Gudynas – Insisto: os governos eram progressistas, e não de esquerda. É correto falar que em todos os países, sejam eles conservadores ou progressistas, tenha aumentado o extrativismo de minérios, petróleo e monoculturas. Mas isso não se deveu a que os governos tenham se tornado reféns de empresas, já que em diversos países os próprios governos eram os donos ou administradores das empresas extrativistas. Recordemos que as

petroleiras são estatais, como, por exemplo, na Bolívia, no Equador e na Venezuela, ou são controladas pelo governo, como no caso da Petrobras. O que houve foi que os governos não encontraram outro tipo de estratégia que não fosse o extrativismo, como forma de preservar suas exportações, conseguindo o capital necessário para manter o Estado e a sociedade. Então, os progressismos não eram reféns, mas promoveram seu próprio tipo de extrativismo, com a maior participação estatal em alguns setores e com um discurso que os associava aos programas de combate à pobreza. Em alguns casos, incentivaram ainda mais esses extrativismos, já que tinham redes de corrupção formadas entre partidos e empresas, como modo de obtenção de dinheiro. As redes de corrupção estabelecidas entre Petrobras, empresas construtoras e praticamente todos os partidos políticos brasileiros é um exemplo. O mesmo foi encontrado em outros países, ainda que, às vezes, a imprensa tradicional não publique. Um caso escandaloso aconteceu com a corrupção associada à mineração chilena, em que se descobriu que todos os partidos políticos no Congresso recebiam dinheiro, e os pagamentos eram proporcionais aos números de votos.

IHU On-Line – Que modelo econômico seria adequado para combinar preservação ambiental e combate à pobreza e à exclusão que caracterizam boa parte do continente?

Eduardo Gudynas – A discussão atual propõe algumas estratégias de reforma e transformação que são, por sua vez, econômicas e políticas, que começam pelo desarme da dependência extrativista. A América Latina está destruindo sua natureza especialmente para alimentar as exportações que sustentam o consumismo do capitalismo planetário. Então, uma primeira medida é dismantlar essa subordinação à globalização. Em seguida, questiona-se que isso não seja possível, porque implicaria em um colapso econômico, o que não é correto. Na verdade, a questão é que os Estados subvencionam de maneiras diretas e indiretas a esses extrativismos. Portanto, o que constituiria as transições pós-extrativistas incluem uma reforma substancial no gasto do Estado e nos instrumentos tributários, para apoiar setores próprios e necessários para assegurar a qualidade de vida das pessoas.

Todas essas estratégias não podem ser resumidas nesta breve en-

trevista, mas o importante é deixar bem claro que agora existe uma ampla quantidade de exemplos e reflexões sobre essas alternativas para o desenvolvimento convencional e que elas são muito discutidas nos países vizinhos.

IHU On-Line – O senhor disse que está convencido de que uma nova esquerda é necessária. Por quê? E que esquerda seria preciso?

Eduardo Gudynas – A nova esquerda é imprescindível. O compromisso de esquerda com a justiça social mantém toda a sua vigência e, com isto, a necessidade de democratizar a política. Mas, ela tem de ser “nova” porque deve ser somada à sua postura tradicional a temática ambiental. Dito de outra maneira, não há justiça social se não houver uma justiça ecológica. E também há de ser “nova” em um sentido latino-americano, em que é imprescindível recuperar, respeitar e dialogar com uma diversidade de culturas, muitas das quais têm exemplos riquíssimos de outras relações sociais e ecológicas. Também há de ser “nova” para não cair novamente para a direita ou para os progressismos. ■

Leia mais

- **Esquerda e progressismo são hoje duas coisas diferentes na América Latina.** Entrevista especial com Eduardo Gudynas, publicada nas Notícias do Dia de 30-3-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2HiSOsq>.

- **Somos líquidos... ou viscosos?** Artigo de Eduardo Gudynas, publicada nas Notícias do Dia de 28-8-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sviPAk>.

- **América Latina. “O progressismo afastou-se das ideias iniciais da esquerda”.** Entrevista com Eduardo Gudynas, publicada nas Notícias do Dia de 2-3-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2JrH6kf>.

- **Progressismo: as contradições dos governos da América Latina.** Entrevista com Eduardo Gudynas, publicada nas Notícias do Dia de 18-6-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sEGDRt>.

- **Extrativismos inevitavelmente caem em corrupção.** Artigo de Eduardo Gudynas, publicada nas Notícias do Dia de 23-3-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2sEi3Ae>.

Ciclo progressista chegou ao fim e está em crescimento uma nova direita

Para Raúl Zibechi, a esquerda necessita de um projeto de transformação da sociedade que não passe necessariamente pela ocupação do Estado

Vitor Necchi | Tradução: Henrique Denis Lucas

O ciclo progressista na América do Sul chegou ao fim e está em crescimento uma nova direita, “mais ofensiva e militante que as anteriores”, entende o uruguaio Raúl Zibechi. Ele elenca três fatores para se chegar a esta conjuntura: citando Noam Chomsky, afirma que “os Estados Unidos já não possuem a força para impulsionar golpes e acabam por apoiar as direitas de cada país”; sob governos progressistas, as direitas se tornaram mais fortes; por fim, a incompreensão da esquerda após a crise de 2008 e a reativação dos movimentos populares, e, conforme Zibechi, “quando a esquerda não compreende, põe a culpa na direita, no império e nos meios de comunicação”.

Ao avaliar as possibilidades para um projeto político de esquerda, aponta que o principal limite é o Estado. “O poder estatal é um problema grave que transforma os revolucionários em uma nova burguesia de gestores, que não são proprietários dos meios de produção, mas, a partir do poder, os administram em benefício da nação e de si mesmos”, avalia em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. No seu entendimento, “as possibilidades da esquerda começariam a surgir se a derrota do 1% que está no topo fosse discutida seriamente. Sem isso, não há nada a ser feito”.

Na atual conjuntura, observa que “a esquerda necessita de um projeto de transformação da sociedade que não passe necessariamente pela ocupação do Estado”. Para Zibechi, “ser de esquerda é assentar as bases éticas e organizacionais para que os movimentos populares perdurem no tempo, ainda que sejam derrotados, o que não é algo negativo”. Ele sugere que a esquerda se desfoque “das agendas eleitorais, algo

que está muito longe de passar pela mente dos dirigentes sindicais e dos partidos de esquerda”.

Para Zibechi, o ciclo progressista se caracteriza pelos altos preços das *commodities*, “que permitiu que os governos pudessem melhorar a situação dos pobres, sem tocar nos interesses dos ricos”. Durou pouco tempo. Ele estima que entre 2008 e 2010, “e a partir desse momento, com a queda dos preços das exportações, toda a estrutura começou a ranger, pois, não havendo mais superávits, os recursos para seguir melhorando a situação dos setores populares começam a ficar escassos, e a direita toma a dianteira”.

Na sua visão, uma nova direita está emergindo no mundo e também na América Latina. Ela “tem uma profunda rejeição a negros e pobres, ainda que aceite a maconha e os gays”. Seu projeto é “muito elitista, muito mais do que a direita de 64, porque aquela queria domesticar os pobres e esta – eles não comentam – quer exterminá-los”. De outro lado, “a esquerda não está nada preparada para enfrentá-la, nem no terreno militante, nem no ideológico”.

Raúl Zibechi é escritor, jornalista e pensador-ativista uruguaio, dedicado ao trabalho com movimentos sociais na América Latina. Foi membro da Frente Revolucionária Student - FER, grupo de estudantes ligados ao Movimento de Libertação Nacional - Tupamaros. Em meados dos anos 1980, começou a publicar artigos em revistas e jornais de esquerda (Página Aberta, Egin, Libertação) e meios de comunicação da América Latina (Página/12, Argentina, e Mate Amargo, Uruguai). Foi editor do semanário Brecha e ganhou o Prêmio de Jornalismo José Martí por sua análise do

movimento social argentino que levou à insurreição de dezembro de 2001. Entre suas publicações mais recentes, estão *Latiendo Resistencia. Mundos Nuevos y Guerras de Despojo* (Oaxaca: El Rebozo, 2015), *Descolonizar el pensamiento crítico y las prácticas emancipatorias* (Quimantú, 2014 y Desdeabajo, 2015) e *Preservar y compartir. Bienes comunes y movimientos sociales* (Buenos Aires: Mardulce, 2013).

IHU On-Line – O presente se mostra difícil, e o futuro se revela pouco animador. Que conjuntura política é essa e como se chegou a ela?

Raúl Zibechi – É o fim do ciclo progressista e o crescimento de uma nova direita, mais ofensiva e militante que as anteriores. Chegamos a esta conjuntura por três razões.

A primeira é de caráter geopolítico. Diante do declínio hegemônico dos Estados Unidos e a imparável ascensão da China, a ex-superpotência se vê pressionada a disciplinar “as flores do seu quintal”, o que explica as intervenções no Paraguai, com o presidente Fernando Lugo¹, e em

1 **Fernando Lugo** (1951): ex-bispo católico e político paraguaio, ex-presidente de seu país. Adepto da Teologia da Libertação, Lugo é próximo do brasileiro Frei Betto e admirador de Leonardo Boff e de dom Hélder Câmara. Em 2004, sem divulgar as razões, a Igreja Católica o aposentou do cargo – hoje seu título é o de “bispo emérito”. Muitos no Paraguai acreditam que isso se deva à sua militância política. Desde março de 2006, quando liderou uma passeata de 40 mil pessoas contra o projeto de reeleição do presidente Nicanor Duarte e manutenção dos colorados no poder, Fernando Lugo tornou-se uma estrela da oposição. Em dezembro do mesmo ano, anunciou que abandonaria a batina para se dedicar à política e concorrer à presidência do país em 2008 – a lei paraguaia exige a desvinculação. Em seguida, apresentou seu pedido de renúncia à vida religiosa. Em resposta, o Vaticano enviou-lhe uma carta na qual sugeria que ele “refletisse melhor” e abandonasse a pretensão de entrar na política. Por ter efetivado sua renúncia sem esperar a resposta do Vaticano e por manter sua atividade política, recebeu uma suspensão a divinis do papa Bento XVI, ou seja, deixa de exercer as funções eclesiais, embora ainda seja um bispo. Na campanha, disse que faria reforma agrária, respeitando a Constituição, e que pretendia renegociar a maneira como o Paraguai vende a energia elétrica da usina binacional de Itaipu ao Brasil, no sentido de obter “um preço de mercado justo”. Prometeu empenhar-se na luta contra a corrupção e favorecer o nacionalismo, no plano econômico. Em 20 de abril de 2008, a esquerda paraguaia festejou a vitória de Lugo, líder da Alianza Patriótica para el Cambio (APC), tirando do poder o Partido Colorado, que durante 35 anos esteve à frente do governo paraguaio. No dia 22 de junho de 2012, o presidente foi destituído do cargo pelo Senado, por 39 votos a 4, depois de um rápido julgamento político em que foi considerado culpado por mau desempenho, sendo substituído pelo vice-presidente Federico Franco. O processo de impeachment durou menos de 36 horas. Embora tenha acatado o veredito, Lugo declarou que considerava o impeachment como um golpe. O vice-presidente Federico Franco assumiu o cargo

Honduras, contra Zelaya². E agora, no Brasil. A rigor, não são golpes do imperialismo, embora no Paraguai tenha ocorrido algo preparado pela Monsanto, com o aval dos Estados Unidos, e no Brasil, a soma de evangélicos, alguns meios de comunicação grandes, a direita brasileira e o empresariado industrial. Como assinala Noam Chomsky³, os Estados Unidos já não possuem a força para impulsionar golpes e acabam por apoiar as direitas de cada país.

da presidência do país no mesmo dia da consumação do impeachment. (Nota da IHU On-Line)

2 **José Manuel Zelaya Rosales** (1952): conhecido como Mel Zelaya, é um político hondurenho. Eleito presidente da República de Honduras, exerceu o cargo de 27 de janeiro de 2006 a 28 de junho de 2009, quando foi preso em sua residência por tropas da polícia federal e do exército hondurenho, que obedeciam às altas cortes judiciais do país, sendo alegado, para isso, desobediência constitucional. Em seguida, foi enviado para San José, Costa Rica. Considerada por muitos analistas como um golpe de Estado, embora o artigo 239 da Constituição Hondurenha reze que “todo aquele que pretender concorrer à reeleição será completamente afastado da posição que ocupe, no momento, dentro do governo”, cláusula pétrea daquela Carta Magna. A ação foi condenada publicamente por vários governos, em especial de países das Américas e da Europa, e instituições multilaterais como a Organização das Nações Unidas e a Organização dos Estados Americanos, que desconsideraram a legislação hondurenha. Nenhum país reconheceu o governo liderado por Roberto Micheletti. (Nota da IHU On-Line)

3 **Noam Chomsky** (1928): linguista, filósofo, cientista cognitivo, comentarista e ativista político norte-americano, reverenciado em âmbito acadêmico como “o pai da linguística moderna”, também é uma das mais renomadas figuras no campo da filosofia analítica. Chomsky é Professor Emérito em Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, e teve seu nome associado à criação da gramática ge(ne)rativa transformacional. É também o autor de trabalhos fundamentais sobre as propriedades matemáticas das linguagens formais, tendo seu nome associado à chamada Hierarquia de Chomsky. Seus trabalhos, combinando uma abordagem matemática dos fenômenos da linguagem com uma crítica do behaviorismo, nos quais a linguagem é conceitualizada como uma propriedade inata do cérebro/mente humanos, contribuem decisivamente para a formação da psicologia cognitiva, no domínio das ciências humanas. Além da sua investigação e ensino no âmbito da linguística, Chomsky é também conhecido pelas suas posições políticas de esquerda e pela sua crítica da política externa dos Estados Unidos. Chomsky descreve-se como um socialista libertário. Identifica-se com aquilo que é modernamente compreendido como “anarcossindicalismo”, havendo também quem o associe ao anarcocomunismo ou ao comunismo de conselhos. (Nota da IHU On-Line)

Zibechi ministrou a palestra *Populismo pós-estrutural e multidão. Possibilidades à reinvenção política brasileira e latino-americana*, dentro do **3º Ciclo de Estudos – A esquerda e a reinvenção da política no Brasil contemporâneo**, no dia 28-5-2018. Acesse a íntegra da conferência em <https://youtu.be/p9GNWX17vQw>.

Confira a entrevista.

A segunda questão é que, sob os governos progressistas, as direitas se tornaram mais fortes. Ninguém se questiona por que motivos isto ocorreu. Há duas razões básicas: o progressismo não tocou nos interesses materiais das burguesias e fomentou um modelo neoliberal de monoculturas, mineração a céu aberto e especulação imobiliária. O extrativismo fortalece as direitas, tanto no plano material quanto no aspecto cultural, através de uma cultura de consumo que despolitiza.

A terceira é que, logo após a crise de 2008, houve uma reativação dos movimentos populares, no Brasil, em junho de 2013, e o progressismo não foi capaz de entender o que estava acontecendo e posicionar-se à frente de lutas contra a desigualdade. Nesse momento, as chamadas esquerdas se assustaram, pois estavam tão seguras de seu relato, considerando que os pobres estavam satisfeitos com as migalhas do Bolsa Família, que não puderam entender a situação. E quando a esquerda não compreende, põe a culpa na direita, no império e nos meios de comunicação.

IHU On-Line – O que caracteriza o pensamento de esquerda?

Raúl Zibechi – Prefiro falar de pensamento emancipatório, que é uma amálgama entre antipatriarcalismo, anticapitalismo e anticolonialismo. Porque o machismo, o racismo e o capitalismo são os três grandes problemas que mais fazem nossos povos sofrer, e a dominação é constituída por um perfil de gênero, de cor e de classe. O último aspecto, o

desenvolvimento capitalista, está na base da crise ambiental que sofremos, embora o patriarcado também se relacione com a agressão ao meio ambiente.

Acredito que o pensamento da esquerda seja muito mais pragmático e busque melhorar a situação dos oprimidos abordando as três opressões que mencionei. Em todo caso, ambas as correntes – e a emancipatória é muito mais abrangente e profunda – têm em comum uma ética de vida que deveria ser a principal marca identitária de toda pessoa que se organiza em um partido de esquerda ou que participa, digamos, na luta feminista.

No fundo, a ética é a única coisa que nos diferencia dos opressores. No entanto, é muito pouco valorizada neste período em que observamos os dirigentes do partido Podemos, na Espanha, cometendo equívocos ao comprar uma casa de meio milhão de euros, algo que pode acabar com a sua carreira política. O grande drama em que vivemos hoje é que as pessoas da esquerda não vivem de forma distinta das pessoas da direita, pois ambos desejam as mesmas coisas, com a única diferença que uns têm mais acesso aos bens de consumo do que outros.

IHU On-Line – Quais os limites e quais as possibilidades de um projeto político de esquerda?

Raúl Zibechi – O principal limite é o Estado. Nunca fizemos um balanço sério de um século de revoluções. O regime de Stalin⁴ foi muito semelhante ao de Pedro I, O Grande, e dos principais czares russos. Os líderes chineses são os novos mandarins. As revoluções africanas instalaram no

topo do poder pessoas que vivem de maneira muito semelhante à como viviam os colonizadores. A repressão de Daniel Ortega⁵ é muito parecida com a de Somoza⁶. Algo aconteceu e merece uma reflexão bem aprofundada, porque não é mais possível atribuímos isso aos “desvios” de um ou dois dirigentes.

O poder estatal é um problema grave que transforma os revolucionários em uma nova burguesia de gestores, que não são proprietários dos meios de produção, mas, a partir do poder, os administram em benefício da nação e de si mesmos. Esta nova burguesia não é analisada a rigor, como Charles Bettelheim⁷ fez na década de 1970 e, mais recentemente, o português-brasileiro João Bernardo⁸, no

excelente trabalho *Marx crítico de Marx* (Afrontamento, 1977).

As possibilidades da esquerda começariam a surgir se a derrota do 1% que está no topo fosse discutida seriamente. Sem isso, não há nada a ser feito. Acredito que a experiência brasileira, que consistiu em conviver com esse 1%, demonstra que este é um caminho equivocados, como Lula parece ter insinuado quando foi levado à prisão.

IHU On-Line – A esquerda precisa se reinventar? Como?

Raúl Zibechi – A esquerda necessita de um projeto de transformação da sociedade que não passe necessariamente pela ocupação do Estado. Para isso, necessita recuperar a ideia de longa data de que a transição do capitalismo para uma sociedade não capitalista requer décadas, se não séculos, e que quem se encontra atualmente no mundo não verá, nem desfrutará dessas mudanças, mas que podemos, sim, colocar a proa deste barco nessa direção. Isso também faz parte de uma ética de vida, porque pressupõe que lutaremos por toda nossa vida, pois acreditamos que devemos viver assim, e não porque o pensamento é o de que nos beneficiaremos com os resultados dessa luta.

Ser de esquerda é assentar as bases éticas e organizacionais para que os movimentos populares perdurem no tempo, ainda que sejam derrotados, o que não é algo negativo. Interiorizamos uma ideia de que a derrota é uma tragédia a ser evitada, o que nos debilita ao extremo. Quais ensinamentos tiramos da derrota do progressismo? Muitos acreditam que, caso Lula⁹ seja libertado, encontra-

4 **Josef Stalin** (1878-1953): ditador soviético, líder máximo da URSS de 1924 a 1953 e responsável pela condução de uma política nomeada como stalinismo. Chegou a estudar em um colégio religioso de Tbilisi, capital georgiana, para satisfazer os anseios de sua mãe, que queria vê-lo seminarista, mas logo acabou enveredando pelas atividades revolucionárias contra o regime czarista. Passou anos na prisão e, quando libertado, aliou-se a Vladimir Lenin e outros camaradas, que planejavam a Revolução Russa. Stalin ocupou o posto de secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética entre 1922 e 1953 e, por conseguinte, o de chefe de Estado da URSS durante cerca de um quarto de século. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Daniel Ortega** (1945): político nicaraguense. Foi presidente de seu país entre 1985 e 1990. Voltou ao cargo em 2006, tendo sido reeleito em 2011 e 2016. É membro da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) desde 1962. Com o triunfo da Revolução Sandinista contra o ditador Anastasio Somoza Debayle em 17 de julho de 1979, integrou a Junta do Governo de Reconstrução Nacional, assumindo os cargos de coordenador, chefe do governo e ministro da Defesa. Em 1984, foi eleito presidente da República. Seu primeiro mandato foi caracterizado por uma controversa política de reforma agrária e distribuição de riquezas, além da atuação dos Contrás, grupos contrários a seu governo financiados indiretamente pelos Estados Unidos da América, conforme ficaria mais tarde evidenciado no escândalo Irã-Contrás. Ortega foi derrotado por Violeta Barrios de Chamorro nas eleições de 1990, mas continuou sendo uma figura importante no cenário político da Nicarágua. Disputou outras duas eleições sem sucesso, em 1996 e 2001, antes de ser novamente eleito presidente em 2006. Em 2011 foi reeleito presidente e novamente em 2016, com mais de 70% dos votos. No país não há limite de mandatos. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Anastasio Somoza** (1896-1956): oficialmente, o 34º e 39º presidente da Nicarágua, mas efetivamente comandou o país como ditador desde 1936 até ser assassinado. Ocupou a presidência da Nicarágua com o apoio dos Estados Unidos, consolidando cada vez mais o seu poder através de perseguição política e repressão, chegando a ficar à frente da Nicarágua durante quase duas décadas. Ao mesmo tempo, foi capaz de acumular uma enorme fortuna que o transformou em um dos homens mais ricos da América Latina, bem como a sua família. (Nota do **IHU On-Line**)

7 **Charles Bettelheim** (1913-2006): economista e historiador francês. Fundador do CEMI (Centre pour l'Étude des Modes d'Industrialisation, ou Centro para o Estudo de Modos de Industrialização) na Sorbonne, foi também consultor econômico em governos de vários países em desenvolvimento durante a descolonização. Foi muito influente na Nova Esquerda Francesa e é considerado “um dos mais notáveis marxistas do mundo capitalista”. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **João Bernardo Maia Viegas Soares** (1946): militante político português, escritor e ensaísta autodidata. Tem se dedicado à pesquisa em torno da crítica ao capitalismo, tais como o fascismo e seus desenvolvimentos contemporâneos; da formação do capitalismo a partir do desenvolvimento do regime senhorial da Idade Média; do sindicalismo; da teoria e da prática da administração; da teoria do Estado; da exploração do trabalho e dos métodos de organização do trabalho; e da história do movimento operário. Ele se filia, desde que se afastou do estalinismo maoísta, por volta de 1973, a uma tradição do pensamento marxista que tem suas origens no comunismo de conselhos representado por Karl Korsch, Anton Pannekoek, Herman Gorter, entre outros, no início do século 20. Apresenta uma visão crítica do capitalismo em várias obras, bem como do sistema soviético, qualificado por ele como capitalismo de estado. Uma de suas teses é a teoria da classe dos gestores, que seria, no campo da teoria social marxista, uma outra classe social além da burguesia e

do proletariado. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Luiz Inácio Lula da Silva** (1945): Trigésimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro de 2011. É co-fundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o

ríamos agora o candidato ideal. Isso é uma visão de curto prazo que não consegue resolver nenhum dos problemas reais que enfrentamos.

Pergunto-me: como faremos para derrotar o 1%? Sabemos que é necessário, mas como? Quando? Criar as condições para isso implica em um trabalho de grande duração. E isso quer dizer que temos de desfocar das agendas eleitorais, algo que está muito longe de passar pela mente dos dirigentes sindicais e dos partidos de esquerda.

IHU On-Line – É possível mudar o mundo de cima para baixo?

Raúl Zibechi – Penso que não, que isso seja impossível. Mas isso também não é um debate ideológico, entre anarquistas e marxistas, por exemplo. Tenho formação marxista e leninista, mas não posso considerar superficialmente que as revoluções, como a russa, desejaram um desenvolvimento econômico semelhante ao do capitalismo, que consistia em superá-los na produção e no conhecimento, como se essas fossem as chaves do socialismo. Lenin¹⁰ pensava que o socialismo fosse constituído pelos soviéticos mais a eletricidade, e estava fascinado com o taylorismo e o fordismo. Esse é o olhar a partir de cima, desde o Estado.

O Estado é uma máquina cujo maior desejo é a reprodução de si

mesma, perpetuando as burocracias civil e militar, que são o núcleo estatal duro. A partir desse lugar, podemos apenas reproduzir o que é existente, mas não transformá-lo, pois é um lugar essencialmente conservador.

IHU On-Line – Líderes políticos formados a partir de um pensamento de esquerda chegaram ao poder em vários países sul-americanos. Eles constituíram governos sintonizados com suas trajetórias políticas?

Raúl Zibechi – As trajetórias eram muito variadas. Alguns provinham de Comunidades Eclesiais de Base – CEB, outros, de movimentos sindicais ou de movimentos sociais. Outros, de partidos que estiveram vinculados à luta armada na década de 1970. São trajetórias muito heterogêneas para serem englobadas em uma mesma análise. O que elas compartilham, de modo geral, é uma leitura de mundo posterior à queda do socialismo soviético. Crescem e encaminham-se ao governo pela via eleitoral em meio à ofensiva do Consenso de Washington¹¹, na década de 1990. O que os une é a crença de que o triunfo eleitoral é o único caminho que resta à esquerda, e que, a partir dos governos, poderão tornar as coisas melhores do que as direitas o fizeram. Os resultados estão à mostra.

IHU On-Line – A institucionalização das esquerdas enfraqueceu os movimentos populares?

Raúl Zibechi – Em parte, sim. Mas seria muito simplista atribuir tudo às esquerdas nas instituições. Os próprios movimentos estavam felizes de ter governantes amigos, dando-lhes seu apoio e, em muitos

casos, subordinaram-se a esses governos. Muito poucos mantiveram a independência, como o MST [Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra], no Brasil. Na Argentina, por exemplo, a imensa maioria dos movimentos que nasceram na década de 1990 terminaram sendo cooptados pelos governos, mas eles nunca resistiram a essa cooptação. Minha impressão é que houve uma perspectiva de curtíssimo prazo e uma baixa formação política.

IHU On-Line – O que foi o ciclo progressista?

Raúl Zibechi – Foi um ciclo de altos preços das *commodities* que permitiu que os governos pudessem melhorar a situação dos pobres, sem tocar nos interesses dos ricos. Isso funcionou por poucos anos – digamos que entre 2008 e 2010 –, e a partir desse momento, com a queda dos preços das exportações, toda a estrutura começou a ranger, pois, não havendo mais superávits, os recursos para seguir melhorando a situação dos setores populares começam a ficar escassos, e a direita toma a dianteira.

IHU On-Line – Os governos chamados progressistas estabeleceram que relação com os segmentos populares e os movimentos sociais?

Raúl Zibechi – Por um lado, falaram uma linguagem muito semelhante à dos movimentos. Isso foi algo muito importante, porque os segmentos populares não apenas se identificaram com os governos, mas também houve um empoderamento da sociedade por parte dos que estão abaixo – negros, jovens, favelados, mulheres, camponeses, indígenas, e assim por diante. Esta é uma consequência indireta do ciclo progressista: o maior orgulho é a presença dos setores populares na sociedade. É, certamente, a melhor herança.

A pior é ter integrado esses setores através do consumo, através da inclusão financeira, estendendo os cartões de crédito e a bancarização aos

Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. É investigado na operação Lava-Jato e foi denunciado em setembro de 2016 pelo Ministério Público Federal (MPF), apontado como receptor de vantagens pagas pela empreiteira OAS em um triplex do Guarujá. No dia 12 de julho de 2017, Lula foi condenado pelo juiz federal Sérgio Moro, em primeira instância, a nove anos e seis meses de prisão em regime fechado por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. No dia 24 de janeiro de 2018, por unanimidade, os três desembargadores da 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região confirmaram a condenação de Lula, elevando a pena para 12 anos e um mês de prisão. No dia 7 de abril de 2018 Lula, após mandado de prisão expedido pelo judiciário, entregou-se à Polícia Federal onde se mantém sob custódia na Superintendência do órgão em Curitiba. (Nota da IHU On-Line)

10 Lenin (Vladimir Ilyich Ulyanov) (1870-1924): revolucionário russo, responsável em grande parte pela execução da Revolução Russa de 1917, líder do Partido Comunista e primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética. Influenciou teoricamente os partidos comunistas de todo o mundo. Suas contribuições resultaram na criação de uma corrente teórica denominada leninismo. (Nota da IHU On-Line)

11 Consenso de Washington: conjunto de medidas composto por dez regras básicas, formulado em novembro de 1989 por economistas de instituições financeiras baseadas em Washington D.C., como o FMI, o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, fundamentadas num texto do economista John Williamson, do International Institute for Economy, e que se tornou a política oficial do Fundo Monetário Internacional em 1990, quando passou a ser “receitado” para promover o “ajustamento macroeconômico” dos países em desenvolvimento que passavam por dificuldades. (Nota da IHU On-Line)

setores que estavam por fora do sistema bancário. O consumismo é uma praga, como dizia Pasolini, porque gera conformismo, apatia, desidentifica a cultura oprimida, achatando as diferenças sociais. Durante os governos de Lula, o sistema bancário teve lucros enormes, os maiores em sua história, e isso foi consequência da integração dos pobres ao circuito das finanças. Para mim, foi um desastre, porque quando despertaram do sonho do consumo, estavam endividados e desorganizados, e ali os pentecostais e a direita os pescaram.

“As possibilidades da esquerda começariam a surgir se a derrota do 1% que está no topo fosse discutida seriamente”

IHU On-Line – O senhor escreveu que uma nova direita está emergindo no mundo e também na América Latina. Que direita é esta?

Raúl Zibechi – É uma direita “moderna”, para dizê-lo de alguma forma. Já não é mais aquela direita católica, latifundiária e oligárquica que se manifestava em 1964 contra o governo de João Goulart¹². Agora,

há pessoas como Kim Kataguirí¹³, muito reacionário, com o mesmo caráter de Bolsonaro¹⁴, mas com outras nuances. É uma direita que não acredita na democracia, que se formou em universidades inclusive estatais, que está assessorada por *think tanks* dos Estados Unidos e que tem uma profunda rejeição a negros e pobres, ainda que aceite a maconha e os gays.

Esta direita tem um projeto muito elitista, muito mais do que a direita de 64, porque aquela queria domesticar os pobres e esta – eles não comentam – quer exterminá-los. É uma direita genocida à altura da crise do sistema-mundo ocidental capitalista. É muito mais perigosa, pois maneja as novas tecnologias e aspira eliminar todos os “não integráveis” através de uma guerra civil jurídica,

como assinala Giorgio Agamben¹⁵. A esquerda não está nada preparada para enfrentá-la, nem no terreno militante, nem no ideológico. Eles são uma direita das ruas, capaz de planejar ações de massa ou com pequenos grupos, ou seja, ela é uma direita militante. E eles não se enganam com a democracia, algo que a esquerda não consegue compreender porque segue crendo em um regime no qual os ricos e as classes médias já não acreditam mais.

IHU On-Line – Por que candidatos dissociados de causas populares conseguem se eleger?

Raúl Zibechi – Estamos diante de uma mudança cultural muito importante, de longa duração. Por um lado, o consumismo fez estragos, como eu disse. Mas, por outro, a população percebe que não há grandes diferenças entre a forma em que vivem os políticos de esquerda e os de direita. Viajam em carros semelhantes, vivem nos mesmos bairros,

Neves Delgado intitulada *O Jango da memória e o Jango da História*, publicada na edição 371 da **IHU On-Line**, de 29-8-2011, em <https://bit.ly/2srihl1> e *Dúvidas sobre a morte de Jango só aumentam*, de 5-8-2013, em <http://bit.ly/ihu050813>. Veja ainda *João Goulart foi, antes de tudo, um herói*, com Juremir Machado, de 26-8-2013, em <http://bit.ly/ihu260813>, e *Comício da Central do Brasil: a proposta era modificar as estruturas sociais e econômicas do país*, com João Vicente Goulart, de 13-3-2014, em <http://bit.ly/ihu130314>. (Nota da **IHU On-Line**)

13 Kim Kataguirí (1996): ativista nascido em Salto (SP), conhecido por ser cofundador e coordenador do Movimento Brasil Livre - MBL. (Nota da **IHU On-Line**)

14 Jair Bolsonaro (1955): militar da reserva e deputado federal nascido em Campinas (SP). De orientação política de extrema-direita, conservadora e nacionalista, cumpre sua sétima legislatura na Câmara Federal. Em janeiro de 2018, anunciou sua filiação ao Partido Social Liberal (PSL), o nono partido político de sua carreira. Foi o deputado mais votado do estado do Rio de Janeiro nas eleições gerais de 2014. Ficou conhecido pela luta contra os direitos LGBT, pela defesa da ditadura e da tortura. Seus embates contra os direitos humanos são constantes. Suas declarações controversas já lhe renderam cerca de 30 pedidos de cassação e três condenações judiciais, desde que foi eleito deputado em 1989. Documentos produzidos pelo Exército Brasileiro na década de 1980 mostram que os superiores de Bolsonaro o avaliaram como dono de uma “excessiva ambição em realizar-se financeira e economicamente”. Segundo o superior de Bolsonaro na época, o coronel Carlos Alfredo Pellegrino, “[Bolsonaro] tinha permanentemente a intenção de liderar os oficiais subalternos, no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas, como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos”. É notório o seu machismo, como evidenciam as agressões e ofensas direcionadas a suas colegas parlamentares. Seu desrespeito à condição feminina não poupou nem a filha. Em abril de 2017, em um discurso no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, Bolsonaro fez uma menção à caçula, então com seis anos: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. Em uma entrevista para a revista *Playboy*, em junho de 2011, sua agressividade dirigiu-se aos gays: “Seria incapaz de amar um filho homossexual”. Ainda disse preferir que um filho “morra num acidente do que apareça com um bigodinho por aí”. Em abril de 2017, durante um discurso no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, afirmou que acabará com todas as terras indígenas e comunidades quilombolas do Brasil caso seja eleito presidente em 2018. Também disse que terminará com o financiamento público para ONGs: “Pode ter certeza que se eu chegar lá não vai ter dinheiro pra ONG. Se depender de mim, todo cidadão vai ter uma arma de fogo dentro de casa. Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou pra quilombola”. (Nota da **IHU On-Line**)

15 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Faculdade de Design e arte della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 4-9-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da **IHU On-Line**, de 17-9-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <https://goo.gl/zZRCp>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Em 30-6-16, o professor Castor Bartolomé Ruiz proferiu a conferência *Foucault e Agamben. Implicações Ético Políticas do Cristianismo*, que pode ser assistida em <http://bit.ly/29j12pl>. De 16-3-2016 a 22-6-2016, Ruiz ministrou a disciplina de Pós-Graduação em Filosofia e também validada como curso de extensão através do IHU intitulada *Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas*, que resultou na publicação da edição 241 dos **Cadernos IHU Ideias**, intitulado *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/1Yy0757>. Em 23 e 24-5-2017, o IHU realizou o VI Colóquio Internacional IHU - Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben, com base sobretudo na obra *O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo* (São Paulo: Boitempo, 2011). Tradução de: *Il regno e la gloria. Per una genealogia teologica dell'economia e del governo*. Publicado originalmente por Neri Pozza, 2007). Saiba mais em <http://bit.ly/2hCAore> (Nota da **IHU On-Line**)

12 João Belchior Marques Goulart (1919-1976): também conhecido como Jango, foi presidente do Brasil de 1961 a 1964, tendo sido também vice-presidente, de 1956 a 1961 – em 1955, foi eleito com mais votos que o próprio presidente, Juscelino Kubitschek. Seu governo é usualmente dividido em duas fases: fase parlamentarista (da posse, em janeiro de 1961, a janeiro de 1963) e fase presidencialista (de janeiro de 1963 ao golpe militar de 1964). Jango fora ainda ministro do Trabalho entre 1953 e 1954, durante o governo de Getúlio Vargas. Foi deposto pelo golpe militar do dia 1º de abril de 1964 e morreu no exílio. Confira a entrevista *“Jango era um conservador reformista”*, com Flávio Tavares, de 19-12-2006, em <http://bit.ly/ihu191206>; *João Goulart e um projeto de nação interrompido*, com Oswaldo Munteal, de 27-8-2007, em <http://bit.ly/ihu270807>. Confira também as entrevistas com Lucília de Almeida

desejam as mesmas coisas. Então, quem são nossos políticos? Nessa confusão, sempre perdemos.

Não sou partidário de atribuir tudo aos meios de comunicação. Os intelectuais que pensam que a Rede Globo manipula as pessoas acreditam que apenas os pobres são influenciáveis, mas eles, acadêmicos, com muitos livros lidos e alguns livros escritos, são uma espécie de “eleitos” que não são influenciáveis e são realmente autônomos. É uma visão elitista que fala muito mal dos intelectuais.

IHU On-Line – A dominação colonial mantém que relação com a maneira como os países latino-americanos se constituíram?

Raúl Zibechi – Sem dúvida. O trabalho de Aníbal Quijano¹⁶ reflete sobre a colonialidade do poder e

16 **Aníbal Quijano** (1928): sociólogo peruano e pensador humanista, conhecido por ter desenvolvido o conceito de “colonialidade do poder”. Seu trabalho tem sido influente nas áreas de estudos pós-coloniais e da teoria crítica. (Nota da IHU On-Line)

ênfata que na América Latina os Estados-nação foram criados sobre a base da diferenciação colonial, sem uma prévia democratização de nossas sociedades – como aconteceu em vários países da Europa, com as revoluções. Aqui deixamos de ser colônia, mas as relações seguiram sendo coloniais. Em meu país, Uruguai, há 10% de afrodescendentes. Não há ministros negros, quase nenhum deputado, não temos juizes negros, muito poucos médicos e quase nenhum ginecologista. No entanto, quase 60% das empregadas domésticas são afrodescendentes. O racismo é algo estrutural, uma herança muito pesada que marca inclusive a geografia urbana. É algo que não é superado em pouco tempo, que é aliviado com a política de quotas e que requer intervenções estruturais muito fortes.

IHU On-Line – A compreensão do genocídio étnico-racial é determinante para se entender a realidade do continente sul-americano e como os me-

canismos de exclusão se perpetuam? Por quê?

Raúl Zibechi – Porque genocídio não é algo do passado, segue acontecendo, a cada dia, a cada hora. No Brasil, a imensa maioria dos 60 mil assassinados a cada ano são afrodescendentes, a imensa maioria das mulheres violadas e assassinadas são negras, tal como os jovens. Quem vive nas favelas, quem tem os trabalhos mais mal remunerados, quem não pode mover-se do lugar material e simbólico herdado, são sempre os mesmos: os netos e bisnetos de escravos.

Como mudar isso? Se pensamos que a opressão é consequência de uma assimetria de poder, é evidente que aí está a chave. Mas cuidado, não se trata de poder de Estado, mas de empoderamento, o que as mulheres de baixo chamam “encorpar-se”, tornarem-se fortes umas com as outras. Um longo processo de colocar-se de pé, um processo emancipatório de grande fôlego é o que pode modificar esta desigualdade de poder. ■

Leia mais

- **Eleições e poderes de baixo.** Artigo de Raúl Zibechi, publicado nas Notícias do dia de 10-7-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2J8C6lo>.
- **O fim das sociedades democráticas na América Latina.** Artigo de Raúl Zibechi, publicado nas Notícias do dia de 14-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2HhB1SF>.
- **Do fim de ciclo à consolidação das direitas.** Artigo de Raúl Zibechi, publicado nas Notícias do dia de 29-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2JaHCUq>.
- **Exceto o poder, tudo é ilusão.** Artigo de Raúl Zibechi, publicado nas Notícias do dia de 29-5-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2HkaIAI>.
- **A opção que não transformou e que perdeu o fôlego.** Entrevista especial com Raúl Zibechi, publicada nas Notícias do dia de 27-3-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2JrYsxy>.
- **Lula. Inocente ou culpado?** Artigo de Raúl Zibechi, publicado nas Notícias do dia de 19-4-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2xGFqPh>.
- **Insurreições silenciosas.** Artigo de Raúl Zibechi, publicado nas Notícias do dia de 13-11-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2xGmiB5>.
- **Quando a esquerda é o problema.** Artigo de Raúl Zibechi, publicado nas Notícias do dia de 19-4-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2HkLaOb>.

Depois de governos progressistas, é inadmissível o enfraquecimento do campo popular

Para Pablo Míguez, a esquerda seguirá questionando as pessoas porque as desigualdades do capitalismo não param de crescer,

Vitor Necchi | Tradução: Henrique Denis Lucas

36

Ao destacar governos alinhados ao pensamento de esquerda na América Latina no século 20, o professor Pablo Míguez cita a Revolução Cubana, o governo de Allende e experiências mais localizadas, como a Revolução Sandinista, e avalia que as duas primeiras “conviveram com ditaduras militares no seu entorno e com o peso dos Estados Unidos apoiando-as politicamente”, enquanto as outras “perderam peso com a queda da União Soviética e a ascensão do neoliberalismo”. A partir dos anos 80, “com o conhecido retrocesso da ideologia esquerdista, após a queda do Muro de Berlim e o aparente sucesso do capitalismo como o único sistema econômico sustentável, a esquerda teve de esperar pela crise do neoliberalismo, no final dos anos 90, para ter opções reais de formar um governo novamente”.

No século 21, Míguez cita a chamada “nova esquerda latino-americana”: Chávez, na Venezuela, Lula, no Brasil, e Kirchner, na Argentina, com “processos que se mantêm à esquerda do espectro ideológico, pela oposição às reformas neoliberais que os três países sofreram na década anterior”. Depois, em outro momento, Correa, no Equador, e Morales, na Bolívia. “Todas são experiências distintas, embora compartilhem de uma ideologia de redistribuição de renda e do reconhecimento de direitos a setores desfavorecidos, camponeses e indígenas”, observa. Aponta que esses governos tiveram, no início, grande apoio de movimentos sociais, mas, ao final do ciclo progressista, a adesão enfraqueceu devido aos próprios erros dos governos. “Depois de mais de uma década de governos progressistas, é inadmissível que o saldo seja um enfraquecimento do campo popular ao invés do seu fortalecimento”, destaca.

Após o fim do ciclo de governos progressistas, para Míguez, “há grande dificuldade

em separar uma ideia de ‘esquerda’ dos processos estatais, corruptos e ineficientes, pensamentos que as direitas são responsáveis por difundir, baseadas em alguns fatos concretos, por mais que seja parte de um ataque ideológico por demais previsível”.

Mesmo com o enfraquecimento da esquerda, Míguez entende que ela “seguirá questionando as pessoas porque as desigualdades do capitalismo não param de crescer, e a crítica a partir da esquerda permite pelo menos compreender o sentido dos avanços dessas dinâmicas”. No contexto atual, entende que é uma oportunidade para o pensamento de esquerda “lançar novamente sua mensagem, não permanecendo imobilizado diante de um evidente avanço das novas direitas na América Latina”. No entanto, “será fundamental fazer uma autocrítica sobre os aspectos que foram funcionais para a reprodução da ordem e resistir às políticas mais agressivas contra o campo popular que surgiram no horizonte”.

Pablo Míguez é natural de Lanús, Província de Buenos Aires. Doutor em Ciências Sociais e licenciado em Economia e em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires - UBA. É pesquisador da Universidade Nacional de San Martín - UNSAM e docente da Universidade Nacional de General Sarmiento - UNGS e da Universidade de Buenos Aires - UBA.

Míguez ministrou a palestra *O contexto latino-americano e a reinvenção da política e da esquerda*, dentro do **3º Ciclo de Estudos – A esquerda e a reinvenção da política no Brasil contemporâneo**, no dia 28-5-2018. Acesse a íntegra da conferência em <https://youtu.be/KD5t9oUxs2I>.

Confira a entrevista.

“Há grande dificuldade em separar uma ideia de ‘esquerda’ dos processos estatais, corruptos e ineficientes, pensamentos que as direitas são responsáveis por difundir”

IHU On-Line – No século 20, quais as principais experiências de governos alinhados à esquerda na América Latina?

Pablo Míguez – No século 20, tivemos algumas experiências interessantes na América Latina. Sem dúvida, as mais importantes foram: a Revolução Cubana, que atualmente não procura mais “exportar” sua experiência como nos anos 60 e 70 e se empenha em manter-se com objetivos bastante defensivos; e o breve governo de Allende¹, no Chile, entre 1970 e 1973, que se findou com o golpe de Pinochet². Ambas as experiências conviveram com ditaduras militares no seu entorno e com o peso dos Estados Unidos apoiando-as politicamente. Outros processos, como a Revolução Sandinista, na Nicarágua, na década de 1980, foram mais localizados e perderam peso com a queda da União Soviética e a ascensão do neoliberalismo. A repressão sofrida naquelas décadas pelos movimentos de esquerda e a chegada das democracias, nos anos 80, pressupunha a aceitação

do jogo eleitoral e institucional enquanto as reformas neoliberais se consolidavam no mundo. Com o conhecido retrocesso da ideologia esquerdista, após a queda do Muro de Berlim e o aparente sucesso do capitalismo como o único sistema econômico sustentável, a esquerda teve de esperar pela crise do neoliberalismo, no final dos anos 90, para ter opções reais de formar um governo novamente.

IHU On-Line – E no século 21?

Pablo Míguez – No século 21, tivemos a chamada “nova esquerda latino-americana”, que primeiramente com Chávez³, na Venezuela, depois com Lula⁴, no Brasil,

e Néstor Kirchner⁵, na Argentina, parecem ter liderado processos que se mantêm à esquerda do espectro ideológico, pela oposição às reformas neoliberais que os três países sofreram na década anterior. Logo, será a vez de Correa⁶, no Equador, e Evo Morales⁷, na Bolí-

organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. É investigado na operação Lava-Jato e foi denunciado em setembro de 2016 pelo Ministério Público Federal (MPF), apontado como receptor de vantagens pagas pela empreiteira OAS em um triplex do Guarujá. No dia 12 de julho de 2017, Lula foi condenado pelo juiz federal Sérgio Moro, em primeira instância, a nove anos e seis meses de prisão em regime fechado por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. No dia 24 de janeiro de 2018, por unanimidade, os três desembargadores da 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região confirmaram a condenação de Lula, elevando a pena para 12 anos e um mês de prisão. No dia 7 de abril de 2018 Lula, após mandado de prisão expedido pelo judiciário, entregou-se à Polícia Federal onde se mantém sob custódia na Superintendência do órgão em Curitiba. (Nota da IHU On-Line)

5 Néstor Kirchner (1950 – 2010): Advogado e político argentino, foi o 54º presidente da Argentina. Casado com Cristina Kirchner, foi sucedido por ela na Casa Rosada. (Nota da IHU On-Line)

6 Rafael Correa [Rafael Vicente Correa Delgado] (1963): economista e político equatoriano, atual presidente de seu país. Criado numa família de classe média na cidade portuária de Guayaquil, Correa ganhou bolsas para estudar na Europa e nos Estados Unidos. Economista, foi assessor do ex-presidente Alfredo Palacio durante suas funções como vice-presidente. Depois, foi ministro de Economia e Finanças no início da gestão de Palacio na presidência, entre abril e agosto de 2005, após a destituição de Lucio Gutiérrez. Renunciou ao cargo por discordar da política presidencial. É casado com Anne Malherbe. (Nota da IHU On-Line)

7 Evo Morales [Juan Evo Morales Ayma] (1959): é o atual presidente da Bolívia. Líder sindical dos cocaleiros, destacou-se ao resistir os esforços do governo dos Estados Unidos para substituição do cultivo da coca, na província de Chapare, por bananas, originárias do Brasil. De orientação socialista, o foco do seu governo tem sido a implementação da reforma agrária e a nacionalização de setores-chaves da economia, contrapondo-se à influência dos Estados Unidos e das grandes corporações nas questões políticas internas da Bolívia. De etnia uru-aimará, Morales destacou-se a partir dos anos 1980, juntamente com Felipe Quispe e Sixto

1 Salvador Allende (1908-1973): médico e político marxista chileno. Em 1970, foi eleito presidente do Chile pela Unidade Popular, um agrupamento político formado por socialistas, comunistas e por setores católicos e liberais do Partido Radical e do Partido Social Democrata que contava com grande apoio dos trabalhadores urbanos e camponeses. Governou o país até 11 de setembro de 1973, quando foi deposto por um golpe de estado liderado pelo chefe das Forças Armadas, Augusto Pinochet. (Nota da IHU On-Line)

2 Augusto Pinochet (1915-2006): general do exército chileno, governante do Chile após chegar ao poder em 11 de setembro de 1973, pelo Decreto Lei Nº 806 editado pela junta militar (Conselho do Chile), que foi estabelecida para governar o Chile após a deposição e suicídio de Salvador Allende, e posteriormente tornado senador vitalício de seu país, cargo que foi criado exclusivamente para ele, por ter sido um ex-governante. Governou o Chile entre 1973 e 1990, depois de liderar a junta militar que derrubou o governo de Salvador Allende. (Nota da IHU On-Line)

3 Hugo Chávez Frías (1954–2013): político e militar venezuelano, tendo sido o 56.º presidente da Venezuela, governando por 14 anos desde 1999 até sua morte em 2013. Líder da Revolução Bolivariana, Chávez advogava a doutrina bolivarianista, promovendo o que denominava de socialismo do século XXI. Chávez foi também um crítico do neoliberalismo e da política externa dos Estados Unidos. Oficial militar de carreira, Chávez fundou o Movimento Quinta República, da esquerda política, depois de capitanear um golpe de estado mal-sucedido contra o governo de Carlos Andrés Pérez, em 1992. Chávez elegeu-se presidente em 1998, encerrando os quarenta anos de vigência do Pacto de Punto Fijo (firmado em 31 de outubro de 1958, entre os três maiores partidos venezuelanos) com uma campanha centrada no combate à pobreza. Re-elegeu-se, vencendo os pleitos de 2000 e 2006. Com suas políticas de inclusão social e transferência de renda obteve enorme popularidade em seu país. Durante a era Chávez, a pobreza entre os venezuelanos caiu de 49,4%, em 1999, para 27,8%, em 2010. No plano político interno, Chávez fundiu os vários partidos de esquerda no PSUV. Fortaleceu os movimentos e as organizações populares, estabelecendo uma forte aliança com as classes mais pobres. Nas várias eleições, realizadas ao longo de aproximadamente 15 anos, a oposição foi derrotada. Inconformados, os adversários de Chávez promoveram um golpe de Estado, no início de 2002, com apoio do governo dos Estados Unidos. Apesar de o governo norte-americano ter usado de sua influência para obter o reconhecimento imediato do novo governo, a comunidade internacional – inclusive o Brasil, então governado por Fernando Henrique Cardoso – condenou o golpe. Chávez acabou voltando ao poder três dias depois. (Nota da IHU On-Line)

4 Luiz Inácio Lula da Silva (1945): Trigesimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro de 2011. É co-fundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores – PT. Em 1990, foi um dos fundadores e

via. Todas são experiências distintas, embora compartilhem de uma ideologia de redistribuição de renda e do reconhecimento de direitos a setores desfavorecidos, camponeses e indígenas. Todos os processos colocam suas expectativas em um “fortalecimento do Estado” como principal estratégia frente ao avanço de um capital global e o “enfraquecimento” que teria sofrido na década anterior. A dicotomia Estado/Mercado é uma simplificação, mas funciona muito bem. Esses governos começaram com grande apoio de movimentos sociais, mas, no final do “ciclo progressista”, esse apoio foi se enfraquecendo bastante devido aos seus próprios erros. Depois de mais de uma década de governos progressistas, é inadmissível que o saldo seja um enfraquecimento do campo popular ao invés do seu fortalecimento.

IHU On-Line – Qual o panorama que vem se desenhando para a esquerda no continente?

Pablo Míguez – Com o fim do ciclo de governos progressistas, nossa primeira impressão é a de que há grande dificuldade em separar uma ideia de “esquerda” dos processos estatais, corruptos e ineficientes, pensamentos que as direitas são responsáveis por difundir, baseadas em alguns fatos concretos, por mais que seja parte de um ataque ideológico por demais previsível. As limitações muitas vezes autoimpostas por esses processos os tornam correspondentes pelo presente e pelo futuro próximos da esquerda no continente. Infelizmente, a crise desses processos traz consigo todas as opções, incluindo aquelas que criticavam a falta de profundidade no avançar em direção a medidas verdadeiramente radicais. Mas também é uma oportunidade de fazer uma autocritica e novamente lançar mão de opções que não coloquem políticas, ações concretas e os destinos dos próprios movimentos que os apoiaram diante dos olhos apenas desses líderes.

Jumpiri e alguns outros, na liderança do campesinato indígena do seu país. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – A institucionalização das esquerdas enfraqueceu os movimentos populares?

Pablo Míguez – Até certo ponto, isso aconteceu, mas a história de muitos desses movimentos populares é anterior ao seu reconhecimento por parte dos governos populares. O movimento pelos direitos humanos, na Argentina, o MST, no Brasil, o movimento indígena, no Equador ou na Bolívia, são importantes desde muito antes do kirchnerismo, do lulismo ou do correísmo. Esses movimentos foram ouvidos e englobados por esses governos, acessando benefícios materiais e simbólicos. No entanto, suas demandas foram atendidas apenas parcialmente e agora eles se veem obrigados a retomar as mobilizações e, em alguns casos, fazer isso antes mesmo do final de alguns mandatos de governos progressistas. Muitos dos governos envolveram organizações populares em suas gestões, mas, em muitos casos, não apenas deixaram de cumprir com suas demandas históricas, mas acabaram por tentar neutralizar seu peso político.

“É necessária uma renovação dos diagnósticos e do campo das ideias, que sempre foram patrimônio das esquerdas”

IHU On-Line – A esquerda está sabendo lidar com um tempo de intensa automação e robotização, além de uma profunda transformação do emprego e do mundo do trabalho?

Pablo Míguez – Este ponto, ao meu ver, é fundamental. Na América

Latina, as transformações derivadas da reestruturação capitalista da década de 1970, que conduziram a uma fragmentação global da produção, ao avanço da automatização e do uso de novas tecnologias de informação e comunicação - TICs, só foram objeto de estudo por setores muito pequenos da esquerda. O fato de considerar a região como distante do núcleo dessas dinâmicas não favoreceu a abordagem desses problemas centrais no capitalismo contemporâneo.

O debate sobre a financeirização foi mais visado, porque boa parte das crises das economias periféricas explodiram no lado das finanças, mas os debates sobre as mudanças concretas na lógica da acumulação capitalista desde os anos 1980 deveriam ser seriamente abordados a partir da periferia, uma vez que sua dinâmica nos afeta duplamente e nos deixa expostos a propostas melancólicas de respostas que poderiam ser interessantes há 40 anos, mas que não se ajustam à dinâmica do capitalismo contemporâneo.

Trata-se de um capitalismo em que a valorização do conhecimento, característica de um capitalismo cognitivo e financeirizado, coloca-nos diante de novas contradições que se sobrepõem às do conhecido capitalismo industrial. As novas tecnologias supõem novas lógicas de exploração mistificadas e uma transformação no mundo do trabalho cujos efeitos estamos começando a ver. A valorização do conhecimento é, de fato, a do trabalho intelectual de toda a sociedade, da inteligência coletiva, a apropriação privada do *general intellect*. A relação trabalho-conhecimento, ciência-indústria, universidade-empresa foi grandemente reconfigurada e requer uma crítica profunda da esquerda.

IHU On-Line – Os partidos de esquerda não estão se preocupando em excesso com as disputas eleitorais? Não deveriam se ocupar mais com o aprofundamento do debate, com o desenvolvimento de propostas no campo das ideias?

Pablo Míguez – Os debates sobre desenvolvimento se multiplicaram nos últimos anos, mas fizeram isso retomando teses que foram relevantes na década de 1970 e que se mostram menos robustas no contexto da dinâmica contemporânea de valorização do conhecimento, algo muito característico de um capitalismo cognitivo e financeirizado. A ideia de desenvolvimento apoiada por uma retórica de industrialização mediante substituição de importações, combinada, em termos práticos, com o apoio a esquemas extrativistas de recursos naturais, só poderia sustentar-se na iminência de um crescimento da demanda chinesa ou com o aumento dos preços das *commodities*. A que-

da desses preços precipitou a crise atual e mostrou as deficiências desse esquema. Houve políticas de todos os tipos, mas elas não foram suficientes para alterar a matriz produtiva. Mas também houve um distanciamento evidente, com transformações mais estruturais. É necessária uma renovação dos diagnósticos e do campo das ideias, que sempre foram patrimônio das esquerdas.

IHU On-Line – No que se refere à capacidade de impactar e dialogar com as pessoas, a esquerda vem perdendo seu potencial de gerar utopias, sua capacidade de propor sonhos e ousadias?

Pablo Míguez – A esquerda seguirá questionando as pessoas porque as desigualdades do capitalismo não param de crescer, e a crítica a partir da esquerda permite pelo menos compreender o sentido dos avanços dessas dinâmicas. O presente momento parece colocar o pensamento da esquerda em retrocesso, mas também é uma oportunidade para lançar novamente sua mensagem, não permanecendo imobilizado diante de um evidente avanço das novas direitas na América Latina. Será fundamental fazer uma autocritica sobre os aspectos que foram funcionais para a reprodução da ordem e resistir às políticas mais agressivas contra o campo popular que surgiram no horizonte. ■

Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: ihu.unisinos.br

A lógica de extermínio perde o véu, está em praça pública

Flávia Cêra afirma que há uma crise da política representativa que pegou a esquerda de jeito, enquanto a direita suprime a compreensão e o diálogo

Vitor Necchi

A psicanalista Flávia Cêra identifica uma crise da política representativa que “pegou a esquerda de jeito”. Quanto à direita, observa que eles “suprimem, justamente, a compreensão e o diálogo”. Até oferecem respostas às demandas da sociedade, mas abolindo “um tempo decisivo em que qualquer posicionamento pode ser questionado, colocado em perspectiva”. Pegam, por exemplo, temas que “apareçam como bola da vez (corrupção, privatização e por aí vai) para imediatamente dar uma resposta”. Para Cêra, “onde aparece uma brecha, lá estão eles para dar uma direção”, mas de uma forma que “nos empurra para cada vez mais longe da política”, pois, “suprimindo esse tempo de compreender, suprime-se o aparecimento da alteridade e da complexidade das relações”.

Neste cenário de polaridades, “qualquer senão é tomado como a identificação de um inimigo a ser eliminado”. E o resultado é péssimo. “Fica clara a impossibilidade dos caminhos que seguem essa lógica de se inscreverem como discurso político para além do ódio. Isso se nota, por exemplo, na solução final em que se tem chegado para tudo: o clamor pela intervenção militar.” Furar essa lógica é o que está em jogo para a esquerda, avalia. “Muitas coisas inte-

ressantes pipocam por aí, uma série de movimentos que passam por questões que, historicamente, foram tomadas como desimportantes pela esquerda”, diz em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Um inevitável pessimismo aflora da percepção de Cêra acerca da realidade. “A atmosfera de fim do mundo nos ronda há muito tempo”, garante, ao citar a execução da vereadora Marielle Franco, a gravíssima crise ambiental, a tentativa de transformar índio em pobre para que possa ser controlado, o desmonte institucional, a miragem que se tornou a igualdade social, o aumento da mortalidade infantil, o retorno da miséria e da fome, o genocídio dos jovens negros – “isso tudo francamente apoiado pelo governo”. Com uma frase impactante, resume: “A lógica de extermínio, que nos é conhecida desde que o Brasil é Brasil, perde o véu, está em praça pública”.

Flávia Cêra é psicanalista, membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa sobre Psicanálise e Cultura na EBP-PR.

Confira a entrevista.

IHU On-line – As estruturas tradicionais de representação da esquerda (sindicatos, união de estudantes, movimentos, partidos etc.) perderam a capacidade de entender e dialogar com a sociedade? E a direita,

vem sabendo compreender e dialogar com a sociedade?

Flávia Cêra – A crise da política representativa é um fato. E ela pegou a esquerda de jeito. Mas não chamaria de diálogo e compreensão os meios que certa parte da direita tem

usado para chegar à sociedade. Que ela esteja lançando mais propostas não quer dizer que seja por esse caminho. O que consigo ver é que eles, da direita, suprimem, justamente, a compreensão e o diálogo. São respostas às demandas da sociedade,

“Na política institucional, a execução da vereadora Marielle Franco mostra o horror a que se pode chegar”

sem dúvida (leia-se “sem dúvida” em todos os sentidos possíveis), mas que abolem um tempo decisivo em que qualquer posicionamento pode ser questionado, colocado em perspectiva. É muito mais parecido com uma leitura de mercado servindo-se de todos os significantes que se inscrevem no imaginário político ou que apareçam como bola da vez (corrupção, privatização e por aí vai) para imediatamente dar uma resposta. É uma lógica de consumo que funciona muito bem. Onde aparece uma brecha, lá estão eles para dar uma direção. No entanto, tem muita adesão, muito barulho e nos empurra para cada vez mais longe da política. Porque suprimindo esse tempo de compreender, suprime-se o aparecimento da alteridade e da complexidade das relações. Qualquer senão é tomado como a identificação de um inimigo a ser eliminado. Fica clara a impossibilidade dos caminhos que seguem essa lógica de se inscreverem como discurso político para além do ódio. Isso se nota, por exemplo, na solução final em que se tem chegado para tudo: o clamor pela intervenção militar.

Como a esquerda pode furar essa lógica é o que está em jogo. Muitas coisas interessantes pipocam por aí, uma série de movimentos que passam por questões que, historicamente, foram tomadas como desimportantes pela esquerda. É preciso que ela tenha ouvidos para esses “acordes dissonantes” a fim de não cair na caricatura de um saber total que é onde perde sua força. A esquerda poderia se configurar cada vez mais como uma bricolagem, porque en-

genheiros, para retomar a célebre distinção de Lévi-Strauss¹, temos muitos. Que tenham partidos e organizações políticas que possam potencializar as vozes desses interesses institucionalmente, tanto melhor, mas a prerrogativa não pode mais ser a contrária.

IHU On-line – Ao se analisar o momento atual brasileiro, percebe-se um esgotamento de possibilidades. Por que se chegou a essa situação?

Flávia Cêra – A atmosfera de fim do mundo nos ronda há muito tempo. Na política institucional, a execução da vereadora Marielle Franco² mostra o horror a que se pode chegar. A gravíssima crise ambiental nos mostra a urgência de repensar nossos modos de estar no mundo. A virulência progressista fez, e continua fazendo, estragos incontorná-

veis. Lembro de Lacan³ dizendo que “nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação” e de Eduardo Viveiros de Castro⁴ dizendo que existe uma tentativa incessante de transformar índio em pobre, de modo que se possa administrar sua vida, retirar suas terras, retirar seu corpo, que passa a ser mais uma mercadoria. Penso em Achille Mbembe⁵ e seu livro imprescindível *Crítica da razão negra*⁶, e na sua retomada do biopoder e da biopolítica mostrando suas mutações para além da inscrição da disciplina e do controle sobre os corpos com a necropolítica, isto

1 **Claude Lévi-Strauss** (1908-2009): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para a antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente às tradições humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *As estruturas elementares do parentesco* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia, realizou pesquisas em aldeias indígenas do Mato Grosso. As experiências foram sistematizadas no livro *Tristes Trópicos* (São Paulo: Companhia das Letras), publicado originalmente em 1955 e considerado uma das mais importantes obras do século 20. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Marielle Francisco da Silva ou Marielle Franco** (1979-2018): socióloga, feminista, militante dos direitos humanos e política nascida no Rio de Janeiro. Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro na eleição municipal de 2016, com a quinta maior votação. Crítica da intervenção federal no Rio de Janeiro e da Polícia Militar, denunciava constantemente abusos de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes. Em 14 de março de 2018, foi assassinada a tiros. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Jacques Lacan** (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor. Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas ainda assim constitui apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista **IHU On-Line**, de 4-8-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira as seguintes edições da revista **IHU On-Line**, produzidas tendo em vista o *Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?* [ne cède pas sur ton désir?], realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-6-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível em <https://bit.ly/2HMLQAW>, e edição 303, de 10-8-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?*, disponível em <https://bit.ly/2KApKzk>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Eduardo Viveiros de Castro** (1951): antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu a entrevista *O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife* à edição 161 da **IHU On-Line**, de 24-10-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon161>. Entre outras publicações, escreveu *Araweté: O Povo do Ipixuna* (São Paulo: CEDI), *A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)* (São Paulo: Cosac & Naify) e *Metafísicas canibais* (São Paulo: Cosac & Naify). Também é autor do prefácio do livro *A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Joseph-Achille Mbembe** (1957): conhecido como Achille Mbembe, é um filósofo, cientista político e intelectual público. Natural de Otélé, em Camarões Franceses, obteve seu Ph.D. em História na Universidade de Sorbonne, em Paris, França, em 1989. É autor de *Necropolítica* (N-1 edições, 2018) e *Sair da grande noite: Ensaio sobre a África descolonizada* (Pedago, 2014). Atualmente é professor de História e Ciência Política da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul, bem como da Duke University, nos Estados Unidos. (Nota da **IHU On-Line**)

6 N-1 edições, 2018. (Nota da **IHU On-Line**)

é, com uma política de extermínio. Penso no desmonte institucional, na miragem que se tornou a igualdade social, no aumento da mortalidade infantil, no retorno da miséria e da fome, no genocídio dos jovens negros, isso tudo francamente apoiado pelo governo. A lógica de extermínio, que nos é conhecida desde que o Brasil é Brasil, perde o véu, está em praça pública. Essas questões condensam o esgotamento cada vez mais galopante e presente das possibilidades. Estamos à beira do abismo. Mas isso não é tudo.

IHU On-line – Quais as possibilidades de reinvenção dos espaços políticos e suas formas de construção no Brasil e quais os limites dessa reinvenção?

Flávia Cêra – Estamos à beira do abismo... E diante dele, já ensinava Wislawa Szymborska⁷, podemos ver que ele não apenas nos divide, mas nos cerca. É uma imagem muito bonita, que está no fim do seu poema *Autotomia*, porque não se trata de eliminar o vazio, o furo do abismo, senão de dar contornos e bordas por onde possamos circular; não o suturar com convenções e o enquadrar em discursos de dominação. É claro que aqui estou muito distante da esquerda como um bloco homogêneo, até mesmo como algo que exista de antemão. Estou pensando bem mais nas causas reconhecidas como de esquerda, não sei se para pensar uma reinvenção dos espaços políticos haveria outra forma.

Como disse acima, há muitos movimentos acontecendo, muitos coletivos, intervenções, ocupações, gente pensando e propondo novas práticas e saberes. São inúmeros os modos de colocar os corpos em cena nas cidades, no cotidiano. *La beauté est dans la rue*, já dizia uma linda inscrição

de Maio de 68. É preciso aprender com as artes, por exemplo, a ver as coisas de novas perspectivas, a não tomar os corpos e a vida como dados e determinados. Poder ouvir os pontos que traçam novos possíveis, que nos colocam diante de impossíveis, poder questioná-los, montá-los, desmontá-los, são exercícios necessários para qualquer invenção. Tem um fragmento de um texto de Jean-Luc Nancy⁸ de que gosto muito, em que ele diz: “Pensar fora do possível é pensar o inédito, o inaudito – o que toda existência carrega com ela e que, entretanto, jamais é dado, depositado, seja para ser conservado ou para ser reformado. O mundo não é para ser mudado: ele está por ser criado”.

“A gravíssima crise ambiental nos mostra a urgência de repensar nossos modos de estar no mundo”

IHU On-line – Em tempos de profunda polarização e de estigmatização da esquerda, que caminhos devem ser adotados para a concretização de temas notoriamente defendidos por este campo, como direitos humanos e combate à exclusão e à miséria?

Flávia Cêra – Distribuição de renda e educação, seria o mínimo. Sempre lembro da conhecidíssima frase de Darcy Ribeiro⁹: “A crise na

educação no Brasil não é uma crise, é um projeto”. E virou mesmo projeto de lei com a “Escola sem partido”. Seria preciso pensar no que está em jogo na escola sem partido: é mais do que a educação formal, aliás, se formos pensar nesses termos, não é nisso que se mexe. Toca-se justamente no que há de mais vivo dentro do que chamamos de “educação”, que é poder ver o mundo com os olhos livres, ou, pelo menos, um pouco mais livres, que é poder sonhar um futuro em amplos sentidos, que é se apropriar de um saber que não está nos livros e nas apostilas, enfim, é ter experiências que despertam interesses outros, que ultrapassam as disciplinas, que movimentam o desejo.

É claro que não há “Escola sem partido” que deterá de todo essas experiências, mas fica evidente que não se medirão esforços para “empobrecê-las”. Além do mais, é um projeto que não esconde suas filiações partidárias e religiosas, chegando a proposições como proibir a palavra “gênero” e “orientação sexual” no país onde a cada 48 horas uma pessoa trans é assassinada.

Por outro lado, acrescentaria que é preciso também pensar em formas de viver junto para além da incorporação ou da inclusão que pressupõe um modo de vida com vestes libertárias – como se vê no neoliberalismo –, mas que tem em seu cerne a concepção de uma monocultura. De uma parte, temos o princípio da diferenciação fazendo o corte entre o que deve viver e o que deve morrer, de outra, o seu avesso, um princípio de igualitarismo que coloca todos sob um mesmo modo de vida. Isso, dizia Lacan, é o que concentra o princípio do racismo: tomar o outro como um subdesenvolvido. Como conjugar igualdades sociais e diferenças, que são de outra ordem, de um lugar que não o da inclusão e da exclusão é um desafio e implica um

⁷ **Wislawa Szymborska** (1923-2012): poeta polonesa, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura (1996). Também era crítica literária e tradutora. Viveu em Cracóvia, onde se formou em Filologia Polaca e Sociologia pela Universidade Jagiellônica. A sua extensa obra, traduzida em 36 línguas, foi caracterizada pela Academia de Estocolmo como “uma poesia que, com precisão irônica, permite que o contexto histórico e biológico se manifeste em fragmentos da realidade humana”. No Brasil, a Companhia das Letras publicou *Um amor feliz* (2016) e *Poemas* (2011). (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Jean-Luc Nancy** (1940): é um filósofo francês. A obra de Nancy é marcada pelo grande tamanho de publicações e pela heterogeneidade de temas. Datam da década de 1960 o início de suas reflexões, que atravessam desde a leitura de filósofos clássicos (Descartes, Kant, Hegel), ao envolvimento com figuras essenciais para a filosofia francesa do século 20 (Nietzsche, Heidegger, Bataille, Merleau-Ponty, Derrida etc.), assim como reflexões sobre arte e literatura. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Darcy Ribeiro** (1922-1977): etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta, romancista e político mineiro. Completou o curso superior na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1946. Trabalhou como etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio e, em 1953, fundou

o Museu do Índio. Foi professor de etnologia e linguística tupi na Faculdade Nacional de Filosofia e dirigiu setores de pesquisas sociais do Centro de Pesquisas Educacionais e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, além de ocupar, no biênio 1959-1961, o cargo de presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Foi eleito em 8 de outubro de 1992 para a Cadeira nº. 11 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da **IHU On-Line**).

fazer coletivo que mobilize também outros discursos.

IHU On-line – Os acontecimentos de 2013 são um divisor de água para a esquerda brasileira? Por quê?

Flávia Cêra – Sem dúvida. Junho de 2013 foi um acontecimento e, como tal, recolhemos seus efeitos por muito tempo. É interessante pensar que, para a esquerda, o divisor de águas foi múltiplo. Para um setor da esquerda, Junho culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff¹⁰. Para outra parte, foi um momento em que a esquerda vacilou em fazer uma auto-crítica, aliás, absolutamente necessária. Por outro lado, tivemos uma notória ascensão de movimentos chamados identitários favorecidos, em sua face menos interessante, pelas redes sociais e que dividem opiniões, já que suas causas são abertamente de esquerda, mas, por vezes, tropeçam em métodos segregativos. Chamo atenção para essas, mas têm muitas peças soltas por aí. As Jornadas de Junho de 2013 mostraram a fragmentação e a diversidade da esquerda – que sempre existiu e é muito bom que exista (e não é demais lembrar que o ponto vibrante das Jornadas foi iniciado pelo Movimento Passe Livre). Só a multiplicidade é capaz de manter vivos os devires e os desejos. No âmbito político-partidário, as querelas de unificação da esquerda continuam. O que é compreensível, dada a grave crise institucional em que estamos, mas não seria irrelevante essa unificação passar por uma conversa em torno do seu sentido.

IHU On-line – A direita brasileira soube encampar para si o espólio de junho de 2013?

¹⁰ **Dilma Rousseff** (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores – PT, eleita duas vezes presidente do Brasil. Seu primeiro mandato iniciou-se em 2011 e o segundo foi interrompido em 31 de agosto de 2016. Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment movido contra ela. No dia 31 de agosto, o Senado Federal, por 61 votos favoráveis ao impeachment contra 20, afastou Dilma definitivamente do cargo. O episódio foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no site do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Rici intitulada *Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder*, disponível em <http://bit.ly/2bLPIHK>. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. (Nota da **IHU On-Line**)

Flávia Cêra – Sim, quando as manifestações se transformaram no discurso contra a corrupção que se aliou a uma correção moral vigorosamente apoiada pela promessa de uma redenção jurídica. Ou seja, uma despolitização geral e perigosa.

IHU On-line – A Lei Antiterrorismo (Lei Nº 13.260/2016), sancionada no governo Dilma, trata da tipificação, do julgamento e da punição para crimes de natureza terrorista no território nacional. Ela foi usada para perseguir e punir pessoas que participaram de manifestações populares, e as polícias militares não pouparam violência para coibir os movimentos. O Estado contribuiu para desqualificar demandas provenientes das ruas?

Flávia Cêra – Eu não tenho acompanhado as aplicações da lei. Não sei se ela serviu para desqualificar as demandas, porque elas continuam aí, mas abriu essa brecha inequívoca para a criminalização das manifestações e movimentos sociais. Nesse sentido, é sempre bom retornar ao texto de Walter Benjamin¹¹ *Crítica da violência/Crítica do poder* e ao texto de Freud¹² *Por*

que a guerra. Com eles, é possível pensar as nuances que enredam Direito, violência e política.

IHU On-line – Com tanta exclusão e violência na história brasileira, com tanta anomalia no funcionamento de sucessivos mandatários do poder, o que houve com as ruas, que seguem silenciosas?

Flávia Cêra – Estamos em plena paralisação e bloqueio das estradas por caminhoneiros. Vou ter que deixar essa resposta para depois.

IHU On-line – O Brasil está sem utopia, sem capacidade de sonhar e ousar?

Flávia Cêra – Vou levar sua pergunta para outro lugar: “o” Brasil não existe. Ou, como dizia Drummond¹³, “Nenhum Brasil existe”. Pensar assim me ajuda a ver a heterogeneidade das causas e dos modos de vida. Ajuda-me a ler os discursos que segregam, as campanhas de ódio que se disseminam, os extermínios empenhados nas malhas da ordem e do progresso, todos velados pela proposta de construir “o” Brasil. E, por outro lado, me permite ver sonhos e ousadias em muitos lugares: as ocupações das escolas pelos secundaristas em diversos cantos do Brasil me parece o melhor exemplo disso. Lembro de um discurso comovente de uma estudante, Ana Júlia, de Curitiba, na Assembleia Legislativa. Ela dizia que nas ocupações eles conseguiam ter a presença da felicidade. Isso me marcou profundamente. A política não é só a tristeza e a imobilidade de muitos gabinetes do poder. Ela é também alegria, movimento dos corpos, invenções que desenham novos horizontes. São esses pequenos pontos de luz que são capazes de reavivá-la, que são capazes de tornar a política um lugar onde a vida pulsa. ■

¹¹ **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como *Quadros parisienses*, de Charles Baudelaire, e *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (1936), *Teses sobre o conceito de história* (1940) e a monumental e inacabada *Paris, capital do século XIX*, enquanto *A tarefa do tradutor* constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à **IHU On-Line** nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista nascido em Freiberg, Tchecoslováquia. É o fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século 19 e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <https://goo.gl/wL1FIU>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. (Nota da **IHU On-Line**)

Discurso anticorrupção volta-se contra governos populares no Brasil

Gisele Cittadino afirma que quando as elites brasileiras têm seus interesses contrariados, o tema da corrupção reaparece

Vitor Necchi

Para Cittadino, não há esgotamento da esquerda brasileira. “Aliás, estamos longe disso”, avalia. “O Partido dos Trabalhadores, por exemplo, tem 20% da preferência do eleitorado, enquanto os demais partidos, especialmente os de centro e centro-direita, amargam uma crescente ausência de reconhecimento popular.” Ao olhar para o continente europeu, considera que “a crise econômica internacional cobrou um preço altíssimo dos partidos de esquerda”. Em contrapartida, “as vitórias da direita, tanto na Europa, como nos Estados Unidos, revelam como políticos como Theresa May ou Donald Trump foram capazes de neutralizar as promessas das esquerdas num contexto de grave crise econômica”.

Cittadino entende que “a criminalização da política no Brasil começa em 2005, e o ódio de classe foi o fermento utilizado pela grande imprensa para atingir esse objetivo”. Depois da última eleição presidencial, “a oposição, inconformada com o resultado, decidiu, com a ajuda da grande imprensa, dar início a um processo de desestabilização do governo Dilma, e o ódio de classe, já disseminado na sociedade, foi utilizado para criminalizar o Partido dos Trabalhadores” e, nesse momento, “o Poder Judiciário alia-se aos golpistas”.

As consequências do golpe de 2016, no que se refere à exclusão social, são brutais, avalia Cittadino, apontando desde “o retorno da desnutrição infantil

ao exponencial aumento da população de rua”. Segundo ela, “ainda que consigamos derrotar a direita e retornar ao poder, as esquerdas enfrentarão grandes dificuldades para retomar os níveis de inclusão social do início do século”.

“Historicamente, no Brasil, o discurso anticorrupção volta-se contra os governos populares. Foi assim com Getúlio, Juscelino, João Goulart e nos governos do Partido dos Trabalhadores”, observa Cittadino. “Todas as vezes em que as elites brasileiras têm seus interesses contrariados, o tema da corrupção – endêmica na história pública e privada do Brasil – reaparece como um cometa iluminado que nos visita regularmente.”

Gisele Cittadino é graduada em Direito pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mestra em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e doutora em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ. Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Autora de *Pluralismo, Direito e Justiça Distributiva. Elementos da Filosofia Constitucional Contemporânea* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1999) e coautora de *Comentários a uma sentença anunciada: o caso Lula* (Curitiba: Editorial Práxis, 2017, em conjunto com Carol Proner, Gisele Ricobom e João Ricardo Dornelles).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Há um esgotamento da esquerda brasileira? Por que e como isso ocorre?

Gisele Cittadino – Não vejo nenhum esgotamento da esquerda brasileira. Aliás, estamos longe disso.

O Partido dos Trabalhadores, por exemplo, tem 20% da preferência do eleitorado, enquanto os demais

“Não vejo nenhum esgotamento da esquerda brasileira”

partidos, especialmente os de centro e centro-direita, amargam uma crescente ausência de reconhecimento popular. O número de filiações ao PT chega a 70 por dia, e não podemos desconsiderar a existência de uma militância aguerrida, não apenas no âmbito do PT, mas também do PSOL e do PCdoB. Esses partidos têm projetos, quadros e militância. Que outros partidos, no Brasil, podem dizer que têm o mesmo?

IHU On-Line – E em nível mundial, qual a situação do pensamento de esquerda?

Gisele Cittadino – Conheço pouco a situação das esquerdas nos demais países do mundo. Na América Latina, ela tem resistido no Cone Sul e acaba de ganhar a possibilidade de participar do segundo turno da eleição presidencial na Colômbia. Em Portugal, a já famosa “geringonça” tem garantido inclusão social e crescimento econômico, em uma Europa onde a esquerda tem tido derrotas eleitorais, como na Inglaterra, França e Itália. A crise econômica internacional cobrou um preço altíssimo dos partidos de esquerda europeus. Em contrapartida, as vitórias da direita, tanto na Europa, como nos Estados Unidos, revelam como políticos como Theresa May¹

ou Donald Trump² foram capazes de neutralizar as promessas das esquerdas num contexto de grave crise econômica.

IHU On-Line – Há quem diga que Lula não é um político de esquerda, mas um sindicalista, um gestor de conflitos. A afirmação procede? Por quê?

Gisele Cittadino – Depende do que entendemos, no espectro partidário brasileiro, por esquerda. Não há dúvidas de que Lula³ é um

extraordinário gestor de conflitos, mas tampouco tenho dúvidas do compromisso de Lula com a inclusão das camadas populares na sociedade brasileira, com a extensão da cidadania àqueles que jamais a conheceram, como os pretos e pobres das periferias, com uma forte distribuição de renda, sem a qual nenhuma política inclusiva pode ter sucesso. Tais compromissos, no Brasil de hoje, são, para mim, compromissos da esquerda. Nem me passa pela cabeça deixar de considerar Lula um político de esquerda.

IHU On-Line – Depois de três derrotas, na campanha de 2002, com a Carta ao povo brasileiro, Lula moderou nas promessas de ruptura institucional, a fim de conquistar segmentos mais conservadores da sociedade e do eleitorado. Isso representou atenuação de um programa de governo alinhado ao pensamento de esquerda?

Gisele Cittadino – É preciso lembrar que Lula não liderou um processo revolucionário em 2002. Apenas ganhou a eleição para a presidência da República. Logo, não tinha legitimidade política alguma para dar início a rupturas institucionais, especialmente se consideramos o fato de que vivíamos, à época, uma

¹ **Theresa May** (1956): política britânica do Partido Conservador, desde 13 de julho de 2016 é a primeira-ministra do Reino Unido. Trata-se da segunda mulher a exercer esse cargo (a primeira foi Margaret Thatcher). Anteriormente, ocupou o cargo de ministra do Interior no gabinete do ex-primeiro-ministro David Cameron. Theresa May defendeu a permanência do Reino Unido na União Europeia (UE), mas aceitou o resultado do referendo que deu vitória à campanha do Brexit. Na sequência da votação, Cameron renunciou ao cargo de primeiro-ministro, e uma

disputa começou dentro do Partido Conservador para sucedê-lo. Por fim, Theresa ganhou a disputa pela liderança do seu partido e foi oficialmente apontada como a nova primeira-ministra do Reino Unido em 13 de julho de 2016. (Nota da IHU On-Line)

² **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da IHU On-Line)

³ **Luiz Inácio Lula da Silva** (1945): Trigésimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro de 2011. É cofundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores – PT. Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. É investigado na operação Lava-Jato e foi denunciado em setembro de 2016 pelo Ministério Público Federal (MPF), apontado como receptor de vantagens pagas pela empreiteira OAS em um triplex do Guarujá. No dia 12 de julho de 2017, Lula foi condenado pelo juiz federal Sérgio Moro, em primeira instância, a nove anos e seis meses de prisão em regime fechado por crimes de corrupção pas-

siva e lavagem de dinheiro. No dia 24 de janeiro de 2018, por unanimidade, os três desembargadores da 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região confirmaram a condenação de Lula, elevando a pena para 12 anos e um mês de prisão. No dia 7 de abril de 2018 Lula, após mandado de prisão expedido pelo judiciário, entregou-se à Polícia Federal onde se mantém sob custódia na Superintendência do órgão em Curitiba. (Nota da IHU On-Line)

fase de normalidade constitucional, sob a égide da Constituição Cidadã. A *Carta ao Povo Brasileiro* teve a grande importância de neutralizar o discurso – já golpista e desestabilizador naquele momento – do PSDB, que anunciava ao mundo a intenção de Lula de quebrar contratos, tomar medidas econômicas radicalmente heterodoxas e deixar de cumprir acordos internacionais. Vejo a *Carta ao Povo Brasileiro* mais como uma estratégia de neutralização de um discurso desestabilizador da oposição do que como uma tentativa de cooperação do eleitorado mais conservador. De qualquer forma, ainda que tenha servido para isso, foi estrategicamente importante, pois sem maioria não se ganha eleição.

IHU On-Line – Na campanha eleitoral que culminou com a segunda vitória de Dilma Rousseff, pode-se afirmar que o ódio de classe e, em particular, ao pensamento de esquerda foi um dos temas dominantes? O que isso provocou?

Gisele Cittadino – A criminalização da política no Brasil começa em 2005, e o ódio de classe foi o fermento utilizado pela grande imprensa para atingir esse objetivo. Com o imbróglio político deflagrado pelo processo de julgamento da Ação Penal 470, também conhecida como “mensalão”, tem início no Brasil o estímulo a um ódio de classe sem o qual não haveria como criminalizar a atividade política. Hoje, penso que a imprensa pode ter exagerado na quantidade de fermento, e o bolo derramou para fora do tabuleiro, queimando inicialmente todos os partidos, mas atingindo de morte o PSDB e o PMDB, que, tal qual o PFL (atual DEM), também foi obrigado a mudar de nome (MDB). Ao final da última campanha eleitoral para a presidência da República, a oposição, inconformada com o resultado, decidiu, com a ajuda da grande imprensa, dar início a um processo de desestabilização do governo Dilma, e o ódio de classe, já disseminado na sociedade, foi utilizado para criminalizar o Partido dos Trabalhadores. Nesse momento, o Poder Judiciário alia-se aos golpistas.

IHU On-Line – Tendo em vista a composição de forças verificadas por ocasião do impeachment de Dilma Rousseff, como pensar em avanços no combate à miséria e à exclusão?

Gisele Cittadino – Todos conhecemos as consequências das políticas neoliberais aplicadas pelo governo de Michel Temer⁴. A ampliação do desemprego, os cortes das políticas públicas de inclusão social, o redesenho da Petrobras, agora voltada ao atendimento dos interesses de setores econômicos internacionais, a retirada de direitos trabalhistas conquistados em meados do século passado, tudo isso favorece a miséria e a exclusão. Do retorno da desnutrição infantil ao exponencial aumento da população de rua, as consequências do golpe de 2016 são brutais do ponto de vista da exclusão social. Ainda que consigamos derrotar a direita e retornar ao poder, as esquerdas enfrentarão grandes dificuldades para retomar os níveis de inclusão social do início do século.

IHU On-Line – Na história do Brasil, forças políticas conservadoras e alinhadas à direita estiveram mais tempo no poder, praticando corrupção. Por que vem se instaurando no imaginário popular a ideia de que a esquerda é responsável pela corrupção no país?

Gisele Cittadino – Historicamente, no Brasil, o discurso anticorrupção volta-se contra os governos populares. Foi assim com Getúlio⁵,

Juscelino⁶, João Goulart⁷ e nos governos do Partido dos Trabalhadores. Do “mar de lama” aos “escândalos do PT”, todas as vezes em que as elites brasileiras têm seus interesses contrariados, o tema da corrupção – endêmica na história pública e privada do Brasil – reaparece como um cometa iluminado que nos visita regularmente. Nem os governos militares, durante os quais consagram-se políticos como Paulo Maluf⁸, José Sarney⁹ ou Antônio Carlos Maga-

desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-8-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o IHU Ideias *Getúlio, 50 anos depois. O evento gerou a publicação do número 30 dos Cadernos IHU Ideias, chamado Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihuid30>. Ainda a primeira edição dos *Cadernos IHU em formação*, publicada pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuon01>. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **Juscelino Kubitschek de Oliveira** (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Juscelino instituiu o plano de governo baseado no slogan “Cinquenta anos em cinco”, direcionado para a rápida industrialização do País (especialmente via indústria automobilística). Além do progresso econômico, no entanto, houve também um grande aumento da dívida pública. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11-2005, *A imaginação no poder. JK, 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/ihuon166>. (Nota da IHU On-Line)

⁷ **João Belchior Marques Goulart** (1919-1976): também conhecido como Jango, foi presidente do Brasil de 1961 a 1964, tendo sido também vice-presidente, de 1956 a 1961 – em 1955, foi eleito com mais votos que o próprio presidente, Juscelino Kubitschek. Seu governo é usualmente dividido em duas fases: fase parlamentarista (da posse, em janeiro de 1961, a janeiro de 1963) e fase presidencialista (de janeiro de 1963 ao golpe militar de 1964). Jango fora ainda ministro do Trabalho entre 1953 e 1954, durante o governo de Getúlio Vargas. Foi deposto pelo golpe militar do dia 1º de abril de 1964 e morreu no exílio. Confira a entrevista *“Jango era um conservador reformista”*, com Flávio Tavares, de 19-12-2006, em <http://bit.ly/ihu191206>; *João Goulart e um projeto de nação interrompido*, com Oswaldo Munteal, de 27-8-2007, em <http://bit.ly/ihu270807>. Confira também as entrevistas com Lucília de Almeida Neves Delgado intitulada *O Jango da memória e o Jango da História*, publicada na edição 371 da *IHU On-Line*, de 29-8-2011, em <https://bit.ly/2srihl1> e *Dúvidas sobre a morte de Jango só aumentam*, de 5-8-2013, em <http://bit.ly/ihu050813>. Veja ainda *João Goulart foi, antes de tudo, um herói*, com Juremir Machado, de 26-8-2013, em <http://bit.ly/ihu260813>, e *Comício da Central do Brasil: a proposta era modificar as estruturas sociais e econômicas do país*, com João Vicente Goulart, de 13-3-2014, em <http://bit.ly/ihu130314>. (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Paulo Maluf** (1931): empresário, engenheiro e político brasileiro de origem libanesa. Foi governador de São Paulo (1979-1982) e duas vezes prefeito de São Paulo (1969-1971; 1993-1996). Já foi candidato à presidência da República. Ligado constantemente a denúncias de corrupção, é conhecido pela frase “rouba, mas faz” e por ter originado o verbo “malufar”. É deputado federal, atualmente com o mandato suspenso, e encontra-se em prisão domiciliar. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **José Sarney** [José Sarney de Araújo Costa] (1930): político nascido no Maranhão, 31º presidente do Brasil (1985-1990). Foi governador do Maranhão e presidente do Senado Federal por quatro vezes. No dia 15 de janeiro de 1985, o Colégio Eleitoral elegeu a chapa Tancredo Neves/José Sarney para a presidência da República, encerrando o ciclo militar instaurado com o golpe de 1964. Na semana da posse, Tancredo apresentou quadro inflamatório com dores abdominais, diagnosticado como apendicite. Ele descartou qualquer intervenção ou intervenção cirúrgica antes da posse. Na noite de 14 de março de 1985, o agravamento do quadro clínico exigiu uma cirurgia de urgência. Sarney tomou posse como vice-presidente, assumindo a presidência da República interinamente em 15 de março de 1985. Tancredo morreu em 21 de abril, e Sar-

lhães¹⁰, nem a era FHC¹¹, com suas privatizações enviesadas ou com a compra da reeleição, passaram para a história como governos corruptos. Nesses dois últimos exemplos, temos governos que ignoram completamente os interesses das camadas populares e governam exclusivamente para o andar de cima da sociedade. Se, eventualmente, alguma das políticas implementadas – controle da inflação nos governos do PSDB, por exemplo – parece contemplar os excluídos, essa é apenas uma consequência de uma política

ney assumiu oficialmente o cargo. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Antonio Carlos Magalhães**: (1927-2007): conhecido por ACM, médico, empresário e político baiano. Governador da Bahia por três vezes (duas nomeado pelo regime militar) e senador entre 1994 e 2002. Egresso de partidos como UDN, ARENA, PDS, PFL e DEM, ACM, era tido como um dos grandes “coronéis” da política brasileira, iniciando sua derrocada a partir de 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Fernando Henrique Cardoso** (1931): sociólogo, cientista político, professor universitário e político brasileiro. Foi o 34º presidente do Brasil, por dois mandatos consecutivos, entre 1995 e 2003. Conhecido como FHC, ganhou notoriedade como ministro da Fazenda (1993-1994) com a instauração do Plano Real para combate à inflação. (Nota da **IHU On-Line**)

econômica voltada primordialmente para os poderosos.

IHU On-Line – O Judiciário brasileiro entrou na disputa política? De que maneira?

Gisele Cittadino – O Judiciário brasileiro foi o ator político responsável pela consolidação do golpe de 2016. A grande imprensa trabalha desde 2005 com a narrativa da luta anticorrupção, e encontra no julgamento da AP 470, no STF, o cenário perfeito para construir o imaginário adequado ao processo de criminalização da política. O Judiciário, no entanto, só se torna ator político central após o golpe midiático-parlamentar que afasta a presidenta Dilma Rousseff. Afinal, não bastava destituir uma presidenta eleita com mais de 54 milhões de votos, mas era preciso não apenas consolidar juridicamente o golpe parlamentar e midiático, mas, em especial, impedir a possibilidade de retorno

do Partido dos Trabalhadores ao centro do poder político. Essa tem sido a tarefa política do Poder Judiciário, seja na primeira instância, seja nos tribunais superiores e no Supremo Tribunal Federal.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Gisele Cittadino – Apenas lamentar que depois de 30 anos de uma certa normalidade constitucional, e após termos reconstruído a democracia brasileira a partir dos escombros de uma ditadura militar, estejamos de volta aos ciclos autoritários que marcam a nossa trajetória constitucional. Quem de nós, especialmente os que estamos na academia, imaginava assistir ao desrespeito da soberania popular, a violência de decisões do STF contrárias ao direito e à violação dos direitos e das garantias básicas da cidadania, em pleno século 21? ■



NOTÍCIAS DO DIA

Acompanhe notícias, artigos e entrevistas veiculadas na mídia do Brasil e do mundo, em uma seleção preparada pela equipe do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU.**



ihu.unisinos.br/noticias/noticias-do-dia

As necessidades do Antropoceno e a época das tecnologias digitais urgem um outro modo de fazer política

Para Alexandre Costa, a esquerda precisa de uma reorientação profunda de programa e estratégias

Patrícia Fachin

Uma análise sobre o futuro e a relevância das esquerdas na política brasileira precisa reconhecer a “existência de algumas conquistas sociais em 13 anos de governo encabeçado pelo maior partido de esquerda brasileiro”, mas também necessita “colocar o dedo na ferida” para verificar as consequências da política do “ganha-ganha” e das apostas econômicas e ambientais feitas nos últimos anos, pondera Alexandre Araújo Costa na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “A política de ganha-ganha, de benefícios para os andares de cima e de baixo só encontrava sustentação numa conjuntura de preços elevados das *commodities* (minério de ferro, petróleo, soja). Portanto, além do risco econômico de manter tamanha dependência da pauta de exportações (o caso venezuelano é trágico nesse sentido), o custo ambiental disso é gigantesco”, afirma.

Crítico das políticas desenvolvimentistas dos governos petistas, Costa avalia que elas implicam na “negação de outros modos de vida, de imposição da ‘transformação do índio em pobre’”. E acrescenta: “Esse pensamento de bandeirante é que tornou possível vir das mãos de governos que se reivindicaram de esquerda a liberação dos transgênicos, a aposta nos combustíveis fósseis e a ênfase no pré-sal, a ampliação desmedida do uso de água para irrigação e que deixou Mariana e Belo Monte como tristes cicatrizes”.

Na avaliação dele, a reinvenção da esquerda na política “precisa se dar a partir de uma reorientação profunda de programa e estratégia, adaptados às necessidades do Antropoceno¹ e da época das tecnologias digitais, de fato olhando para o futuro, mas também prestando conta

do passado, do peso dos cinco séculos de etnogenocídio e de escravidão contra as populações indígenas e africanas, de uma cultura que reproduz as discriminações e opressões diversas. Também se trata de reorientar profundamente forma organizativa e métodos, no modo de fazer política”. Nesse sentido, explica, talvez “a contribuição possa se dar principalmente a partir de um programa baseado na lógica do Programa de Transição, mas profundamente reelaborado. Que parta do combate aos privilégios dos de cima e de reformas essenciais, como reforma tributária, reforma agrária, reforma urbana, demarcação de terras indígenas, transição energética etc. e que, com base na mobilização e organização populares, construa um contrapoder”. Mas adverte: “Embora possamos falar de esgotamento de um determinado modelo de esquerda, isso não significa que esquerdas renovadas não possam apontar para esse caminho. Pelo contrário”.

Alexandre Araújo Costa é professor da Universidade Estadual do Ceará. Formado em Física, Ph.D. em Ciências Atmosféricas pela Universidade do Estado do Colorado, com pós-doutorado na Universidade de Yale. Foi um dos autores principais do primeiro relatório do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas. Militante ecossocialista e ativista climático, edita o blog *O Que Você Faria se Soubesse o Que Eu Sei* e é um dos coordenadores do fórum de articulação Ceará no Clima.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 22-5-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2svBmfE>.

Confira a entrevista.



“Não há Socialismo em terra (Terra) arrasada”

IHU On-Line - Que balanço faz da trajetória das esquerdas no país nos últimos anos?

Alexandre Araújo Costa - Existem diversos aspectos, complexos por sinal, a serem incluídos num balanço da esquerda brasileira, ou melhor, das esquerdas, no plural mesmo.

O primeiro aspecto, e isso precisa ser enfatizado, é que a experiência demonstrou que qualquer avanço social, qualquer melhoria mínima nas condições de vida do “andar de baixo” vai enfrentar resistência das classes dominantes. Fundada sobre genocídio indígena e sequestro e escravidão de povos africanos, a elite brasileira segue escravista e autoritária, avessa a qualquer inclusão.

Dito isto e reconhecendo a existência de algumas conquistas sociais em 13 anos de governo encabeçado pelo maior partido de esquerda brasileiro, há que se colocar o dedo na ferida. A política de ganha-ganha, de benefícios para os andares de cima e de baixo só encontrava sustentação numa conjuntura de preços elevados das *commodities* (minério de ferro, petróleo, soja). Portanto, além do risco econômico de manter tamanha dependência da pauta de exportações (o caso venezuelano é trágico nesse sentido), o custo ambiental disso é gigantesco.

1 **Antropoceno**: termo usado por alguns cientistas para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU tem tratado dessa perspectiva em diversas publicações. Entre elas “Antropoceno: ou mudamos nosso estilo de vida, ou vamos sucumbir”. Entrevista especial com Wagner Costa Ribeiro, publicada nas Notícias do Dia, de 29-02-2016, disponível em <http://bit.ly/1T5xU2U>. Confira mais em <http://bit.ly/1TFub7T>. (Nota da **IHU On-Line**)

Essa conciliação de classes, que vai muito além dos acordos eleitorais com partidos representantes dos interesses das empreiteiras, do agronegócio, dos bancos, das mineradoras etc., também se deu no nível direto, econômico. É terrível constatar que o favorecimento escancarado desses setores ampliou-se nos governos petistas. E, claro, deu-se às custas do sacrifício de uma agenda de reformas e transformações profundas: reforma agrária, demarcação indígena, reforma tributária, democratização da mídia, reforma política etc.

Especialmente é lamentável, é trágica a permanência, na mentalidade de setores da esquerda, de um pensamento desenvolvimentista, de negação de outros modos de vida, de imposição da “transformação do índio em pobre”, tomando por empréstimo Eduardo Viveiros de Castro, enfim de colonizador interno. Aliás, esse pensamento de bandeirante é que tornou possível vir das mãos de governos que se reivindicaram de esquerda a liberação dos transgênicos, a aposta nos combustíveis fósseis e a ênfase no pré-sal, a ampliação desmedida do uso de água para irrigação e que deixou Mariana e Belo Monte como tristes cicatrizes.

IHU On-Line - Por que na sua avaliação o desenvolvimentismo de esquerda é uma tragédia? Por que o caracteriza como um “pensamento de colonizador interno”?

Alexandre Araújo Costa - A tragédia é na verdade dupla. Primeiro porque se baseia num ne-

gacionismo, consciente ou inconsciente, dos limites da natureza. A ciência reconhece que a humanidade – de maneira desigual, é claro, com a pegada ecológica dos ricos várias vezes maior – tem hoje o poder de uma força geológica para alterar o ambiente em escala global. No que se conhece por Antropoceno, uma nova época geológica, das chamadas fronteiras planetárias já ultrapassamos marcos seguros em pelo menos biodiversidade, clima, ciclos biogeoquímicos e provavelmente no nível de contaminação por plástico, substâncias tóxicas etc. e estamos próximos ao limite nas demais, incluindo uso de água doce, terra ocupada e acidez oceânica. Quando a expansão do capital é cada vez mais violenta socioambientalmente, a crítica anticapitalista bem como a proposta de sociedade pós-capitalista precisam ser vertebralmente ecológicas.

Segundo porque se materializa num não reconhecimento de outros modos de vida que não o modo predatório baseado na infinita expansão capitalista industrial. Como se o Socialismo fosse a produção destrutiva capitalista convertida em propriedade privada. É uma lógica que, como os economistas e políticos capitalistas, adota como métrica fundamental um PIB que contabiliza produção e venda de armas e não contabiliza tudo que é usufruído de maneira comum, sem relações mercantis, sem moeda envolvida, em comunidades ribeirinhas, sertanejas, quilombolas e indígenas.

É o que faz com que pessoas de esquerda se refiram a essas comunidades e povos como “pobres em terra rica”, perigosamente flertando com uma política “socialista” de empobrecimento da própria natureza. É a base das ilusões sobre obtenção de recurso econômico a partir da exploração do petróleo do pré-sal, ignorando o fato de que não há “CO₂ de esquerda” e de tantas outras.

IHU On-Line - Como as esquerdas entendem e tratam a questão ambiental no Brasil?

Alexandre Araújo Costa - Conectando com a pergunta anterior, digo, lamentando, que as esquerdas em sua maioria ainda percebem o meio natural com um oponente a ser conquistado, explorado e exaurido. E que é do crescimento econômico baseado nessa exploração que advirá a riqueza para a classe trabalhadora. Ledo engano. Não há Socialismo em terra (Terra) arrasada.

Mas outros setores, ao meu ver, estão dando seus primeiros passos no debate. Em geral sob uma consigna geral do Ecosocialismo, dialogam com o ecossistema de saídas ecológicas, que combina também as ideias de decrescimento justo, de *buen-vivir*², de direitos da Mãe-Terra etc. E isso abre caminho para esses setores ocuparem um novo nicho, não abdicando das tradições melhores da esquerda (clareza da oposição de classe e da necessidade de superação do capitalismo e entendimento da necessidade de mobilização de massas, por exemplo), mas revisitadas para as condições de crise ecológica global.

IHU On-Line - O que significa ser e fazer esquerda no Brasil

² **Sumak Kawsay (Bem-viver)**: expressão originária da língua kichua, idioma tradicional dos Andes. “Sumak” significa plenitude e “Kawsay”, viver, e a expressão é usada como referência ao modelo de desenvolvimento que se intenta aplicar no Equador a longo prazo e que implica um conjunto organizado, sustentável e dinâmico dos sistemas econômicos, políticos, socioculturais e ambientais, que garantem a realização do bom viver. Confira a edição 340 da Revista IHU On-Line, Sumak Kawsay, Suma Qamana, Teko Pora. O Bem-Viver, disponível em <http://bit.ly/cZxLYo>. (Nota da **IHU On-Line**)

hoje? Qual é o seu diagnóstico sobre a possibilidade de reinvenção das esquerdas brasileiras na política neste momento?

Alexandre Araújo Costa - O conceito genérico de esquerda pressupõe a afirmação de um conjunto de valores, de uma concepção de mundo baseada na igualdade. Creio que isso permanece em certa medida atual, mas especialmente hoje em dia, por esse guarda-chuva ser demasiado amplo, é provavelmente melhor usar “esquerdas”, no plural mesmo. Afinal não apenas na questão ecológica e nos critérios para alianças, mas nas pautas do combate ao machismo, racismo e homofobia (e no entendimento ou não de como elas se articulam com a exploração de classe), nos métodos e formas organizativas etc., há muitas diferenças.

Para falarmos da reinvenção das esquerdas no Brasil, precisamos fazer um balanço muito sério, duro, mas também sereno, da derrota política da esquerda hegemônica para a direita, processo que não se iniciou em 2016 ou, pior ainda, em 2013 como alguns tentam atribuir. Também não é um balanço que possa ser resumido na palavra “traição de classe”.

Sim, é preciso condenar os acordos por cima com o que há de pior na política burguesa, de Sarney³ a Maluf⁴,

de Sérgio Cabral⁵ a Lobão⁶ e Eunício Oliveira⁷. É preciso não deixar sombra de dúvidas sobre o quanto a direita se fortaleceu politicamente ao se fortalecer economicamente durante os governos petistas, sendo talvez o agronegócio e sua bancada ruralista a expressão máxima disso.

Mas acredito também que houve um processo erosivo começado antes mesmo da primeira eleição de Lula e que se aprofundou a partir dela, de burocratização, captura da energia dos movimentos sociais para as instituições de Estado, uso de métodos e práticas viciados, despolitização, redução de capilaridade social, desatenção para com as redes sociais e até despreparo para lidar até com a transição geracional. Os e as jovens de hoje cresceram sob governos petistas e lamentavelmente isso abre flanco para crerem que é “culpa da esquerda” o quadro de desesperança e desalento que sobre eles e elas se abate.

A reinvenção da esquerda precisa se dar a partir de uma reorientação profunda de programa e estratégia, adaptados às necessidades do Antropoceno e da época das tecnologias digitais, de fato olhando para o futuro, mas também prestando conta do passado, do peso dos cinco séculos de etnogenocídio e de escravidão contra as populações indígenas e africanas, de uma cultura que reproduz as discriminações e

⁵ **Sérgio de Oliveira Cabral Santos Filho** [Sérgio Cabral] (1963): é um jornalista e político brasileiro filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Foi governador do Rio de Janeiro de 1 de janeiro de 2007 até 3 de abril de 2014, quando renunciou ao cargo. Foi considerado pela Revista Época um dos 100 brasileiros mais influentes de 2009. Filho do jornalista Sérgio Cabral (crítico de música e arte), um dos fundadores de O Pasquim, Sérgio Cabral Filho é jornalista formado pela Faculdade da Cidade (atual UniverCidade). Atualmente está preso no Complexo Penitenciário de Gericinó acusado de comandar um esquema de propina com diversas empreiteiras durante seu período como governador do Estado. Cabral é acusado de movimentar mais de 220 milhões de reais em contratos ilegais. A seção Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, vem reproduzindo uma série de textos sobre a prisão de Cabral, a situação do Rio de Janeiro e os desdobramentos da Operação Lava-Jato. Acesse ihu.unisinos.br/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Edison Lobão** (1936): é um jornalista e político brasileiro, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Foi governador do Maranhão, de 1991 a 1994. Foi ministro de Minas e Energia do Brasil, de 21 de janeiro de 2008 até 31 de março de 2010, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e durante todo o primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Eunício Lopes de Oliveira** (1952): é um político, agropecuarista e empresário brasileiro, filiado ao PMDB. É Senador da República pelo Ceará e atual presidente do Senado Federal do Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

opressões diversas. Também se trata de reorientar profundamente forma organizativa e métodos, no modo de fazer política.

IHU On-Line - Nesse sentido, em que pontos fundamentais as esquerdas deveriam avançar no seu modo de fazer política?

Alexandre Araújo Costa - Mé-todo não é apenas forma. É conteúdo também. Por isso na minha opinião, para os dias de hoje, de uma sociedade globalizada e conectada à internet, sob crise ecológica global, com movimentos novos do tipo “indignados”⁸ e “occupy”⁹ emergindo, com a disputa das redes sociais, tendo de enfrentar o apelo ao consumo e ao individualismo, transformações ideológicas e políticas enormes, precisamos mais do que resistir, nos repensar, nos reequilibrar e nos reinventar.

Afinal o anacronismo e a inadequação não pesam apenas sobre as esquerdas mais moderadas, seus métodos demasiado institucionais e a lógica de conciliação de classes. Ela permeia – em alguns casos até de forma mais aguda – os setores de esquerda radical ou que se reivindicam revolucionários.

A noção de “dirigir a classe” a partir de um “partido de vanguarda”, altamente centralizado, e que “introduz a consciência a partir de fora”, por exemplo, parece muito mais campo fértil para disputas miúdas, emergência de chefetes ególatras etc. É preciso superar a ilusão do controle.

Ao invés da inspiração na organização fabril, devemos buscar inspiração nas estruturas complexas da natureza, como as correntes do oceano e os ventos ou como os próprios

ecossistemas: fluidos, adaptativos, enérgicos, vivos e diversos e por isso mesmo muito mais poderosos. A luta de massas e os processos revolucionários são fluidos e caóticos: despertam criatividade, divergências, diferenças, choques e estranhamente progride em meio a esse (aparente) caos.

Enfim, se a organização política de esquerda é uma “amostra grátis” do poder que almejamos construir, um poder popular, de baixo, que abra caminho para superação do próprio Estado, nossas organizações têm de ser construídas desde já mirando esse paradigma. Têm de ser associações de ativistas, militantes e colaboradores livres, com a mais ampla democracia, horizontalidade, poder de decisão distribuído, acesso amplo e irrestrito à informação, conhecimento de causa construído com base nesse acesso e no acesso às ferramentas para análise crítica, uso de plataformas em rede, autonomia e iniciativa sem medo de ser tolhido pelo burocrata de plantão, generosidade para com o erro, solidariedade no acerto, capacidade de adaptação, reconhecimento, no debate da preponderância de evidências independente de se a favor ou contra sua opinião inicial, na gestão coletiva, corresponsável e ao mesmo tempo descentralizada e globalmente harmônica.

IHU On-Line - Que tipo de contribuição as esquerdas ainda podem dar para projetos futuros para o país? Na sua avaliação, é possível perceber um esgotamento de um modelo de esquerda ou ainda há um caminho à esquerda?

Alexandre Araújo Costa - Como mencionei antes, prefiro pensar em “esquerdas”, numa “ecologia de esquerdas”, com espaço para expressar, discursiva e praticamente, acordos e diferenças. Dito isto, embora boa parte das esquerdas não se mostre capaz de lidar com os desafios do século XXI, não vejo como não vir do lado esquerdo soluções para nenhum desafio posto hoje: do aquecimento global à erradicação do

trabalho escravo, da superação da ordem patriarcal às consequências da crescente automação. Daí, embora possamos falar de esgotamento de um determinado modelo de esquerda, isso não significa que esquerdas renovadas não possam apontar para esse caminho. Pelo contrário.

Assim, acredito que a contribuição possa se dar principalmente a partir de um programa baseado na lógica do Programa de Transição, mas profundamente reelaborado. Que parta do combate aos privilégios dos de cima e de reformas essenciais, como reforma tributária, reforma agrária, reforma urbana, demarcação de terras indígenas, transição energética etc. e que, com base na mobilização e organização populares, construa um contrapoder. E que por meio deste e de transformações metabólicas que envolvam agroecologia, recuperação de ecossistemas, matas, nascentes, leitos de rios, agricultura urbana, permacultura, sistema de energia renovável descentralizada, ecocidades, ecovilas e demais comunidades intencionais etc., abra caminho para outra sociedade.

IHU On-Line - Qual é a situação das esquerdas neste ano de eleições presidenciais? Na sua avaliação, a tendência é que haja uma fragmentação das esquerdas nestas eleições ou uma união em torno de algum projeto? Dado a trajetória das esquerdas nos últimos anos, quais são suas chances reais nas eleições deste ano?

Alexandre Araújo Costa - Até pela diversidade de projetos, não gosto do termo “fragmentação” para caracterizar a existência de mais de uma candidatura no guarda-chuva amplo que possa ser considerado de esquerda. Por exemplo, a candidatura de Guilherme Boulos¹⁰ e Sonia Guajajara¹¹ é uma expressão para lá

⁸ **Movimento 15-M:** Também conhecido como Movimento dos Indignados, é um movimento social que surgiu na Espanha. Tem raízes nas manifestações do dia 15 de maio de 2011, que tinham como objetivo promover uma democracia mais participativa, criticando o domínio dos bancos e corporações. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Occupy:** série de protestos mundiais iniciados no dia 15 de outubro de 2011, a partir da ocupação de Wall Street, nos Estados Unidos, dando origem ao movimento Occupy. O movimento se espalhou por várias cidades do mundo, organizado por coletivos locais, organizações de bairro ou movimentos sociais, os quais propunham alternativas de desenvolvimento voltadas à preservação do planeta e ao consumo consciente de produtos, opondo-se à especulação financeira e à ganância econômica. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ **Guilherme Castro Boulos** (São Paulo, 1982): é um ativista político e social, professor e escritor brasileiro. É membro da Coordenação Nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Sônia Bone Guajajara** (1974): é uma líder indígena brasileira, formada em Letras e em Enfermagem, especialista em Educação especial pela Universidade Estadual do Maranhão. Recebeu em 2015 a Ordem do Mérito Cultu-

de fundamental nesse contexto de reorganização das esquerdas, justamente por ser a mais aberta aos debates que apresentei, de alternativa ecológica, de vínculo com os movimentos sociais etc. Afinal, Sonia e o próprio Guilherme têm feito duras críticas ao “modelo de desenvolvimento”, além de serem expressões públicas de dois movimentos muito ativos na conjuntura recente: dos sem-teto e dos povos indígenas.

Obviamente as possibilidades das esquerdas serão limitadas pelo avanço do conservadorismo. Mas

ral. Sua militância em ocupações e protestos começou na coordenação das organizações e articulações dos povos indígenas no Maranhão - COAPIIMA e levou-a à coordenação executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - APIB. Antes disso ainda passou pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - COIAB. Atualmente é pré-candidata à vice-presidência na chapa com Guilherme Boulos, pelo Psol. (Nota da **IHU On-Line**)

de outro lado podem se ampliar em função da crise econômica explícita, da maneira nítida como o ônus dessa crise tem sido jogado sobre as maiorias sociais a partir do governo golpista de Michel Temer. Essas possibilidades se ampliam também se mantivermos um otimismo contido e inteligente e a perseverança em dialogar com a população.

Evidentemente saber se movimentar, sem limitar a expressão das diferenças, para barrar o avanço conservador, especialmente em sua forma mais truculenta, neofascista, também precisa estar na agenda, assim como tentar incidir sobre a composição do Congresso Nacional.

É nesse sentido, como ambientalista e militante das causas socio-

ambientais e também como trabalhador da ciência e da pesquisa, que coloquei meu nome à disposição do PSOL para disputar uma vaga na Câmara Federal. Nos EUA, em função da posição anticiência institucionalizada na administração Trump¹² e no Congresso (especialmente o negacionismo climático), cientistas estão colocando seu nome na disputa eleitoral. Então por que não aqui? ■

12 Donald Trump (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

Ciclo de Palestras

Trajетória da Política Econômica Brasileira 2003-2017. Crescimento, crise e novas possibilidades

2003

2017

Atividades válidas como horas complementares.

De 27/03 a 04/06 de 2018

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Unisinos | Campus São Leopoldo

ihu.unisinos.br

A contemporaneidade em debate

Intérpretes e obras (2ª Edição)

05 de junho de 2018 (terça-feira)



19h30min às 22h – Dos. La máquina de la teología política y el lugar del pensamiento. Obra de Roberto Esposito
Apresentação da obra pelo
Prof. Dr. José Roque Junges –
Unisinos

53

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Inscrições e informações em
ihu.unisinos.br/eventos

O Mistério na tessitura da Vida: A espiritualidade de Gilberto Gil

Faustino Teixeira

“**N**um ritmo de otimismo que encanta, Gil vai tecendo o seu canto com as marcas da alegria, como um hino de celebração da vida”, escreve Faustino Teixeira.

Faustino Teixeira é teólogo, professor e pesquisador do PPG em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG.

Eis o artigo.

Trata-se de tarefa desafiante tentar captar a experiência espiritual na trajetória criativa de Gilberto Gil. Foi o desafio que busquei responder nas breves notas que seguem, a partir de um convite de conferência realizado pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UFJF. Foi um mergulho nas canções desse compositor singular e inaugural, assim como nas biografias disponíveis e entrevistas realizadas pelo compositor baiano. O panorama geral é convidativo, descortinando dimensões singulares da visão espiritual de Gil.

O amor pela vida

De início, podemos destacar o profundo amor pela vida alimentado por Gil e cantado em diversas canções, como na estrofe de Amo tanto viver (1980):

Todas as vezes que eu canto é amor
Transfigurado na luz
Nos raios mágicos de um refletor
Na cor que o instante produz¹ (CR, 282)

O que vislumbramos é um canto de alegria, temperado pela fé na vida e nas forças que dinamizam o tempo:

Tudo que eu sei aprendi
Olhando o mundo dali
Do patamar da canção (...)
Tudo que eu canto é a fé, é o que é
É o que há de criar mais beleza
Beleza que é presa do tempo
E, a um só tempo, eterna no ser (CR, 282).

Num ritmo de otimismo que encanta, Gil vai tecendo o seu canto com as marcas da alegria, como um hino de celebração da vida. É o que vemos também na canção Cores vivas (1980):

Tomar pé
Na maré desse verão

1 Todas as letras das canções de Gil foram recolhidas da obra: Carlos Rennó (Org.). Gilberto Gil. Todas as letras. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Para facilitar as referências, vamos utilizar o código CR.



Esperar
 Pelo entardecer
 Mergulhar
 Na profunda sensação
 De gozar
 Desse bom viver (CR, 293).

A canção tinha sido encomendada para a trilha de uma novela, Água viva, e o compositor aproveitou o ensejo para destacar esse seu “encanto de viver”, essa densa simpatia pela dinâmica vital que envolve todos os fenômenos. A canção, de fato, virou um “hino da vida oferecido à vida”². Com base em Oswald de Andrade, Gil indica que “a alegria é a prova dos nove”, traduzido também no verso da canção “Geleia Geral” (1968 – CR, 105), expressa poeticamente por Torquato Neto. Trata-se de algo “irrecusável”, assinala Gil, que deve compor o ritmo do coração:

Seja lá qual for a grande ou pequena vicissitude, seja lá qual for a grande ou a pequena tristeza, a grande ou a pequena decepção, o grande ou o pequeno flagelo, tem de achar um jeito de alegrar o coração³. E alegrar no sentido bem suave, moderado, a alegria na dose suficiente para a satisfação do equilíbrio interno, para o estabelecimento do silêncio obsequioso que a gente tem de ter em relação à loucura do mundo⁴

O mundo espiritual

Gilberto Gil foi alguém sempre marcado pela vida espiritual, mas curiosamente o passo de abertura para a experiência interior ocorreu por ocasião de sua prisão, em dezembro de 1968. Antes mesmo desta época já estava em curso o movimento tropicalista, com presença destacada do compositor, e que foi um traço de vanguarda na música popular brasileira⁵. Em 1967 tinha sido lançada a canção inaugural, Domingo no parque, com a presença dos Mutantes; e em 1968, o disco tropicalista Gilberto Gil, com outras canções de destaque como “Procissão”. Nesta canção, em particular, manifestava-se um pensamento mais sintonizado com o marxismo, em conexão com o engajamento de Gil no Centro Popular de Cultura (CPC). A religião aparecia ali como um dado de alienação, e Gil chega mesmo a ironizar o cristianismo:

E Jesus prometeu vida melhor
 Pra quem vive nesse mundo sem amor
 Só depois de entregar o corpo ao chão
 Só depois de morrer neste sertão
 Eu também tô do lado de Jesus
 Só que acho que ele se esqueceu
 De dizer que na Terra a gente tem
 De arranjar um jeitinho pra viver (CR, 60).

A prisão de Gil aconteceu no final de dezembro de 1968, junto com Caetano Veloso. Os dois foram libertados em 19 de fevereiro de 1969, uma Quarta-Feira de Cinzas. Seguem então para Salvador, permanecendo em estado de confinamento até a partida para o exílio, em julho de 1969. Gil permanece no exílio até janeiro de 1972, quando retorna com sua mulher Sandra e o filho Pedro. Caetano e sua mulher, Dedê, tinham retornado antes.

A experiência na cadeia foi decisiva no desenvolvimento de sua vida espiritual. Como ele mesmo diz, foi ali que sua busca espiritual manifestou uma “face mais visível”, bem como sua “ânsia mística”. E argumenta: “Todo esse primeiro polimento, essa primeira retirada da poeira da superfície do meu ser foi feita ali dentro da prisão” (CR, 113). Na prisão, Gil faz suas primeiras

² Gilberto Gil & Regina Zappa. Gilberto bem perto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 392.

³ Expresso também por Gil na canção “Se eu quiser falar com Deus” (1980): “E apesar de um mal tamanho, alegrar meu coração” (CR, 291).

⁴ Gilberto Gil & Ana de Oliveira. Disposições amorosas. São Paulo: Iyá Omin, 2015, p. 118.

⁵ Na visão de Gil, o Tropicalismo fazia uma síntese entre espiritualidade e marxismo: Sergio Cohn. Rogério Duarte. Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2009, p. 218.

leituras sobre a alimentação macrobiótica e dá início a um “vegetarianismo incipiente”. Acessa também informações sobre ioga e dá início a exercícios de relaxamento e respiração. Naquele espaço limitado, restritivo, Gil busca caminhos de libertação, na linha de uma “visão ascética da vida” e de um “voo mais alto”⁶. Algumas canções nasceram no período, como “Vitrines”, “Futurível” e “Cérebro eletrônico”. Nesta última, aborda contrastes e ensaia diálogos entre o mundo dos homens e o mundo de Deus. O tempo era de modernização, do avanço cibernético, das primeiras viagens espaciais e da afirmação da ficção científica, exemplificada no filme de sucesso: 2001, uma odisseia no espaço. Com “Cérebro eletrônico”, Gil reconhece a força das máquinas, com seus “botões de ferro” e “olhos de vidro”, mas sublinha também sua limitação. Elas comandam e fazem “quase tudo”, mas permanecem penúltimas:

Só eu posso pensar se Deus existe
Só eu
Só eu posso chorar quando estou triste
Só eu
Eu cá com meus botões de carne e osso
Hum, hum
Eu falo e ouço
Hum, hum
Eu penso e posso (CR, 112)

Naquela situação-limite da prisão, de seu encurtamento programado, firma-se um “sonho” que é real, do “conhecimento da condição divina” e da mudez das máquinas. São as primícias de um processo de interiorização e meditação que vai se irradiar posteriormente em outras canções, como “Preciso aprender a ser só” (1973) e “Realce” (1979). Mediante o recurso a uma brincadeira linguística, Gil revela a potencialidade do mundo interior: “Eu preciso aprender a só ser” (CR, 156).

Uma verdade deve ser dita. Os caminhos desbravados pelo tropicalismo produziram uma aproximação à contracultura e, com ela, às formas e práticas extra-ocidentais de cultura. É o que sublinha Antonio Risério em entrevista publicada na Coleção Encontros⁷. Ele acrescenta: “E agora estávamos de volta, por assim dizer, ao Brasil. Fomos de Krishna aos babalaôs. Do I-Ching ao Xingu”⁸. Outro companheiro de Gil, Rogério Duarte, fala deste mergulho interior⁹. Ele também esteve preso, sentindo igualmente um “chamado interno”, com um processo que reconhece como “paralelo ao de Gil”. Ao voltar do exílio em Londres, Gil foi morar com Rogério, e juntos começaram a estudar a Eubiose. Ele relembra um trecho da canção de Gil, “Objeto sim, objeto não” (1969), reconhecida como “panfleto neomitológico” que busca refundar a aliança da ciência com o mito:

Eubioticamente atraídos
Pela luz do Planalto Central
Das Tordesilhas
Fundarão o seu reinado
Dos ossos de Brasília
Das últimas paisagens
Depois do fim do mundo (CR, 124)

Esta dimensão sincrética do tropicalismo, abraçada por Gil, veio reconhecida por Caetano Veloso na nova edição de Verdade Tropical: “O Brasil é religioso. Eu posso ser ateu, mas o tropicalismo não o é – e o Brasil muito menos”¹⁰.

6 Gilberto Gil. Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2008, p. 247-248.

7 Antonio Risério. Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2009, p. 152.

8 Ibidem, p. 152.

9 Rogério Duarte. Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2009, p. 217.

10 Caetano Veloso. Verdade tropical. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 32.

O clima que circundava o campo do tropicalismo era pontuado pelo aura do Oriente, com pontuações precisas: de hare-krishnas, tarôs e I Chings. Daí as referências contidas na canção “Oriente” (1971):

Se oriente, rapaz
Pela constelação do Cruzeiro do Sul
Se oriente rapaz
Pela constatação de que a aranha
Vive do que tece
Vê se não se esquece
Pela simples razão de que tudo merece
Consideração (CR, 143).

Junto com a busca interior, o processo de despojamento pessoal, que vai circundando Gilberto Gil a partir daquele momento. Ele lembra disto numa entrevista concedida a Cissa Guimarães:

À medida que você se desprende de si próprio, a ideia de interiorização muda. Eu cada vez me desprendo mais de mim mesmo. Cada vez quero saber menos o que sou, o que signifíco, o que importo para os outros. Cada vez mais me atribuo menos importância. Então, a interiorização de Deus vai junto com isso. É aí que está Deus, para mim, exatamente onde já se diluíram quase todas as possibilidades de individuações¹¹.

Com a volta do exílio, a partir de 1972, Gilberto Gil toma contato mais próximo com o candomblé. Isso não tinha ocorrido antes, em dimensão de profundidade. O campo espiritual vem, assim, enriquecido com a nova presença. Junto com esta aproximação, a descoberta do profundo significado do carnaval da Bahia¹². A vaidade de ser baiano já tomava conta de suas composições anterior, como “Eu vim da Bahia” (1965):

Porque na Bahia tem mãe Iemanjá
De outro lado o Senhor do Bonfim
Que ajuda o baiano a viver
Pra cantar, pra sambar pra valer
Pra morrer de alegria (CR, 63).

Depois do exílio esse sentimento ganha vigor, somando-se à consciência vibrante da herança africana: “Não há brasilidade possível sem nossa ascendência africana em todos os sentidos: cultura, pulsação espiritual, herança genética, tudo”¹³. Nas canções, percebe-se agora a presença recorrente dos Orixás: de Iansã, a “Senhora do Mundo” (CR, 152); de Aganju e Xangô (CR, 218), de Logunedé, filho de Oxum (CR, 271) e do pai Oxalá, com seu toque de felicidade (CR, 294). Gil reconhece que “toda menina baiana tem um santo, que Deus dá” (CR, 270), e que em cada canto da Bahia há uma conta e “pra cada santo uma mata, uma estrela, um rio, um mar” (CR, 331). E cada conta vai montando um colar singular de religiosidade, proteção e alegria:

Hoje já ninguém duvida
Está na alma, está na vida
Está na boca do país
É o gosto da comida
É a praça colorida
É assim porque Deus quis (CR, 331).

11 Cissa Guimarães & Patrícia Guimarães. Viver com fé. Histórias de quem acredita. Rio de Janeiro: GNT/Casa da Palavra, 2012, p. 261.

12 Gilberto Gil. Encontros, p. 253.

13 Gilberto Gil & Ana de Oliveira. Disposições amorosas, p. 79.

O vínculo é forte e firma-se como rocha no coração. E quando as coisas titubeiam, é a eles que vem pedir ajuda ou consolo:

Omolu, Ogum, Oxum, Oxumaré
 Todo o pessoal
 Manda descer pra ver
 Filhos de Gandhi (CR, 169).

Em jogo de Búzios, pelas mãos de Mestre Di, Gil descobre que era de Xangô, e numa linda canção, “Babá Alapalá” (1976), reverencia o orixá Aganju, que é um Xangô menino:

Alapalá, egum, espírito elevado ao céu
 Machado astral, ancestral do metal
 Do ferro natural
 Do corpo preservado
 Embalsamado em bálsamo sagrado
 Corpo eterno e nobre de um rei nagô
 Xangô (CR, 218).

Gil recorda também sua amizade com Mãe Menininha, a quem visitou várias vezes e para ele jogou os búzios. Foram anos de singela aproximação, nas festas em Gantois e outras situações diversificadas. Daí a tristeza de acompanhar sua travessia, compondo para ela um réquiem:

Foi
 Minha mãe se foi
 Minha mãe se foi
 Sem deixar de ser – ora iêiê, ô (...)

Ouve nossa oração
 Escuta a demanda de cada um
 Manda teu doce axé
 Recomenda ao santo o teu candomblé
 Fala com cada um
 Fala com cada um
 Fala com cada filho fiel
 Canta pra todos nós
 Derrama sobre todos o teu mel (CR, 393).

Por todo canto, o Mistério

Envolvida por tantos aprendizados, a fé de Gil foi ganhando a forma de um mosaico, onde se arregimentam várias coisas. Uma fé que abraça as diferenças e que vibra sob o toque da sede de Unidade. Sublinha em entrevista esta vinculação: “A ideia de unidade, pra mim, é uma coisa do universo. O universo pra mim é uno, é integral”¹⁴. Esta unidade, porém, convive bem com a diversidade: “A minha fé ficou assim, um apanhado, um mosaico dessas coisas todas. Tenho respeito por elas e por quem, digamos assim, se confina num desses territórios religiosos por vontade própria, por natureza e índole”¹⁵.

O que muitas canções de Gil buscam expressar, todo o tempo, é a presença do mistério, e por toda parte. Seu canto reflete este pasmo diante da grandeza do mistério. É o que está claro na

¹⁴ Miguel Jost & Sergio Cohn. Entrevistas Bondinho. Rio de Janeiro: Azougue, 2008, p. 107.

¹⁵ Cissa Guimarães & Patrícia Guimarães. Viver com fé, p. 259.



canção “Esotérico” (1976): “Mistério sempre há de pintar por aí” (CR, 213). E os olhos precisam ser educados para captar essa beleza, que se irradia pelos fenômenos da natureza, como o luar:

O luar
Do luar não há mais nada a dizer
A não ser
Que a gente precisa ver o luar (CR, 287)

Tudo o que brilha na natureza é uma prolongação do nosso corpo, e ainda mais, é parte integrante de nosso corpo. É o que reverbera em Gil: “Nós somos natureza”. Tudo que acontece no tempo reverbera, irradia, provocando uma singular ressonância. Mesmo o movimento distante de uma folha na relva, em qualquer lugar do universo, tem um impacto sobre nós. Estamos todos inseridos numa malha de relações, como num rizoma, onde as linhas remetem-se umas às outras. E a canção é capaz de expressar essa dinâmica:

Há
De surgir
Uma estrela no céu cada vez que ocê
Sorrir (CR, 286).

O fascínio pelo mistério perdura nas canções de Gil e ganha um conteúdo vivo em todo o trabalho que antecedeu o CD Quanta, de 1996, que foi sendo gestado desde 1992. Captou a “ideação do mistério em ação” em suas leituras sobre o quantum da matéria. E revela: “Quando descobri o mundo quântico, eu disse: ‘Ah, olha aí: dobraram-se finalmente’. Descobriram que não são nada sem o mistério”¹⁶. O mistério envolve o mundo das pessoas¹⁷, e também o mundo transcendente:

Seu sou algo incompreensível
Meu Deus é mais” (CR, 213).

O que dardeja ocultamente na natureza vem captado de forma singular pelo artista e torna-se expressão poética:

Debaixo do barro do chão da pista
onde se dança
Suspira uma sustança sustentada por
um sopro divino
Que sobe pelos pés da gente e de
repente se lança
Pela sanfona afora até o coração do
menino (CR, 227).

A canção das coisas

O que encanta nas canções de Gil é a leveza, a sutil percepção dos pequenos e simples detalhes da vida. O cotidiano ganha um colorido particular. São construções poéticas delicadas e reveladoras:

Vamos fugir
Pronde haja um tobogã
Onde a gente escorregue
Todo dia de manhã
Flores que a gente regue

¹⁶ Gilberto Gil & Ana de Oliveira. Disposições amorosas, p. 40.

¹⁷ Gilberto Gil. Encontros, p. 164.

Uma banda de maça
 Outra banda de reggae (CR, 347)

O compositor arma sua tenda no chão da vida, atento ao ritmo do dia-a-dia. A cabeça é leve e os pés firmam-se no chão:

Eu estou onde tudo esteja
 Ou seja
 Onde quer que esteja em mim
 O céu, o chão, o não, o sim
 A vontade de Deus (CR, 173)

A vida e seu rumo são pontuados por desígnios gratuitos. O decisivo é a disposição de escuta, com leveza: “Agora calo, calço o chinelo, reparo a flor” (CR, 190). Ou então, como na canção “Refazenda” (1975):

Abacateiro
 Serás meu parceiro solitário
 Nesse itinerário
 Da leveza pelo ar (CR, 196).

E o bonito é poder demorar-se entre as coisas, captando as suas formas e o seu fragor, como expresso na canção “Retiros espirituais” (1975). O momento irredutível de “estar defronte de uma coisa e ficar” (CR, 202). Aqui notamos o influxo positivo da fórmula Wu Wei (não ser, não fazer, não agir), tomada da tradição taoísta. Trata-se de um “deixar-ser”, sem que isto signifique passividade, mas disponibilidade ativa ao canto das coisas. É o tempo que se inaugura na cadência de cada instante (CR, 225). Gil, em estilo único, que faz lembrar a sétima Elegia de Duíno (Rilke), celebra a grandiosidade do momento: “O melhor lugar do mundo é aqui e agora” (CR, 234)¹⁸. E o compositor comenta a respeito: “O ‘aqui e agora’ reivindicado pelos místicos: a situação confortável, que deveria ser buscada e atingida pelo homem, de integridade na vivência de cada momento, de cada centímetro de espaço ocupado” (CR, 234). É um convite que se apresenta para todos, de refestança:

Só não pode quem não quiser
 Ver que o céu da Terra é azul
 Ver que o verde é verde
 Que a vida viaja
 E com a vida a gente vai
 Vai, vai, vai (CR, 240).

No rastro da canção, a percepção alerta dos passos que marcam o dia, dos dias lindos que tornam “mais branca a roupa no varal”. Sem dúvida, “o sentido desta vida é ao invés, azular a cor do branco e clarear” (CR, 252). Tudo que brota e vibra no tempo é rebento:

Rebento, tudo que nasce é rebento
 Tudo que brota, que vinga, que medra
 Rebento raro como flor na pedra
 Rebento farto como trigo ao vento (CR, 269).

O sussurro do Deus Mu-dança

Em meio ao ritmo do mistério, a presença do Deus Mu-dança, utilizando aqui o recurso linguístico adotado por Gil para caracterizar o traço essencial da transformação, que também opera no mundo da divindade: “O eterno Deus Mu-dança” (CR, 390). Para além dos códigos rígidos que

¹⁸ E o que mais impressiona é o fato de uma afirmação tão expressiva ter sido composta na prisão: Gilberto Gil. Encontros, p. 144.



operam em muitas tradições religiosas, das reflexões sensatas, o recorte de um Deus que “está solto”¹⁹, diluído e irradiado no tempo; de um Deus que convoca à transformação.

O clima espiritual que acompanha uma tal reflexão é de singular otimismo, de acolhida simpática, de esperança num horizonte benfazejo. Num ângulo um pouco distinto do “nilismo essencial” defendido por Caetano na canção “Oração ao tempo”, Gil manifesta sua esperança na permanência e na transformação. Não se trata de deixar de ser, como aponta Caetano, mas ser de uma forma distinta, integrada:

Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo
Transformando
Tempo e espaço navegando todos os
Sentidos (CR, 344)

Com “Tempo rei” (1984), Gil deixa aberta uma porta para algo pós, sempre embalado pelo toque de otimismo. Assinala em entrevista que prefere “os corpos que ressuscitam e se levantam apesar de tudo”²⁰. Daí sua tranquilidade de lidar com a questão da morte, entendida como deusa, como “rainha que reina sozinha” (CR, 153). E retoma a ideia em canção:

Se a gente teve o tempo para crescer
Crescer para viver de fato
O ato de amar e sofrer
Se a gente teve esse tempo
Então vale a pena morrer (CR, 250),

Numa espiritualidade de semblante feminino, regida pela busca da leveza, da ternura, do equilíbrio e da paz, Gil celebra a força da fé, do impulso que move as pessoas, as criaturas e as montanhas; de uma fé que “não costuma faia” (CR, 311). E assinala: “Uma das características básicas da fé é a possibilidade dessa manutenção do elã vital, do gosto de viver, que é no que consiste a fé”²¹.

Ao afirmar sua espiritualidade, ao defender o elã da fé, Gil entende que essa entrega não se compagina, em hipótese alguma, com qualquer seiva de intolerância ou exclusão. Trata-se de uma espiritualidade que é ponte que acolhe e abraça as diferenças. Se há algo que não suporta é a intolerância com os outros. E a experiência requer do sujeito disposições que estão sempre ligadas ao desapego e à gratuidade. Para “falar com Deus” é necessário “ficar a sós”, “calar a voz”, “encontrar a paz” e “folgar os nós”. É antes de tudo uma grande “aventura”, que exige muita coragem para quem se dispõe, pois não há “cordas para segurar” (CR, 291). O acesso à “realidade última” não é algo simples. Há que enfrentar, delicadamente, os passos de uma travessia que implica a realidade do nada, de um “vazio-Deus”. Daí a sequência ilustrativa de treze não presentes na canção de Gil.

Ao final desse itinerário onde se buscou sinalizar os traços que marcam a experiência espiritual de Gil, fica a presença de uma sensação positiva, de energia singular, onde as expressões mais presentes são vida e alegria. Trata-se de uma espiritualidade bem terrenal, de integralidade, pontuada pelo sabor dos frutos da terra, como “um cesto de alegria de quintal” (CR, 290). Uma espiritualidade que traz consigo um convite que é para todos:

Amarra o teu arado a uma estrela
E os tempos darão
Safras e safras de sonhos
Quilos e quilos de amor (CR, 385).

19 Gilberto Gil. Encontros, p. 163.

20 Ibidem, p. 163.

21 Cissa Guimarães & Patrícia Guimarães. Viver com fé, p. 256.

Um manifesto mal digerido

Eduardo Vicentini de Medeiros

“Quase nenhum intelectual dessas perenes capitánias hereditárias do pensamento acertou a bússola pelo polo magnético da Revolução Caraíba. Se, encarapitados no *London Eye*, na Torre Eiffel ou no *Empire State Building*, perguntarmos aos gringos o que há de absolutamente fresco no cercadinho tupiniquim das Humanidades, o resultado será decepcionante. Talvez o perspectivismo ameríndio do Viveiros de Castro livre a nossa cara. E o que mais? É irônico que Oswald tenha escrito “A Crise da Filosofia Messiânica” para um concurso na Universidade de São Paulo - USP, berço esplêndido de nosso ranço historiográfico”, escreve Eduardo Vicentini de Medeiros, sobre os 90 anos do *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade, completados em maio de 2018.

Eduardo Vicentini de Medeiros é doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas na Universidade de Santa Cruz - Unisc.

Eis o artigo.

Estamos em débito com Oswald. Noventa anos se passaram da publicação do Manifesto Antropófago e andamos para trás. Ouvimos pouco do que ele disse. Não compreendemos quase nada do que ele já havia entendido.

Os artistas, dizia o velho Pound, são as antenas da raça. Em grande medida porque vislumbram as possibilidades vivas de uma época. Oswald era uma antena e tanto, captando o que Pindorama tinha de melhor para oferecer ao mundo. Augusto de Campos, outra antena de sofisticada sintonia para captar finos biscoitos, afiançou que a Antropofagia Oswaldiana era “...a única filosofia original brasileira e, sob alguns aspectos, o mais radical dos movimentos artísticos que produzimos”. Fecho com Augusto. Onde pode estar esta filosofia *aprè* Oswald? Ninguém sabe, ninguém nunca viu ou ouviu. Tivemos o Tropicalismo é bem verdade. Mas e na academia, qual o saldo?

Quase nenhum intelectual dessas perenes capitánias hereditárias do pensamento acertou a bússola pelo polo magnético da Revolução Caraíba. Se, encarapitados no *London Eye*, na Torre Eiffel ou no *Empire State Building*, perguntarmos aos gringos o que há de absolutamente fresco no cercadinho tupiniquim das Humanidades, o resultado será decepcionante. Talvez o perspectivismo ameríndio do Viveiros de Castro livre a nossa cara. E o que mais? É irônico que Oswald tenha escrito “A Crise da Filosofia Messiânica” para um concurso na Universidade de São Paulo - USP, berço esplêndido de nosso ranço historiográfico.

Mas de que rio deságua todo meu pessimismo? Qual a contabilidade do débito para com o Manifesto Antropófago? Pois bem, vejamos.

‘*Contra todas as catequese*’, demandava o Manifesto. E o que vemos? A já volumosa bancada da Bíblia querendo emplacar a mais implacável nominata da história desta desventurada República. Na tímida resistência, populações indígenas se organizam para tentar eleger um representante por Estado, para fazer frente aos ruralistas e ao desmonte da Funai e da política de demarcações. Quem vocês acham que vai se dar bem nessa corrida pelo voto? A Bíblia, o Boi ou o Cocar? Caso reste cocar ou cabeças de índios, em razão do genocídio em curso e do desrespeito aos costumes de

“A já volumosa bancada da Bíblia querendo emplacar a mais implacável nominata da história desta desventurada República”

nossos povos ancestrais. Em Porto Alegre, índio que anda com seu macaquinho bugio a tiracolo recebe voz de prisão da Guarda Municipal. Quando leio notícias como essa, narrando o preconceito nosso de cada dia, lembro do Graça Aranha: “O Brasil não recebeu nenhuma herança estética dos seus primitivos habitantes, míseros selvagens rudimentares. Toda a cultura nos veio dos fundadores europeus”. Nunca é demais alertar que Oswald escreveu seu Manifesto em franca oposição a esta descaracterização dos índios na cultura brasileira.

‘*Só me interessa o que não é meu*’, bradava Oswald. E o que estamos assistindo em solo nacional é a cavalgada da intolerância e o ensimesmamento das bolhas digitais. O lema da vez é: só me interessa o que é igual a mim. O que não é meu, só me interessa se rolar uma comissão por fora!

“*Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão.[...] Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia*”. Ah, que saudade das comissões e do nepotismo do Vieira! Pelo menos sabíamos onde ficava o dinheiro. Agora as comissões passam por doleiros e propinodutos à destra ou à sinistra. Para atinar onde estará o dinheiro, criamos acordos pouquíssimo transparentes do Ministério Público Federal com o Departamento de Justiça do Grande Irmão do Norte.

Mas como nepotismo pouco é bobagem, o deputado Wladimir Costa, aquele do rojão de confetes, comemora a nomeação do filho para cargo público no Pará – curral eleitoral da família – com essa daqui: “A missão é dada, a missão será cumprida! Deus nosso senhor Jesus Cristo no comando!” Mas a lábia não é só do Wladimir e seus cupinchas. A lábia do Padre Vieira ainda está aqui, lépida e insidiosa como nunca, ecoando sem o brilho retórico do original, nos plenários das casas legislativas. E, *concessa maxima venia*, nos tribunais superiores onde a criatividade hermenêutica e as intenções de ocasião parecem andar de braços com uma semântica *a la* Humpty Dumpty: “*When I use a word, Humpty Dumpty said in rather a scornful tone, it means just what I choose it to mean — neither more or less*”.

“*Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval*.” Pois bem, se não bastasse o crescimento da bancada da Bíblia, agora nem dinheiro público para o Carnaval parece que restou no espólio da ressaca dos Campeões Nacionais. Faremos Carnaval, mas só se for autossustentável. De acordo com o entendimento turvado e a vontade férrea de um gênio legislante do Sul Maravilha, nem mesmo a Lei Rouanet deveria ser utilizada para patrocinar poucas vergonhas ou cousas que “atentem contra a moral pública”. Nessa cruzada conservadora, o Carnaval que se cuide!

“*O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas + fala de imaginação + sentimento de autoridade ante a prole curiosa*.” Dia desses foi parar no Supremo Tribunal Federal - STF uma discussão sobre a Lei 3.468/2015, aprovada pelos valorosos vereadores de Paranguá. Uma parte da lei em questão pretendia restringir políticas de ensino sobre ‘gênero’ e ‘educação sexual’ nas escolas. Iniciativas similares ocorreram em Crato (CE), Pedreiras e Ribeirão Preto (SP), Jacobina (BA), Bela Vista (MS) e Recife (PE). Por sorte e algum juízo, o STF barrou, mas a ‘Moral da Cegonha’, ou seja, a sexualidade envergonhada e o desconhecimento da diversidade do desejo sexual para além das calças do ‘pater famílias’, é um dos sinais mais claros de que andamos para trás. Noventa anos se passaram e a homofobia, a transfobia, a lesbofobia e a bifobia estão mais resistentes do que nunca. No entanto, não há sentimento de autoridade que aplaque a curiosidade da prole. O patriarcado já mostra suas fissuras por todo lado. Resta saber quantos outros noventa anos serão precisos para nos aproximarmos minimamente da restauração do Matriarcado de Pindorama. ■

Leia mais

- **Lemas para o bicentenário de Thoreau: simplifique e desobedeça.** Artigo de Eduardo Vicentini de Medeiros publicado na revista IHU On-Line, nº 509, de 21-8-2017, disponível em <http://bit.ly/2L8jXk2>.



Milla (Milla Suzarte) e Gilmar (Gilmar Araújo) fazem parte da história de poliamor apresentada no filme

A cidade – e o país – do futuro

História sobre poliamor no sertão baiano move pela simplicidade e relevância

64

Fernando Del Corona¹

A cidade do futuro, novo longa da dupla de diretores Cláudio Marques e Marília Hughes, segue uma forte tendência do cinema nacional contemporâneo por uma espécie de hiper-realismo estilizado. O filme convida comparação com duas outras obras recentes: *Corpo elétrico* (2017), de Heitor Lacerda, em sua abordagem natural e minimalista de personagens *queer*; e *Boi neon* (2015), de Gabriel Mascaro, ao tratar de performances de gênero no interior brasileiro, mais especificamente no sertão baiano. O resultado é um obra reflexiva, politizada por seu conteúdo mais do que por uma postura declarada. De fato, a maior declaração política do filme vem antes mesmo da série de logotipos típica da abertura de filmes nacionais. Sobre uma tela preta, se lê: #mariellepresente – no cinema, antes do filme, ainda, passa o trailer do documentário *O processo*, de Maria Augusta Ramos, menos uma coincidência do que um sintoma da propensão política que vem tomando os filmes brasileiros de uma forma ou outra.

Essa propensão, aqui, vem na forma da coragem diante da violência. Logo no começo do filme, Gilmar (Gilmar Araújo), professor em uma escola de Serra do Ramalho, na Bahia, pergunta para Igor (Igor Santos): vamos casar? Ao que esse responde: não. Você tem medo? Tenho. Morando em uma região tão marcada pelo preconceito e pela violência, não é de espantar. Enquanto os dois conversam em uma caverna marcada por pinturas rupestres, Milla (Milla Suzarte), professora na mesma escola de Gilmar, troca beijos com outra garota diante do Rio São Francisco, longe da cidade. São esses os lugares que, de início, cabem a esses personagens, reclusos, escondidos. E seu lugar de direito que eles vão reivindicar ao longo da história.

A relação do nome dos personagens com seus atores não é por acaso: essa é uma versão de suas histórias. Os diretores foram para Serra do Ramalho fazer uma pesquisa sobre como a cidade se estabeleceu quando, nos anos 1970, uma população ribeirinha perto do Rio São Francisco foi desapropriada para a construção da barragem de Sobradinho e enviada para a serra, longe da vida que conheciam. Lá, conheceram Gilmar, Igor e Milla, que viviam uma relação poliamorosa. Milla

¹ Fernando Del Corona é mestre em Comunicação e especialista em Televisão e Convergência Digital pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, graduado em Produção Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

engravida de Gilmar, mas Igor também faz parte dessa nova formação familiar que vai contra os costumes de uma sociedade que não está pronta para aceitar isso.

Os sinais da história real são palpáveis. Quando Milla vai fazer um ultrassom, este fora o primeiro realizado pela atriz, o que gera um dos momentos mais sensíveis e honestos do filme. Assim, a gravidez dela não precisa ser encenada. Gravando o filme em dois momentos diferentes, vemos o corpo grávido de Milla se banhando, sem artificialidades.

Ao mesmo tempo, esse naturalismo faz se sentir em momentos da atuação, especialmente de Igor, que parece o menos à vontade em frente da câmera – mas que ainda apresenta uma fragilidade e honestidade cativantes. Para compensar, algumas cenas assumem um tom quase documental, seja em depoimentos de moradores da região sobre a desapropriação ou em uma pequena cena onde Igor tenta vender um plano de saúde para um casal de idosos, os três tropeçando de maneira encantadora no diálogo. O resultado é uma mistura de atuações naturalistas e o que se torna um certo charme incerto de personagens coadjuvantes que, percebe-se, interpretam variações de si mesmo.

O filme evita rótulos. Gilmar e Igor se amam, mas também amam Milla. Durante uma massagem, Gilmar pergunta para Milla se ela tem ficado com alguém. Ela diz que sim. Menino ou menina? Menino e menina. Os três tentam levar a vida como possível, mas a cidade se coloca entre eles, conforme os três são hostilizados constantemente, existindo sobre eles uma constante ameaça de violência e exilamento. Mas eles se recusam a ser forçados a sair, como a população da cidade fora. No meio da luta para existir, resta a eles encontrar o afeto onde podem. Um dos melhores elementos do filme é a utilização da música *Jeito carinhoso*, de Jads & Jadson, usada pontualmente em dois momentos distintos, com grande acerto.

Com 76 minutos, *A cidade do futuro* não se prolonga muito. É um filme cheio de silêncios, momentos lentos e morosos, como muitas vezes é a vida no interior. Igor vai de um emprego para o outro. Gilmar e Milla preparam a casa onde vão morar. A fotografia de Gabriel Martins é bela e criativa. Não se deve esperar grandes reflexões ou questionamentos: a vida passa, e eles buscam alguma normalidade onde sua existência é tudo, menos normal.

O cinema brasileiro recente tem se demonstrado solo fértil para histórias de personagens *queer*. Nos últimos anos, foram produzidas obras tão diversas como os gaúchos *Castanha*, de Davi Pretto, e *Beira-mar*, de Marcio Reolon e Filipe Matzembacher, *Tatuagem*, de Hilton Lacerda, *Praia do Futuro*, de Karim Aïnouz, assim como o documentário *Laerte-se*, de Eliane Brum e Lygia Barbosa da Silva, entre muitos outros. Recentemente, dois filmes nacionais, *Tinta bruta*, também de Reolon e Matzembacher, e *Bixa Travesty*, de Claudia Priscilla e Kiko Goifman, foram premiados no Teddy Awards, a seção do Berlinale, o festival internacional de cinema de Berlim, dedicada a filmes com temática *queer*.

Em tempos altamente politizados, são filmes importantes e necessários. Assim como Milla, Gilmar e Igor fazem em Serra do Ramalho, são obras que estão defendendo seu lugar no país, seu direito de ser. É uma questão de existir como forma de protesto, de política e de resistência.



A cidade do futuro (2016), de Cláudio Marques e Marília Hughes

Ficha técnica

A cidade do futuro

Direção: Cláudio Marques e Marília Hughes

Produção: Cláudio Marques e Marília Hughes

Elenco: Gilmar Araújo, Igor Santos, Milla Suzarte

Brasil, 2016, 76 min.

Reaproximação das duas Coreias: os primeiros passos de uma longa caminhada

Gabriel Adam

No presente artigo, Gabriel Adam destaca que as duas Coreias permanecem oficialmente em guerra desde 1950, posto que a estabilização do conflito e a confirmação da fronteira entre os países no Paralelo 38 foram obtidas a partir de um armistício e não de um tratado de paz formal. Desde então, a relação entre ambas oscilou, com momentos de indiferença mútua (mais raros), tentativas de negociações ocasionais e aumentos da tensão.

Gabriel Adam é formado em Ciências Jurídicas e Sociais, possui mestrado em Relações Internacionais e doutorado em Ciência Política. É professor dos cursos de Relações Internacionais e Direito na Unisinos.

Eis o artigo.

66

Tradicionalmente um tema impactante no Nordeste Asiático, o confronto coreano ascendeu a outro patamar quando em 2003 a Coreia do Norte reconheceu que possuía armas nucleares, mesmo ano em que o regime de Pyongyang denunciou o Tratado de Não-Proliferação Nuclear, ao qual aderira em 1985. No ano de 2006, a Coreia do Norte anunciou o sucesso de seu primeiro teste com suas armas nucleares. Na década seguinte foi se estabelecendo uma dinâmica de conversações das Seis Partes (Coreia do Norte, Coreia do Sul, China, Japão, Estados Unidos e Rússia), sanções aprovadas na Organização das Nações Unidas - ONU, esgotamento econômico do regime norte-coreano, ameaças feitas por Pyongyang, refreadas em troca de apoios humanitários pontuais, novas negociações etc. Em suma, a situação ingressara em um ciclo aparentemente perene. Contudo, nos dois últimos anos a situação se modificou, tendo primeiro piorado em escala inédita para, depois, parecer se encaminhar para um bom termo.

A fim de entender o segundo momento, o alvissareiro, cumpre reconstruir brevemente aquele marcado pelo pessimismo. No ano de 2017, Donald Trump assumiu a presidência dos Estados Unidos, o que fez a Casa Branca retomar uma política externa de conotações imperialistas e intervencionistas mais abertamente declaradas. Um *revival* do governo de George W. Bush (2001-2009). Contudo, antes mesmo de Trump assumir, no primeiro dia daquele ano, Kim Jon-un declarou em rede de televisão que testaria um míssil balístico intercontinental. O teste foi realizado com sucesso em 04 de julho. Washington ameaçou atacar a Coreia do Norte caso continuasse com suas políticas. Kim Jon-un retrucou, afirmando que realizaria um ataque nuclear no coração dos Estados Unidos caso estes tentassem derrubá-lo do posto de Supremo Líder norte-coreano, pois possuiria capacidade para tanto. Até o final de 2017 a belicosidade de parte a parte continuou, elevando a tensão a níveis assustadores, seja pelas conquistas técnicas alegadas por Kim Jon-un, seja pela imprevisibilidade e inconsequência que parece ser uma marca de Trump.

Quando o destino da península coreana parecia mais incerto desde 1950, chegou o ano de 2018 e com ele um inesperado relaxamento da situação. Gestos carregados de simbolismo em direção à paz ocorreram logo no começo do ano, nas Olimpíadas de Inverno sediadas pela Coreia do Sul¹. Neste evento, televisionado para todo o mundo, as duas Coreias participaram de alguns

¹ Vale lembrar que quando foi negada à Coreia do Norte participação nas Olimpíadas de Verão de Seul de 1988, o regime norte-coreano organizou um atentado terrorista no voo 858 da companhia sul-coreana Koren Airlines, o que resultou na morte de 115 pessoas.



“A reunião de famílias separadas pela guerra é relevante; o tema principal de Panmunjom é a desnuclearização da península.”

esportes em conjunto e Kim Yo-jong, irmã do mandatário norte-coreano, visitou o evento. Em março, Kim Jon-un propôs um encontro com o mandatário estadunidense e se dispôs a incluir na agenda de discussão o programa nuclear de seu país. Após um estranhamento e uma quase recusa iniciais, Donald Trump declarou que aceitava se encontrar com o seu par norte-coreano. A princípio, o histórico encontro estaria marcado para 12 de junho próximo.

Em meio à retomada de diálogo diplomático entre Coreia do Norte e Estados Unidos estava o presidente da Coreia do Sul, Moon Jae-in, que, com sua estratégia de sanções + diplomacia nas relações com a vizinha do norte, se mostrou, desde o início do ano, receptivo aos atos “pacificadores” vindos de Pyongyang. O ponto alto da reaproximação das Coreias ocorreu em 27 de abril, quando Kim Jon-un se encontrou com Moon Jae-in em um vilarejo na fronteira entre os dois países, ocasião em que apertaram as mãos para a posteridade. Tal reunião possui enorme significação, pois há mais de dez anos líderes das duas Coreias não se encontravam pessoalmente, que dirá apertar as mãos cenograficamente para a mídia. O resultado foi a Declaração de *Panmunjom*, a qual aborda passos indispensáveis para a pacificação da península coreana. Cabe destacar algumas das resoluções presentes no documento: promessa de cessação de hostilidades terrestres, marítimas e aéreas entre os países; transformação da zona desmilitarizada que divide as Coreias e a fronteira marítima ocidental em Zonas de Paz; suspensão pelos dois Estados da transmissão de propaganda contra o regime rival, e desmantelamento dos equipamentos utilizados para tal fim; e proibição das propagandas realizadas ao longo da fronteira. Neste sentido, no dia 05 de maio 300 policiais sul-coreanos proibiram ativistas de lançarem balões com 5.000 folhetos contra o regime de Kim Jon-un. As atenções, então, se voltaram para a reunião entre Trump e Kim Jon-un. Do lado norte-coreano, o destino de seu programa nuclear é fundamental. E de parte dos EUA, é preciso debater o que será feito das bases estadunidenses alocadas na Coreia do Sul, cuja justificativa principal para a existência é justamente a ameaça sul-coreana. Para Washington, isto significaria perder sua cabeça de ponte no Leste Asiático, o que seria uma perda estratégica. No dia 12 de maio o governo norte-coreano declarou suspensas as negociações de paz com a vizinha do sul em função de exercícios militares aéreos realizados por EUA e Coreia do Sul. Pyongyang considerou que estas exibições de poder são incoerentes com a postura amena que vêm pautando as relações entre as Coreias nos últimos meses. Tendo em foco a relevância que a península possui para os EUA, é perceptível que os interesses de Washington continuam sendo o único foco de suas ações. A isto se acrescenta que a paz coreana beneficiaria a China, pois sua influência político-diplomática e econômica na região ao se relacionar com as Coreias pacificadas ou com uma Coreia unificada por certo aumentaria, o que para os EUA representa uma perda.

Os reveses dos últimos dias demonstram que a paz na península coreana não será atingida de forma fácil. Mas a esperança deve ser mantida, posto que se for mantida a boa vontade das duas Coreias e o apoio chinês ao processo de paz for intensificado, os EUA de Trump não conseguirão avançar como desejam sua agenda unilateral e imperialista.

Expediente

Coordenador do curso de Relações Internacionais da Unisinos: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

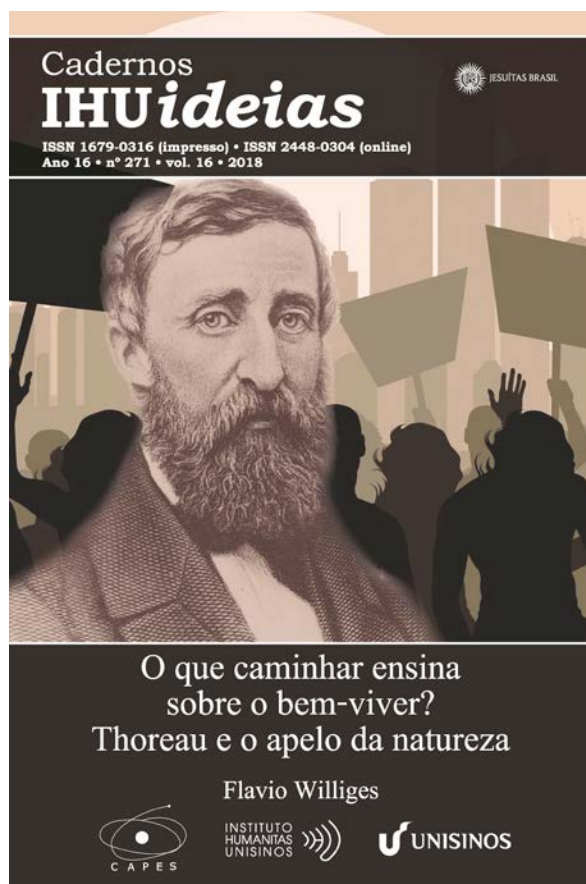
O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza

A edição número 271 do Cadernos IHU Ideias traz o artigo de Flavio Williges, intitulado *O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza*. No texto, o autor promete mostrar que “as caminhadas nas florestas são, para Thoreau, uma fonte fundamental de conhecimento do bem-viver, da vida boa ou sábia”. “Abordarei, em particular, duas dimensões do bem-viver discutidas em conexão com o caminhar em meio à natureza selvagem: a ideia de viver no presente e a ideia de manter o espírito sempre jovem, disposto para a vida”, completa Williges.

Flavio Williges é professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Licenciado em Filosofia pela UFSM, também é mestre em Filosofia pela mesma instituição e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Seus temas de trabalho versam sobre Epistemologia, com ênfase no ceticismo de Descartes e Hume e nos argumentos céticos contemporâneos e suas objeções, principalmente as diferentes formulações da teoria das alternativas relevantes (Austin, Wittgenstein, Dretske, Stroud, Michael Williams), ética das virtudes (Iris Murdoch, Hursthouse, Foot, Annas) ética do cuidado (Gilligan, Little, Held, Slote, Annette Baier) psicologia moral (caráter, eu moral, identidade prática) críticas emotivistas às abordagens kantiana e utilitarista da ética, ontologia e epistemologia das emoções (Nussbaum, Sherman, Goldie, De Sousa), emoções morais, teorias da felicidade, sabedoria e bem-viver.

Acesse a versão completa do artigo em PDF através do link <http://bit.ly/2IUbaWn>.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo

O Cadernos Teologia Pública, em seu número 132, apresenta o artigo de Massimo Borghesi. Sob o título, *O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo*, o autor ilustra a gênese do pensamento de Jorge Mario Bergoglio, os mestres

argentinos e europeus que, dentro da Companhia de Jesus, contribuíram para a sua formação. “Entre estes, um papel particular é desempenhado por Gaston Fessard, o grande autor jesuíta francês de *La dialectique des exercices spirituelles de saint Ignace de Loyola*, um livro que o futuro papa leu com grande atenção. A partir dessa leitura, surge uma visão dialética, polar, para a qual a Igreja aparece, em um mundo dividido, como a *complexio oppositorum*, a unidade daqueles opostos que, no plano histórico, tornam-se contradições, fonte de guerra. O “pensamento tensionante” de Bergoglio, que se alimenta também do estudo do pensamento polar de Romano Guardini, é um modelo de paz, que, como mostra seu pontificado, propõe a unidade entre kerygma e moral, entre Misericórdia e verdade”, destaca o autor.

Massimo Borghesi é professor de Filosofia Moral no Departamento de Filosofia, Ciências Sociais, Humanas e da Formação da Universidade de Perugia, na Itália. De 2000 a 2002, foi diretor da Cátedra Bonaventuriana na Pontifícia Universidade Bonaventura de Roma. É membro

do conselho científico das revistas Studium e Atlantide. É consultor da revista Humanitas, de Santiago do Chile.

Acesse a versão completa do artigo em PDF através do link <http://bit.ly/2kwSmxO>.

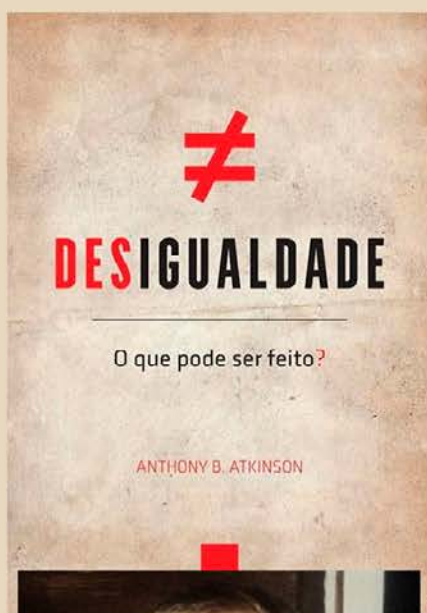
Esta e outras edições dos Cadernos IHU também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



A contemporaneidade em debate

Intérpretes e obras (2ª Edição)

07 de junho de 2018 (quinta-feira)



17h30min às 19h –

Desigualdade. O que pode ser feito? Tradução de Elisa Câmara.

Obra de Anthony B. Atkinson

Apresentação da obra pelo

Prof. MS Márcio Eloir Schweig – Unisinos

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

**Inscrições e informações em
ihu.unisinos.br/eventos**



Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-antiores



A potência das ruas em debate

Edição 434 – Ano XIII – 9 -12-2013

Nos meses de junho a outubro de 2013, o Brasil foi sacudido pela movimentação das ruas. As grandes manifestações do mês de junho não cessaram nos meses seguintes. Os protestos foram tema de debate nas publicações do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Nessa edição da IHU On-Line, o debate foi retomado. Pesquisadores e professores discutem as mobilizações e a violência que têm acompanhado as mesmas.



Política de alianças: entre a necessidade e os limites

Edição 398 – Ano XII – 13-8-2012

Nesse ano eleitoral a campanha estava nas ruas. Perplexa, a opinião pública havia assistido às alianças partidárias feitas para as próximas eleições municipais. A revista IHU On-Line entrou no debate e discutiu a necessidade e os limites, também necessários, das alianças políticas. Contribuem no debate Luiz Werneck Vianna, Roberto Romano, Renato Janine Ribeiro, Maria Victoria de Mesquita Benevides, Marco Aurélio Nogueira, José Antonio Spinelli e Jairo Nicolau.

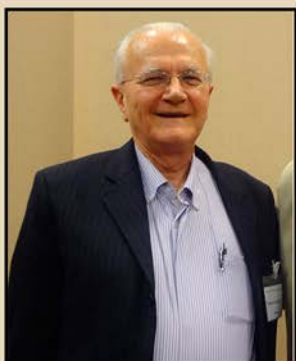


O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975

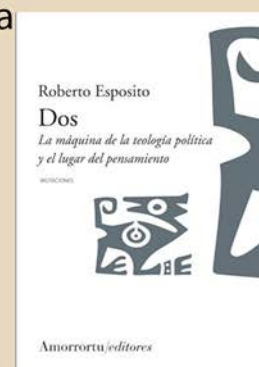
Edição 206 – Ano VI – 27-11-2006

Se, para os gregos, o projeto político era “viver bem”, para a modernidade é “sobreviver”. Assim afirma Miroslav Milovic, professor da UnB, refletindo sobre o legado de Hannah Arendt, “o mundo moderno é o mundo sem a política, o mundo da economia e das condições da sobrevivência”, ou seja, “a modernidade, aproximando o privado e a natureza da política, anuncia uma específica despolitização”. Nessa edição da IHU On-Line, a política na modernidade e o pensamento de Hannah Arendt pautam as discussões.

05 de junho (terça-feira)



19h30min às 22h – Dos. La máquina de la teología política y el lugar del pensamiento. Obra de Roberto Esposito. Apresentação da obra pelo **Prof. Dr. José Roque Junges – Unisinos**



Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
ihu.unisinos.br

06 de junho de 2018 (quarta-feira)



19h30min às 22h – Revolução 4.0 e o trabalho. Dados esclarecedores e a necessária renda universal

Prof. MS Gilberto Faggion – Unisinos e
Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz – Unisinos



Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
ihu.unisinos.br

07 de junho (quinta-feira)



17h30min às 19h – Desigualdade. O que pode ser feito?
Obra de Anthony B. Atkinson. Apresentação da obra pelo **Prof. MS Márcio Eloir Schweig – Unisinos**



Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
ihu.unisinos.br

ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br

twitter.com/_ihu bit.ly/faceihu bit.ly/instaihu bit.ly/youtubeihu medium.com/@_ihu